

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – ICHF
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TAYNAH DE MARILLACK MAIA MONTEIRO

Aqueles que envelhecem, o tempo e as rugas.

Niterói

2015

M775 Monteiro, Taynah de Marillack Maia.

Aqueles que envelhecem, o tempo e as rugas / Taynah de Marillack
Maia Monteiro. – 2015.

103 f. ; il.
Orientadora: Lilia Ferreira Lobo.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de Psicologia, 2015.
Bibliografia: f. 99–103.

Aqueles que envelhecem, o tempo e as rugas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Lilia Lobo

Niterói

2015

Aos carcomidos pelo tempo, aos antepassados, às histórias nunca antes contadas.

Agradecimentos

Ao sobrenome Marillack, Karla e Tayssa. Tudo o que há em mim, cada sentimento, pensamento, força. Luta de três mulheres para se fazer do pó. Não há alegria maior do que ter nascido, dia após dia, do amor que nutrimos uma pelas outras, motivo suficiente para seguir.

Ao meu pai, Ivan Monteiro, poesia e música pura. Ensinou-me que a melodia encurta distâncias, aquece os dias, faz mover o mundo.

Aos professores que me mostraram minúsculos maravilhamentos “apesar de”. Kathy Amorim, Leila Domingues, Ana Paula Louzada, Marcelo Ferreira Santana, Luis Antônio Baptista, Danichi Mizoguchi e Lilia Lobo, minha orientadora. Suas escritas povoam meus poros, meu atos, meu caminhar.

Ao Lis, pelas noites e rondas. Sem vocês não haveria corpo que aguentasse tanta porrada. Ao Papo Furado...

À Casa de Pendotiba, ao Fábio, ao Rodrigo e Seu Luiz. Podemos dizer que contemplamos aquilo que dão o nome de loucura e o amor em toda sua potência, sou mais alegre com vocês por perto.

À Thais Motta, pela gentileza e noites de vinho. Obrigada por ser minha casa nesse Rio.

À Clarissa Lima, Matheus Nelo e Gabriel Pirovani pela “cópia das chaves de casa”, por partilharem comigo suas moradas, serem meu abrigo.

Ao Daniel Maribondo, primeira porta aberta, e muitos sorrisos nesta trajetória por vezes dura. Aos amigos Leonardo, Karol, Éverson, Bruno e Ronie, pela sensibilidade e coragem com que sustentam o funcionamento de certas máquinas de pensar.

Ao Pedrim, Paolim, Matheus e Vento. Grata por cada café, viola, cuidado; nossas conversas são plenas de outras vozes, ventanias que me transmutaram tantas vezes.

Àquele Sem Nome, que levanta a poeira dos caminhos.

Ao Moisés Nascimento. Todos os dias, todo amanhecer, em qualquer lugar.

Resumo

Esta pesquisa ensaia compreender um pouco dos processos do envelhecer em nosso tempo. Lembranças daqueles que envelhecem povoam; músicas, conversas, gestos e cenas urbanas, extraídos do solo fértil e ruidoso do cotidiano, se misturam e, a partir de recortes e colagens destes fragmentos, narrativas foram sendo construídas, fazendo falar várias vozes do envelhecer. Conceitos naturalizados como o tempo, história, experiência e envelhecer se quebram, apresentando-se, então, transmutados em forma de paradoxos; estes levantam questionamentos éticos importantíssimos que dizem respeito a que vida desejamos viver. Formas de amar, cuidar, morrer e resistir à relações de biopoder iluminam-se, e testemunhos, tentativas de dar nome ao sem nome se constroem, dizendo um pouco sobre as vidas que insistem em viver apesar de todos os saberes e verdades que se empenham em apequenar suas existências.

Palavras-chave: envelhecer, tempo, memória, narrativa, história, experiência.

Abstract

This research aims to comprehend some of the processes of the aging in our time. Reminiscences of the aging ones inhabit the songs, conversations, gestures and urban scenes that are extracted from the fertile soil and noises of the everyday. These memories are entwined. And from cutouts and collage of these fragments, narratives were built, making several voices of the aging speak. Naturalized concepts such as the time, history, experience and aging are broken down, to reveal them transmuted as paradox; now raising essential ethical questions that concern the life we desire to live. Ways to love, to care, to die and to resist the biopower relations are illuminated, and testimonies, attempts to give names to the nameless are constructed, speaking about the lives that persist to live regardless of all the knowledges and truths that strive to diminish their existence.

Keywords: aging, time, memory, narratives, history, experience.

Sumário

1. Leveza e luminância	8
2. Aqueles que envelhecem	12
Um método que aceite explosões	19
Um método que se apague	22
3. Somos feitos de tempo	24
Deleuze e Bergson confabulando temporalidades	27
Somos feitos de lembranças	35
4. Morte doce, morte de mar: o envelhecer e as ondas	44
O tempo é uma fenda	47
Quando algo nos passa	51
A solidão reina soberana feito o mar	55
Vizinhanças	57
5. Não quero choro, nem vela.....	59
Um velório sem flores	61
Enquanto isso... ..	68
“aquilo que não se é dizendo e não se diz dizendo”	69
6. Papo Furado	78
Conselhos e papos	83
Preciso te contar	87
7. Passarinho	91
8. Histórias de cacós, restos e cantorias: os portões do mundo que meus avós criaram.. ..	96
Referências bibliográficas	99

1

Leveza e luminância.

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sobre outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...

Ítalo Calvino¹

Esta pesquisa se lança ao desafio de ser leve. Leveza por não ocupar cada linha com blocos de certezas, mil citações, referências em demasia a grandes filósofos, transcrições de entrevistas com o público-alvo, nomes, identidades e datas. O esforço é para viver e se inscrever em “outros meios de conhecimento e controle”, como diz Calvino; tentar escapar um pouco daquilo que tenha por alvo se legitimar como ciência, ou ao menos ciência com parâmetros positivistas. Este tipo de saber, focado em produzir um conhecimento definitivo sobre aquilo que pesquisa, só se torna possível para aqueles que pensam possuir um “objeto de pesquisa” neutro e apaziguado. Tomado o devido distanciamento, o objeto seria passível de investigação; interpretações poderiam ser feitas; sondar-se-ia todos seus lados, fatos e origem; averiguar-se-ia o que o define como tal e, então, a verdade sobre ele poderia ser dita.

Logo nos primeiros passos entendi ser impossível não ser tomada (e não ficar suja, encharcada, envelhecida...) por todos os encontros que me ocorreram, na tentativa de me aproximar daqueles que me propus estudar. Não havia neutralidade em ouvir velhos. O que me “retirou um peso das costas”: peso de buscar um distanciamento que me garantiria informações verídicas, válidas, assegurando-me de contar uma história contínua, retilínea e verificável sobre o envelhecer na contemporaneidade.

Por Leveza entenda-se “cheia de ar”. Mas seu saco engana: é repleto de espaços vazios por onde uma brisa passa. Meu objeto era furado, partido em cacos, enrugado, olhos distantes...

¹CALVINO, Ítalo. (1990). *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 19. Ver Referências bibliográficas.

Aqueles que envelhecem me fizeram passear nas alturas, viajar nas lembranças. O que não era nenhum pouco como se esconder nas memórias, como em sonho, fugindo da realidade. As lembranças daqueles a envelhecer se agarravam a cenas do presente, mas conferiam às mesmas um outro olhar, conferiam à realidade outra lógica, abriam caminhos para outras possibilidades de viver o nosso tempo.

Brisa vinda logo após a tempestade. Não é por ser leve que a pesquisadora em mim não viu, ouviu, sentiu as miríades de pessoas, de forças e prédios, de lixo, de estátuas, carros e buzinas que compõem a vida urbana, cidades que nunca param e se constroem por vezes às custas de ritmos e acontecimentos violentos. É da tempestade e dos frangalhos de sua passagem que esta pesquisa se faz. Seu objetivo é montar uma coleção a partir dos “garimpos” realizados no período do mestrado, e é claro: garimpos feitos por aqueles que envelhecem ao decidirem me contar certas lembranças: como viveram as transformações do tempo e da sociedade, como resistiram e encontraram sentidos para insistir em viver em meio à tamanhas transformações. Às vezes através de palavras, outras vezes por silêncios intensos, estas histórias narram os embates para escapar da tristeza, ressentimento e amargura: lembranças preciosas sobre como habitar o presente e escapar de uma vida pesada que mais parecesse uma quase morte.

Material sem grande valia comercial, a pesquisa é feita de lembranças daqueles que envelhecem, de músicas, gestos e cenas urbanas extraídas do solo fértil e ruidoso do cotidiano. Não de fatos históricos eleitos como importantes por uma forma de se fazer história que tem insistentemente contado a história dos vencedores, dos que constroem um mundo e acumulam riquezas sobre o alto preço do estabelecimento de desigualdades sociais, fascismos, racismos, produção de exclusão e morte, fazendo funcionar jogos de poder que subtraem da vida sua potência; tentam apaziguar e invisibilizar os embates produzidos pela força de pequenas histórias que não contem a trajetória do progresso, da tecnologia e do avanço do capitalismo no mundo; esforçam-se também por apagar a possibilidade de transmitir essas pequenas narrativas e insurgências sobre múltiplos modos de viver e envelhecer para as próximas gerações. Histórias pequenas e leves, mas não como plumas que balançam sem posicionamento, ao sabor do vento. São parecidas com pássaros: leves, porém certeiras, alcançam suas presas, estão posicionadas em voo alto. E cantam. Ruídos e rumores que nos fazem parar para ouvir melodias.

Acontece que, quando adentramos terrenos do cotidiano, logo percebemos que a pesquisa tem vontades próprias: tomava rumos que eu, por uma escolha ética, fui impelida a sustentar. O

método não estava pronto à minha espera; ele foi sendo construído a partir de minhas andanças pela cidade, tendo eu, na verdade, de esperar o fazimento dele em mim, perseguir suas pistas, suas conexões. Uma metodologia previamente estabelecida se tornava incapaz de dar conta, ou ao menos de servir de instrumento para fazer ver o que ocorria pelas ruas, nas conversas. Lembranças entrecortadas requeriam um método que trabalhasse em meio a rupturas, a fragmentos. Na tentativa de pensar o envelhecer e seus cacós, montamos imagens-fragmentárias, uma vez que o pensamento também se dá por imagens e é sempre interrupção, corte e produção de diferença.

A partir da colagem de diversos acontecimentos, narrativas foram construídas que, por um método de montagem, contam sobre os processos de envelhecer na contemporaneidade, sobre o canto de alguns pássaros. Podem fazer surgir imagens, uma constelação de pontos luminosos que falam desses processos e que não cabem dentro de molduras, pois fazem falar várias vozes daqueles que envelhecem e suas trajetórias.

Era necessário afinar os ouvidos para notas tão dissonantes produzidas pelas conversas que colecionei: partituras de lembranças. As narrativas que aqui vos conto é resultado deste ouvido e do ouvido de tantos outros (uma alegria só de saber que muito deles trabalham comigo), que são meio sujo, meio surdo, precisam muito se esforçar para ouvir os rumores. Com ouvidos atentos, adentramos o barulho da imensidão de existências que a todo instante envelhecem e podemos ver surgir melodias e lampejos.

Iniciamos este caminho esburacado historicizando a palavra envelhecer, portanto tornando-a problema para se pensar. Logo descobrimos que o envelhecer não é um objeto imutável a atravessar a história. Longe de um universal, envelhecer é produção de diferença e se transformou nos últimos séculos. Assumindo outros nomes, exatamente por não ser o mesmo, hoje palavras carregadas de embates dizem sobre a passagem do tempo em nós: terceira idade, jovens velhos, idosos, a melhor idade, e tantos outros. Por que estes nomes? É preciso se atentar para as relações de poder que engendram tais termos. No contemporâneo fazemos vigorar vários destes, em técnicas de biopoder, em alianças com a Medicina Social, na pressa de um tempo fabricado em favor do capital.

A palavra tempo também se quebra durante o processo de pesquisar. Imergimos na compreensão de um tempo como produção de diferença, como a moradia em um limiar. Espaço limite de produção de si e de temporalidades múltiplas. A notícia que soa em diversos

momentos desta pesquisa nos alerta: não há um “período que comporte o envelhecer”, todos nós envelhecemos, a todo tempo.

A possibilidade de viver temporalidades distintas é assunto imprescindível para pensar aqueles que envelhecem e contam de lentidões, de suas lembranças que atravessam o tempo de outras maneiras, crivando, encurtando distâncias. Camadas de temporalidade se entrecruzam ao lembrar um acontecimento. Como transmitir a experiência de viver outras durações? Será possível ainda contar as histórias em meio a tanta pressa?

A questão que impulsiona essa pesquisa clareia então: Como narrar as vidas, as pequenas insistências e insurgências que encontrei de forma a fazer ver, a não apaziguar as linhas de fuga, a vida cotidiana, os olhares iluminados e gestos trêmulos daqueles que encontrei pelo caminho? Neste incômodo, Walter Benjamin é o interlocutor que ocupa com leveza e precisão vários momentos da pesquisa.

Construir narrativas que reverberem a força do que me foi testemunhado por aqueles que envelhecem: tarefa árdua, todavia forma digna dos encontros que o tempo de entrega a esta pesquisa foi capaz de proporcionar. Algumas imagens são forjadas na tentativa de produzir uma escrita que habite zonas liminares. Dizer de coisas doídas, da morte, das rugas, da solidão. Dizer do medo de ser mais do que somos, de ser outro, de se esvaír e se transformar: o encontro do velho com o mar, termos de nos haver com as horas, um funeral sem flores, passarinhos e motocicletas, são imagens que se esforçam a tratar do envelhecer de forma a montar pontos de luminância para estas questões. Sem explicá-las, mas apenas mostrando-as, assim como me foram mostradas.

Era preciso outrar-me, diferenciar de mim mesma, de uma identidade, para dizer dos encontros com os velhos. Mais do que isso, era preciso uma escrita que se arriscasse em virar pó, desfazer-se, “para fazerem as vozes e línguas do outro aparecerem no texto” (MOSCHEN; SIMONI, 2012, p. 181): uma experiência do fora. Somente ouvindo e podendo testemunhar sobre as experiências daqueles que envelhecem arriscando-se a virar pó, a sair do mesmo lugar, ocupando outros sítios existenciais, puderam-se levantar neste percurso questões éticas e estéticas sobre o que temos feito de nós mesmos.

2

Aqueles que envelhecem.

Cheguei em casa já era de madrugada, quase claro. Olhei aquele grande espelho velho dos meus pais que até hoje fica na sala. Mirei e assustei feio! O que vi no espelho era uma careca preta com uns cabelos ralinhos brancos e o corpo pelado com aquela bunda mole velha. O que eu vi, nêga, era eu mesmo e de costas. Reconheço aquela bunda carcomida em qualquer lugar... era minha imagem de costas do espelho!

Não dormi foi nada. Tomei banho e voltei aqui pra rua. Não podia mais ficar em casa. Vim pra rua avisado pelo santo já. A miragem tá na minha cabeça até agora.

Um daqueles que envelhecem, 2013.

Aquele momento em que até os pêlos do braço se levantam. E a gente sente o tempo... espesso, como algo que quase se pode tocar. Ele passou por nós e deixou marcas. Nem sempre, aliás quase nunca, nos atentamos e damos conta dessa experiência: a de a todo instante envelhecermos. Morrer um pouco a cada instante, enxergar nossa imagem às avessas, olhar no espelho e ter rugas. Morrer, e por isso, também viver.

A questão que perturba esta pesquisa é estar às voltas com o envelhecer nesse nosso tempo, na contemporaneidade. Como somos atravessados por este acontecimento: o tempo a marcar nossos corpos.

Portanto fui ao encontro daqueles que carregam o nome de “velhos”, pois parecia o caminho mais natural para pensar o envelhecer. “Velhos”, nomenclatura que nestas últimas décadas se transformou, atualizando práticas e saberes que se conjuram à políticas públicas de saúde, mobilidade urbana, de “especialismos” da medicina, além de compor também modos de habitar a cidade, de pensar os vínculos familiares, prevenção de doenças, práticas de cuidado, de como experienciamos o corpo, enfim, de viver nos dias de hoje. Velho, idoso, terceira idade, envelhecimento ativo, jovens idosos, melhor idade... Tantas palavras repletas de processos históricos me foram apresentadas neste percurso. Assistimos, atualmente, à proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento; a pergunta que urgia era: será que estas palavras significam a mesma coisa, designam a mesma experiência? E se não, será que explicam as pequenas variações ou transformações da mesma experiência ao decorrer dos anos?

Fui ao encontro de um “objeto” que pensava ainda ser claro e específico, estabelecido por parâmetros cronológicos como este da Lei 10.741 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso² e define nestas poucas linhas abaixo citadas o que é ser um idoso:

Art. 1. É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.³

A fim de produzir políticas públicas que supostamente assegurassem a concretização dos direitos inerentes a toda pessoa humana no nosso país, um conceito é forjado. O nome então é idoso. Pareceu-me muito natural o fato de que, se estou a estudar o envelhecer, deveria falar com idosos, afinal estes são os portadores da velhice. Ou não? Pois o que é ser idoso? É alcançar uma certa idade? Se sim, este seria um limite portanto etário⁴. Sessenta anos e, então, velho; mais: sessenta anos e enfim estamos na última fase da vida.

Dados estatísticos e demográficos, o envelhecimento vertiginoso da população do país⁵ e a compreensão do envelhecer apresentada a partir de caracteres estritamente biológicos produzem um discurso hegemônico que engendra uma certa maneira de ser idoso. Esta é alvo constante das políticas de saúde pública, de investidas de um mercado que tem como alvo a terceira idade, entre tantos outros vetores de forças na gestão da população enquadrada ao nome idosos. Um padrão se estabelece aqui e a velhice encerra-se em si mesma: naturalizamos o processo de envelhecer. Mas será que envelhecer é só isso?

Debert (1999) nos diz que o processo de modernização é um marco substancial para o surgimento da velhice como um conceito atrelado necessariamente a uma questão etária. Pois a periodização da vida - a compreensão de que esta se dá através de etapas como a infância, juventude, ou terceira idade - surge a partir das transformações no processo do trabalho. Compreender que há um acontecimento histórico de tamanhos incalculáveis, no caso o advento da modernidade, que transformou qualitativamente diversas formas de viver, inclusas as formas de envelhecer, desfaz o entendimento pré-estabelecido de que a vida, naturalmente,

²O Estatuto do Idoso foi sancionado em 2003 (Lei n 10.741), entrando em vigor em 1 de janeiro de 2004. Seu objetivo principal é regulamentar o direito das pessoas acima de sessenta anos, reforçando as diretrizes básicas contidas na Política Nacional do Idoso. Possui normas gerais que dispõem sobre a proteção integral ao idoso referenciados pelas diretrizes internacionais (Plano de Ação internacional para o Envelhecimento).

³Este é o primeiro artigo do Estatuto do Idoso, em que a definição de idoso se estabelece. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm

⁴Camarano (2013) nos faz ver que o conceito idoso tem sido associado a fatores estritamente biológicos, tendo a faixa etária como limite, fronteira para o momento em que a partir do qual seríamos considerados velhos. Portanto, biologicamente começaríamos a apresentar sinais de incapacidade física e cognitiva.

⁵Em 1994 a expectativa de vida da população brasileira era de 68,1 anos, porém em 2010 esta expectativa chegou aos 73,4 anos. Os idosos somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro registrado em 1991, quando estes contabilizavam 10,7 milhões de pessoas.

se divide, pode ser compartimentalizada em uma sucessão cronológica de etapas. Destarte, a partir desse deslocamento que nos permite desnaturalizar o envelhecer tal qual o vivenciamos hoje, é possível levantar questões sobre o estabelecimento desta forma de compreender o envelhecer, inserindo as transformações advindas da industrialização, do surgimento da medicina moderna⁶ e a confecção de outras temporalidades que passam a substituir aquelas afirmadas em um trabalho artesanal, como forças que atuam na concepção desse conceito.

Com a industrialização e o envelhecimento dos primeiros trabalhadores das grandes fábricas no final do século XIX, uma pergunta se torna imprescindível: o que fazer com esta parcela da mão de obra que com os anos se torna infrutífera? O que fazer com a invalidez dos trabalhadores? De acordo com Luna Silva (2008), dois fatores se destacam como condição do surgimento do conceito de velhice: a institucionalização das aposentadorias⁷ e a formação de novos saberes médicos, como a geriatria⁸ e a gerontologia⁹. Ambas especialidades às voltas com esta pergunta, porém tendo como carro chefe o avanço do capitalismo e a produção de soluções não exatamente comprometidas com as vidas que perdiam sua função, anteriormente encontradas no trabalho; de fato ambas comprometidas em responder as questões dos trabalhadores, porém com a manutenção deste crescimento alucinado das maneiras capitalistas de viver, que tem sempre no lucro e na diminuição da potência do sujeito a sua vitória.

O que descobri, tentando acompanhar os acontecimentos em torno destas nomenclaturas, em cada passo dado em busca de compreender isto que eu chamava de envelhecer, foi que não havia uma forma de envelhecer. O que então era envelhecer? Eu olhei, escutei, senti; braços, mãos, ouvidos atentos, e a velhice se destrinchava a cada conversa que eu tinha com um daqueles que chamamos de velhos. Os limites se transformavam e envelhecer era cada vez mais “uma outra coisa”.

⁶Medicina Moderna: Em "O Nascimento da Clínica" (FOUCAULT, 2004), o corpo é tomado como alvo do olhar médico para a compreensão das doenças. O saber médico passa a tomar este mesmo corpo passível de degeneração, tendo falhas em suas funções biológicas e psíquicas com o decorrer dos anos, como indicador do processo de envelhecimento, estabelecendo um discurso sobre a degenerescência.

⁷Sobre a questão do estabelecimento das aposentadorias e as transformações históricas a partir deste acontecimento, ler: DEBERT, Gita Grin; SIMÕES, Julio Assis. A Aposentadoria e a Invenção da “Terceira Idade”, 2004.

⁸Geriatria é uma especialidade da medicina que tem por propósito promover saúde no período do envelhecimento, atuando na prevenção de doenças que atingiriam principalmente os idosos, além de promover tratamento e reabilitação dos mesmos.

⁹A Gerontologia, diferentemente da geriatria, se propõe a estudar de forma ampla o envelhecimento, para além dos fatores biológicos, levando em consideração também aspectos psíquicos, sociais, econômicos e históricos.

Aqueles que envelheciam desfiavam uma trama que anteriormente pensava eu ser composta de apenas um fio, e era preciso então perguntar outras perguntas, perseguir outros fios. Envelhecer seria sim, por um certo aspecto, um corpo com rugas, certa lentidão, nos relacionarmos com o tempo. Mas não há apenas uma forma de estabelecer essa relação, são mais do que muitas, são incalculáveis, múltiplas; e mais: o tempo não se estabelece necessariamente da maneira com que corre em nossos relógios. É claro que para todos o tempo passa e temos de nos haver com ele, porém os momentos para uns passavam como que em uma eternidade e para outros fora ontem que completavam suas primeiras décadas. As lembranças do passado densificavam aquilo que chamamos de tempo, aproximando acontecimentos de hoje com ocorridos em ruas que há anos já não existem mais, fazendo ruir a compreensão do tempo como um vazio, neutro e possível de repartir em partes iguais, com o mesmo ritmo, sentidos da mesma maneira. Alguns daqueles que envelheciam sentiam que as horas se arrastavam e o sono desaparecia, sem volta. Para estes, os minutos contados pelo relógio eram incapazes de dar conta da experiência do que era ter de ver o dia amanhecer, sem um pingão de sono.

O meu “objeto” se desmanchava sempre que pra ele eu olhava. Envelhecer não cabia mais em poucas linhas. O tempo se distendia e contraía em cada vida, em cada momento de formasmil. O envelhecer não afetava somente aqueles que cabiam na classificação naturalizada de idosos, ele tocava a todos, sendo exercidos por cada um de modos singulares, para além da idade, para além do que se esperava em cada idade.

Os sessenta anos, reconhecidos como o período de entrada à velhice, não comportavam a experiência com o tempo; em parte por não ser exatamente neste momento que nos tornamos, como que da noite para o dia, velhos; e em parte por sermos capazes de envelhecer como que da noite para o dia. Um instante que nos toca com tamanha força, sendo capaz de transmutar, nos refazer, de perdurar e ser finito. Há cronopolíticas que são engendradas a todo momento, temporalidades distintas que ao se emaranharem com diversos fatores vão estabelecendo envelhecimentos, marcando nossos corpos, como rugas. Seria mais ajustado dizer então sobre “aqueles que envelhecem” e não mais idosos. Pois estes chamados velhos, idosos, e tantos outros nomes - por se enquadrarem em uma etapa cronológica na qual uma forma de dizer sobre o tempo acaba por esquadrinhá-los - vivenciam temporalidades e fabricam relações temporais cotidianamente. Todavia crianças, jovens, adultos, todos nós, cada um de nós, para além das etapas, e mesmo quando identificado nestas, também estamos às voltas com as

horas, independente do nome que esta etapa insiste em nos fazer caber.

Uma falsa pergunta caía por terra, duas palavras petrificadas se rompiam em cacos: tempo e envelhecer. Passei a me perguntar então sobre estes cacos... como engendramos temporalidades?

Para Foucault, é necessário historicizar aquilo que por vezes tomamos como um objeto natural. Compreender historicamente um objeto seria se atentar para as práticas, os atos, os discursos e os mecanismos que o compuseram, traçando os processos históricos que forjaram nossas concepções sobre os seres e as coisas. Não há objetos naturais, mas sim objetivações, correlatos de certas práticas. “É preciso desviar os olhos dos objetos naturais para perceber certa prática muito bem datada que os objetivou.” (VEYNE, 1988, p. 243).

Enlear a pesquisa com esta compreensão foucaultiana desnordeou-a. Pois se não há um alvo preestabelecido do que seria o envelhecer, é preciso compreender, portanto, como objetivamos alguns modos atuais de viver o tempo, quais rotas, quais práticas construíram isto que nomeamos como envelhecer de maneira saudável, e principalmente o que faz funcionar tais práticas, pois são estas mesmas que edificam as políticas públicas para um suposto público-alvo, além de forjarem as relações cotidianas com o corpo, com a cidade, no amor, nas amizades: moldes, com data de fabricação, validade, e práticas que os constituem.

Ao anunciar que não há em essência o envelhecer e suas diversas formas de manifestação no correr dos anos, afirmamos, destarte, uma não-linearidade, ou ainda, uma descontinuidade deste processo histórico. O mesmo podemos afirmar quanto ao tempo: este não é vazio e homogêneo, tão pouco preenchido constantemente por mais e mais informações e conteúdos que carregassem a figura atualizada do tempo presente.

Posicionamo-nos distantes, não opostos, mas distintos a uma certa perspectiva dos processos históricos que os compreendem sobre um olhar dialético e contínuo – um olhar que explicaria as formas com as quais viemos a nos relacionar com o tempo e o envelhecer como em uma linha do tempo traçando o vetor perpétuo do progresso, com causalidades estabelecidas que provocariam este ou aquele evento futuro previamente esperados.

A aposta feita é, portanto, a de compreender que a história é composta de acontecimentos que se entrecruzam, acontecimentos que se assemelham às estrelas: são composições de diversas forças, fragmentos finitos e potentes. Estes fragmentos se conectam com outros, porém não de

forma a estabelecer nexos causais; apenas produzem um brilho, um pouco de luz em seus encontros, um curto trajeto. Podemos somente delinear, a partir dos acontecimentos, figuras que juntas fazem funcionar algo, se relacionam desenhando no céu uma forma que logo se apaga. Buscamos então seguir a rota dos “tempos” e “envelheceres” abandonando o desejo de encontrar suas raízes e origens que compreendemos não existir. Perscrutamos dessa maneira o momento da colisão, pois é daí que nasce o brilho das estrelas a desenhar uma das tantas formas de viver e estabelecer temporalidades, de envelhecer.

Tais acontecimentos não possuem entre si posições hierárquicas de maior ou menor importância; todos tem em si a força de forjar verdades. Foucault se ocupa dos fragmentos, dos fatos cotidianos, da raridade, de eventos menores, pois vê que os mesmos atualizam a todo instante certas práticas e discursos que reificam e objetivam modos de viver, cronificando-os, produzindo verdades: “A história torna-se história daquilo que os homens chamaram as verdades e de suas lutas em torno dessas verdades”. (VEYNE, 1988, p. 268).

Quando nos dispomos a pensar a história em descontinuidade, o que percebemos é que as “histórias desimportantes” (por estas chamamos alguns fragmentos que supostamente não tem valor por não contarem a história do progresso de nossa civilização, do cientificismo, ou do desenvolvimento capitalista, enfim, das grandes verdades) aí estão: resistindo, escapando, sobrevivendo de serem apagadas; contá-las, dar-lhes valor, é quebrar os circuitos de naturalização e estabelecimento de verdades que se dizem universais. Encontramos vidas que contam outras histórias do tempo, e de como este marca suas peles diferentemente, sempre a divergir, se para estes fragmentos conferirmos o valor de serem também parte da história de nossas existências.

O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para história. (BENJAMIN, 2012, p. 242)

Como contar, como narrar estes fragmentos de história fazendo brandir as pequenas vidas, fazendo jus à histórias menores daqueles que envelhecem? Tem dias que a vida é um ato de coragem.¹⁰ É necessário construir uma história na qual as lutas cotidianas para afirmar certos modos de viver pudessem se fazer ver. E para tal, se faz necessário inventar outras formas de narrar que tornem possível experienciar isto que é uma história minoritária; uma escrita que persiga a tentativa de desfazer-se frente a um objeto de pesquisa, desfazendo-o

¹⁰ Fragmento da música “Se tiver que ser na bala, vai”, de Helio Flanders. A canção faz parte do álbum *Boa parte de mim vai embora*, da banda Vanguard, 2011.

conjuntamente, se torna ferramenta preciosa frente às naturalizações da vida, entendendo que esta sempre arranja escape e se faz outra coisa.

É do nosso interesse afirmar, portanto, uma escrita sempre à espreita dos acontecimentos, das virtualidades vividas por aqueles que envelhecem a reinventar a si mesmos e ao mundo. Essa escrita procura desmontar um paradigma individualista, que ao forjar sujeitos e sujeições se ocupa em descrever as autorias na história. Compreende a mesma através de dicotomias como sujeito e social, a partir dos quais relações de causalidades se dão para a produção tanto das escolhas individuais, quanto das transformações sociais e culturais. Além de sujeitar a experiência da fabricação de si e do tempo à uma individualidade, à consciência de si; nos assujeita também a certas temporalidades, diminuindo nossa potência criadora; ou pior, utilizando o que há de mais potente em prol da manutenção de ciclos de aprisionamento e produção de vidas tacanhas, negando o caráter múltiplo da experiência da criação de temporalidades.

Afirmar e dar liberdade à produção de multiplicidade – tanto na escrita como na forma de ouvir histórias em meio a tantos que envelhecem –, além de pensar a produção de subjetividades, as relações de forças e as práticas que engendram objetivações, possibilita alargar os sentidos que conferimos à existência, às relações de temporalidades que estabelecemos. Apostamos, assim, na produção de “(...) um entendimento para o envelhecimento humano que ultrapassa questões fisiológicas para se ater à constatação de que sermos novos ou velhos não pode excluir o fato de que sejamos antes vivos potentes”. (FONSECA; LOPES, 2011, p. 276-283).

Esta escrita, então, não vai se propor a explicar ou interpretar aquilo que jaz escondido, nas entrelinhas dos discursos, das conversas e comportamentos daqueles que envelhecem. Apenas irá se dispor a apresentar as práticas, os atos, o que foi dito, sem produzir racionalismos sobre os mesmos. Sua tentativa é compor melodias, é se aventurar a elaborar narrativas que por suas linhas não ditam caminhos, porém se assemelhem à fissuras: façam ver onde, como, se rompem linhas de fuga¹¹, onde lembranças do passado se aliam ao presente para rearranjar a

¹¹ Dentro de um campo de possibilidades em que vigoram e possuem mais nitidez dicotomias, instituindo formas de viver como velho-novo, sim-não, real-irreal, linhas de fuga a todo momentos matizam o campo. Fazer ver linhas de fuga, habitar uma linha de fuga é, a partir de um campo de possibilidades (que em seu entrecruzamento tanto com outros planos quanto entre suas próprias possibilidades tornam as variáveis ilimitadas), dar relevo a uma outra possibilidade de viver que não se estabeleça por contrários. É afirmar uma outra coisa, fugir de opostos; e na tentativa de fuga, dar consistência e nitidez para essa outra forma que se estabelece e se fortalece mesmo no fazer, no fugir. Ver Kafka: Por uma literatura menor. DELEUZE; GUATTARI (Op. Cit).

vida, para escapar de certos ditames.

Não tenho nada a dizer. Somente mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. (BENJAMIN, 2012, p. 242)

Apostamos em esvaziar o texto de certezas e afirmar os artefatos que o leitor possa vir a construir, os caminhos e agenciamentos que possam se estabelecer a partir da leitura dessas lembranças, minando formas endurecidas de vivenciar temporalidades através de um refrão de música que me foi cantado por uma senhora, com a sensação de eterno cansaço e tédio de uma moça no metrô, com os nomes das ruas que me foram apresentadas e que por estas passaram casais, armas de fogo, um trem, passaram dias e anos. De tudo, um pouco que ouvi vos conto, para que encontrem um brilho e desenhem formas e imagens a partir das estrelas.

Um método que aceite explosões.

Quando foram registradas as primeiras constelações? Os estudos arqueológicos identificaram possíveis marcações astronômicas pintadas nas paredes de uma caverna em Lascaux, no sul da França. Nossos antepassados podem ter gravado a sua visão do céu noturno nas paredes de sua caverna cerca de 17 300 anos atrás.¹²

Se olharmos para o céu ao anoitecer hoje, nos grandes centros urbanos, é cada vez mais rara uma experiência muito comum aos meus avós: sentar na varanda ao fim de mais um dia e vagar os pensamentos entre uma estrela e outra. Ainda me recordo de perguntar à vó qual era o nome desta ou daquela. Ela sabia o nome de todas! Inventava um nome diferente para cada estrela que víamos no céu. Assim, a noite avançava e o sono chegava... Hoje me esforço a catar nas alturas do céu uma ou outra faísca de luz, e tive de aprender a diferenciá-las de aviões, de iluminações e marcações do espaço aéreo que servem a orientar pilotos de suas rotas pré-estabelecidas; um céu esquadrinhado para fornecer segurança.

¹² IAU. **The constellations**. Disponível em: <http://www.iau.org/public/themes/constellations/>. Acesso em 14 de dez. 2013.

Quando a noite chega, a cidade começa a migrar. Milhares de pessoas, em uma quantidade inimaginável aos meus avós, voltam para seus lares depois de mais um dia de trabalho. A poluição do ar e, principalmente, a poluição luminosa dão ao céu um tom avermelhado que já não possibilita vermos os pontilhados das estrelas. E para que olhar para o céu, se as luzes da cidade encaminham nossos passos? Os refletores de luz iluminam as grandes ruas esvaziadas e nos indicam o caminho a seguir, como as rotas dos aviões. Já não se passa por qualquer esquina, quase nem se enxerga as vidas que na penumbra se escondem; os becos, antes utilizados para encurtar caminhos, hoje são sinônimos de perigo, e preferimos caminhar por onde há luz.

Andamos rumo ao horizonte: olhos que só olham pra frente, passos rápidos, destino certo: a casa, a segurança e uma noite de pouco descanso em nossas camas, com a televisão ligada, esperando o sono chegar. Olhar para o céu e nomear diferentemente a vida, as estrelas, desviar o olhar do rumo, para quê? “Os 'ferozes projetores' da grande luz devoram toda forma e todo lampejo – toda diferença – na transcendência dos fins derradeiros”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 155).

Insistir em caminhar contando estrelas, olhar para o céu e me perder, virar a esquina sem iluminação e acabar por descobrir, por lembrar que havia outros caminhos feitos pela cidade, outros destinos além de uma televisão. Quanto mais nos perdemos pela penumbra, mais enxergamos pequenos focos de luz, pequenas luzes que iluminam apenas por um pouco outros caminhos e seres, depois logo se apagam, como um céu cheio de estrelas. Podemos ver “um minúsculo maravilamento que seja”, como diria Rosane Preciosa (2011).

Tenho percorrido lembranças daqueles que envelhecem, e contam-me de noites estreladas, contam-me de como a vida sempre que passou, marcou certos caminhos. Dizem-me que algumas avenidas resistiram a se tornar apenas lugar de passagem, e que alguns passos insistem em se perder, olhando para todo canto, olhando para o céu. Disseram-me que a vida, sempre que acontece, explode. Explode em incontáveis cacos, tantas saídas, fragmentos, músicas, trapos. E que, ao nos aproximarmos destes restos, eles se conectam de múltiplas formas, como pontilhados que, se ligarmos, formam imagens. Esses restos contam sobre a explosão e são lembranças que, interligadas, fazem ascender, acender aos nossos olhos outras cidades, outros caminhos, outras formas de fazer chegar o sono, de cantar, de olhar a noite. Por estas lembranças insistem vidas que redesenham, renomeiam o viver. E eu as acompanho em suas explosões.

As lembranças daqueles que envelhecem me foram contadas pelas beiradas. É como se ao tentar relembrar de um momento, estes fossem perscrutando diversos acontecimentos, fragmentos de suas vidas. Recordavam a casa da infância, uma roupa que muito gostavam, diversas imagens de momentos que eram comuns e importantes a todos, como um casamento, como a morte de um ente querido, até (des)importâncias da vida: aquela rua que mudou de nome, a música que tocava na rádio, o banco que sentava a namorar nas noites estreladas. Os acontecimentos estabeleciam conexões como uma tapeçaria antiga, composta por quinhentos fios, de diversas cores, grossuras, tamanhos e texturas. As lembranças me foram contadas de tal maneira que o resgate de um acontecimento do passado se emaranhava a algo que se passou há mais de vinte anos, há mais de cem, quando da época de seus pais, na construção de uma avenida, na compra da primeira vitrola. E chegavam até os dias de hoje, com os eventos que os cercam, as notícias dos jornais, a dificuldade de se locomover, além das respostas às perguntas que eu lhes propunha¹³. O passado se intrincava ao presente, que está repleto dos estilhaços dessas histórias. E podíamos ver que relembrar era misturar o presente e o passado, vendo as trajetórias por estes compostas, vendo hoje sobreviver vestígios e possibilidades dos caminhos de outrora. Pistas para se caminhar diferentemente. Uma cadeia de sentido se estabelecia no momento em que me contavam uma lembrança, e esta cadeia não se fechava em si; como papo de velho que fala, fala, fala... ligando um conto em outro, em uma longa conversa.

As lembranças não se faziam, portanto, à maneira de uma linha do tempo, que cronologicamente estabelece uma cadeia de eventos, nivelando os fatos, colocando-os em ordem de prioridade, importância, raridade. Desta feita, um evento seria responsável pelo desencadeamento de outro, podendo então estabelecer causas e consequências para os acontecimentos durante uma vida. Por carregarem em si a “devida importância”, a suposta duração temporal necessária para se tornar parte das lembranças de uma existência, alguns eventos deveriam então ser registrados, outros não. Hierarquicamente, um traçado incontornável iria estabelecendo-se, contando uma história que é linear, onde não caberiam os pequenos acontecimentos, onde haveria eventos dignos de serem contados e outros esquecidos.

Aqueles que envelhecem me contavam suas vidas de outra maneira, de uma forma não

¹³ As perguntas que eu propunha àqueles que envelhecem surgiam de nossas próprias conversas, e a partir delas. Não chegavam prontas, não estavam anotadas previamente.

cronológica, suas lembranças eram contadas como se fossem uma explosão. Carregavam em si a potência de desvirtuar-se, os estragos e encontros produzidos por esta explosão, iluminavam eventos esquecidos.

Ouvir e olhar para essas lembranças requisitava também uma outra maneira de recontá-las no percurso de pesquisa. Não poderiam ser enfileiradas sentenças, em que um acontecimento se submetia a outro, hierarquicamente, como pede a nossa gramática, pois o olhar apreende as coisas por contiguidade. Estão as coisas em seu campo de visão, uma ao lado da outra, estabelecendo diversas relações entre si. Era preciso exercitar outras formas de escrita, ensaiá-las, forjá-las, afirmando processos de escrita em que o “ver” tivesse espaço. Para que se alumiasse as reminiscências e, remontando-as tal qual um mosaico, para fazer aparecer em contiguidade o que se viu.

A história tornava-se multifacetada, abria-se bem ali a minha frente.

Lembranças são como estrelas. Estão tão distantes de nós que, por vezes, os pontos luminosos que vemos ao céu nem existem mais. Explodiram a milhares de anos, e só nos resta a sua luz. Um pequeno foco de luz que sobrevive, viajando por milhares de quilômetros a fim de contar um pouco sobre como foi existir. Existir, que é como explodir em mil pedaços. É estar aqui por um instante e ser pura força, que transpassada por outras existências, ao se esbarrar em outros seres, espedaça-se, restando de suas histórias restos e fragmentos. Porém, se nos dispormos a conectar, montar, tal qual em uma colagem os fragmentos destas explosões, faremos surgir aos olhos uma imagem. Esta imagem se faz outra, dependendo de quem a monta, dependendo do nome que dermos na escuridão. Assim como as constelações que há mais de dezessete mil anos encantam humanos como nós.

Um método que se apague.

Eu sabia que pesquisar era tarefa árdua, já me diziam os amigos que se aventuravam por essas bandas. Agora era a minha vez, e eu queria estar preparada para o serviço, não ser pega de

imprevisto. Então me vesti como uma espiã, com utensílios especiais na maleta, armas para dar conta de qualquer surpresa: uma caderneta, canetas daquelas elegantes, afinal eu era uma pesquisadora, luneta para ver de perto, profundamente, aquilo que se escondia, uma máquina fotográfica para registros importantes. Público-alvo selecionado, teóricos favoritos e frases prontas para abordagem dos pesquisados.

Acontece que choveu.

Choveu por toda a cidade. Choveu no banco das praças, e os velhos correram a se abrigar, as janelas dos carros se fecharam, e eu, por mais preparada que estivesse, apesar de ter tomado as devidas precauções e previsões para dar conta da vida, não havia me atentado que a vida, como nas enchentes, não cabe. E transborda.

Sem guarda-chuva, fui tomada de surpresa por tanta água: a caderneta molhou, a caneta falhou, todas as minhas anotações foram por água a baixo e eu, ali, teria de me haver com o que sobrou, teria de me haver com a chuva e a vida que é puro imprevisto. Fui descobrindo, enquanto a chuva encharcava meus cabelos e minhas ideias, que uma pesquisa se faz na hora “H”. Pesquisar é sim uma tarefa árdua: é se apresentar de corpo e alma encharcados dos acontecimentos que acompanhamos, atentos ao que se passa, colhendo pequenos imprevistos, seguindo o caminho da enxurrada.

Teria de mudar meus utensílios então. Vestir-me da roupagem que ganhasse nas ruas. E comprar um lápis. Pois todas as certezas que escrevera antes de ir ao encontro daqueles que eu chamava de velhos já não davam conta de dizer do que eu via quando chovia na Cidade do Rio. Onde se escondem da chuva os velhos das praças? As ruas alagavam e só eu, que tinha de antemão um trajeto traçado, pisava em poças. Os outros sabiam como caminhar por outras ruas, escolhiam outras calçadas e se escondiam nas marquises. O Rio não é feito só de sol, calor e verão. Por isso lápis e borracha: utensílios que se encaixavam bem para desfazer palavras, linhas, páginas inteiras, reescrever diversas vezes, ir por outras calçadas. Apagar-se, apagar-me.

Escrevi outras tantas palavras naquelas longas caminhadas de chuva, que, ao se molharem, diluíam pelas páginas, diluíam meus passos. Só sobravam rastros, talvez nem existam mais.

3

Somos feitos de tempo.

Em uma homenagem¹⁴ à Ecléa Bosi¹⁵, Marilena Chauí (2008) assim a vislumbra:

Ela é capaz de atitudes e gestos que, enquanto tais, não mudam o mundo e, no entanto, exigem uma mudança completa de nossa relação com o mundo. Exatamente como Espinosa pensa a virtude: esta não muda o mundo e sim nossa relação com ele. É o sentido do mundo que se transforma em nós e para nós; e essa mudança poderá, quem sabe?, mudar alguma coisa no mundo. (CHAUÍ, M. 2008, p. 02)

O encontro desta pesquisa com a obra *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos* foi de extrema força. Impactante ao ponto de se fazer necessário transformar “alguma coisa” na forma com que até então eu vinha relacionando-me com as questões do envelhecer. Como contar as lembranças de alguém, a forma que as expunha, tornava-se uma questão ética e estética, mudando, por conseguinte, as relações estabelecidas com o mundo no que diz respeito ao ouvir, à exercitar uma escuta afiada, aflita, atenta ao que o outro tem a contar, aos momentos em que ele se cala.

Os ditos daqueles que envelhecem, seus gestos eram imperiosos, preches de ensinamentos sobre o tempo. Aconteceu de, a partir desses encontros, nossos pensamentos também se encontraram, novos rumos começaram a se trilhar sobre como o tempo é; sobre como ele decalca a pele, marca e a incendeia, criando os nossos corpos.

Ecléa inicia o capítulo “Memória e Socialização” com um pensamento-martelo interessantíssimo. A criança não recebe do passado apenas os escritos pela História em livros didáticos, informações nos jornais, cartilhas escolares e internet. De fato, ela adentra o

¹⁴ Homenagem realizada na palestra conferida durante a *I Jornada de Psicologia Social. Protagonistas da Psicologia Social: Percursos e Contribuições*, realizada em 22 de novembro de 2006, no Instituto de Psicologia da USP.

¹⁵ Ecléa Bosi, professora emérita da Universidade de São Paulo, em uma luta incessante e incansável por toda sua obra – como acadêmica, e penso que para além de seus escritos intelectuais, pois podemos fazer de nossa vida uma obra de arte – afirma uma série de posicionamentos éticos e políticos que forçam as barreiras levantadas na tentativa de categorizar e delimitar a existência de nós que envelhecemos. Seus esforços culminam também em sua idealização e criação da Universidade Aberta à Terceira Idade da USP, onde hoje ainda é coordenadora.

passado pelas histórias vividas das pessoas envelhecidas ao seu redor. Aqueles que envelhecem são os que, transmitindo-lhes um pouco de suas vidas – daquilo que sobreviveu de suas experiências e das histórias seus antepassados –, entregam às crianças a dimensão em si do passado. Sem essas figuras, os infantes teriam apenas uma compreensão abstrata, vaga do tempo e dos acontecimentos idos. A força, espessura e intensidade do passado e da Memória encarnadas são adquiridos no mergulho das crianças na substância vivida dos mais velhos com quem convivem, nas lembranças que os mesmos entregam na forma de aprendizados e experiências valiosas.

Em meio ao turbilhão que caracteriza a vida do trabalho no contemporâneo – regida por um tempo de serviço que tende a modular as horas do dia, entrada e saída dos empregos, hora de buscar as crianças na escola, a carga horária extra que se desenrola até quando chegamos em casa, pois ainda é preciso finalizar uma série de problemas do trabalho que não couberam no tempo formal deste – as crianças, ao menos muitas delas, recebem diversos ensinamentos dos seus avós e cuidadores quase anônimos, que pouco se preocupam com aquilo que é ou não “próprio” para crianças”. (BOSI, E. p.73. 1994). Eles conversam com as mesmas de igual-para-igual; tratam-nas como capazes de compreender assuntos como política, história, processos econômicos, acontecimentos familiares.

Aqueles que envelhecem percebem a existência de algumas peculiaridades na infância, porém não as localizam de forma alguma em qualquer inabilidade, incapacidade ou falta de conhecimento que seja específica da tenra idade dos pequenos. Independente da fase do desenvolvimento psíquico¹⁶ em que se encontram as crianças, os cuidadores quase anônimos não esperam um período específico para tratar de assuntos sérios com elas. De certo modo, aqueles que envelhecem, em uma aprendizagem cotidiana e conjunta, vão conferindo-lhes as ferramentas para adentrarem tais assuntos. Transformam, assim, aquela prática atual e datada - na qual edificamos verdades que dizem ter as crianças um progresso normal de desenvolvimento psíquico, e que assim sempre foi, tendo de resguardá-las de certas conversas a fim de não traumatizá-las – e a partir desta transformação, viabilizam o estabelecimento de práticas de aprendizagem não hierarquizadas, em que saberes são trocados na medida da possibilidade de ambos, possibilidade esta estabelecida no encontro.

¹⁶ “A psicologia do desenvolvimento é um dos campos investigativos que herdaram a concepção histórico-social de que a infância seja uma fase da nossa existência, a que se atribuem características que ganham complexidade de forma evolutiva.” FERREIRA, Marcelo Santana. “Por uma concepção crítica da infância”. ___ In: Psicologia e Sociedade. Ver bibliografia.

Certos assuntos “sérios” (posicionamentos políticos, acontecimentos considerados trágicos para outros familiares, tios e tias, até por diversos educadores e homens “importantes”) tratados pelos “adultos” fora daquele espaço de cuidado e convívio com os mais velhos, por vezes são ouvidos pelos menores, mesmo quando desautorizados a participar de tais conversas. Afinal de contas, por mais que diversas forças atuem para silenciar e invisibilizar a participação efetiva das crianças em tais territórios onde discursos e saberes se elencam, elas estão escutando, até porque ainda estão ali, construindo suas próprias perguntas e respostas sobre estes assuntos ditos sérios.

Acontece que quando é com os mais velhos, talvez haja um outro lugar para esses pequenos. Os assuntos “sérios” são apresentados pelos mais velhos às crianças de outras maneiras. Aqueles que envelhecem relativizam tais tópicos, apresentando-os sobre uma perspectiva que carrega o tempo de vida percorrido até aquele momento; constroem outras respostas e outros discursos para tais questões. Eles dirão que pelos tantos anos vividos puderam presenciar diversas revoluções, guerras, mudanças de governo; entretanto, tudo continua na mesma, alguma coisa que de fato precisaria mudar não se transformou: “alguém continuou na cozinha, servindo, lavando pratos e copos em que os outros beberam, (...). Alguém curvou suas costas atentas para os resíduos de outras vidas”. (BOSI, 1994, p. 73).

O que poderá mudar enquanto a criança escuta na sala discursos igualitários e observa na cozinha o sacrifício constante dos empregados? A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial. Eis a filosofia que é transmitida à criança, que absorve junto com a grandeza dos socialmente “pequenos” a quem votamos nossa primeira afeição e que podem guiar nossa percepção nascente do mundo. Depois esse tempo ficará sendo o tempo subjacente, dominado, e mergulharemos no tempo da classe dominante que prepondera uma vez que assume o controle da vida social.

É graças a esta ‘outra socialização’, à qual a psicologia tem dado pouca atenção, que não estranhemos as regiões sociais do passado: ruas, casas, móveis, roupas antigas, histórias, maneiras de falar e de se comportar de outros tempos. Não só não nos causam estranheza, como devido ao íntimo contacto com nossos avós, nos parecem singularmente familiares. (BOSI, 1994, p. 73-74)

Os eventos tão importantes para os adultos só possuem valia para as crianças e os mais velhos na medida em que se revestem de algum significado para a vida cotidiana, para as zonas onde não imperam o tempo ordenado pelo capitalismo e a lógica de produção. É preciso que os grandes feitos dos homens cheguem a abalar a vida que segue, verdadeiramente modificando as sentenças daqueles socialmente “pequenos”, dos que quando voltamos o olhar ao passado,

há tanto tempo estão, por muitas gerações, servindo a alguém que servirá a um outro alguém. Esta é uma questão ética seríssima: o passado marca alguns dos que envelhecem, mostrando-lhes que movimentos e revoluções incapazes de fazer parar o funcionamento de máquinas de desejos que nos façam sempre subjugar ao próximo, tirando da vida algo de sua potência, são incapazes de transmutar o presente e a própria vida. Em certos níveis, são repetições sem espessura ou intensidades, não produzem temporalidades distintas, não criam subjetividades distintas no que diz respeito às relações de poder sobre a vida. Portanto não são a partir desta forma de se relacionar com o mundo que aqueles que envelhecem hão de se utilizar para forjar ensinamentos sobre o tempo e o passado. Não é deste ponto que haverá a transmissão da Memória para os infantes. Deste modo, o “presente” – ou ao menos o que em nosso tempo boa parte dos homens chamam de presente – já não interessa nem às crianças nem aos mais velhos, pois não atuam sobre ele: “(...) tudo se volta para o passado ou para um futuro que remonta o passado: ‘você, quando crescer, será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever...’” (BOSI, 1994, p.74), diz um daqueles que envelhece.

Que olhar é este que “se volta para o passado ou para um futuro que remonta o passado”? O que é isto que damos o nome de tempo? O tempo já não está aí sempre a nossa espera e a ele apenas nos adaptamos ou atuamos sobre ele? Como “ensinar o tempo e a Memória”? É preciso pensar um pouco, duvidar destas palavras tão comuns que nos acompanham desde tão tenros.

Deleuze e Bergson confabulando temporalidades.

O mundo se apresenta ao nosso olhar como uma série infinda de repetições que não se conectam, são descontínuas e homogêneas do ponto de vista da repetição. A matéria que constitui tudo o que nos toca, até mesmo a matéria da qual somos feitos é puro movimento, está aí sempre a se deslocar, plena fluidez a se apresentar repetidas vezes.

Fico a pensar no olhar das crianças... Aquele olhar inquiridor que a tudo vê como que pela primeira vez, tudo questionando como se o mundo estivesse a nascer junto delas, estivesse a crescer em um companheirismo mútuo acompanhando o crescimento dos pequenos. É distraído e perplexo, traz consigo gargalhadas de encanto. Como é que viramos gente? De que maneira passamos a nos tornar existências pensantes, cheia de minúsculos gestos, pés sobre a terra, sensações e sabores favoritos?

Em “Diferença e Repetição”, Gilles Deleuze nos apresenta uma importante e conhecida tese de Hume: “A repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que a contempla”. (DELEUZE, 1988, p. 111).

A matéria que compõe o mundo, nos compondo, se apresenta àquele que a observa repetidas vezes em apresentações únicas e distintas que não possuem conexão alguma com a próxima. Não há comparação possível entre um e outro instante independentes, pois “um não aparece sem que o outro tenha desaparecido” (DELEUZE, 1988, p.111). Mas, paradoxalmente, algo nessa repetição (que então não pode ser a repetição do mesmo, haja vista serem amostras únicas que se extinguem com o aparecimento da próxima) promove uma mudança no espírito que a contempla, gera algo de jamais visto, algo de novo, uma diferença.

Os pequenos olham para objetos sem nome, jamais tocados, e esses objetos se apresentam inúmeras vezes à vista. Nada no objeto muda, mas algo naquele ser que o viu se transforma. Para explicar, Hume dá o exemplo da “repetição de caso AB AB AB A...”. Neste, cada sequência exclusiva de AB é independente e sem continuidade com a outra. Portanto, ao se repetir, não é o objeto que vem a se transformar; ele se apresenta enfim como AB, nada muda no estado das coisas. Contudo, quando A aparece, o espírito que contempla *espera* B: aí está o nascimento de uma subjetividade originária, embrionária; aí está a diferença produzida pela repetição da apresentação da matéria e extraída pelo espírito que contempla. Algo se transforma no espírito, que, tensionado pela matéria e de alguma maneira tensionando-a, espera AB.

Se algo muda no espírito que contempla passivamente uma repetição elementar, não há uma repetição e um espírito preexistentes. Eles passam a existir quando entram em relação, onde uma síntese é capaz de se produzir (MACIEL JR; MELO, 2006, p. 70)

Uma compreensão de mundo/sujeito é estabelecida neste momento, em que ambos, em relação, produzem suas próprias existências. Subjetividades e jeitos de ser criança, de

enxergar o terreno ao nosso redor, de nascer e fazer nascer o viver são feitas quando para a matéria voltamos o olhar. Pensamento completamente distinto de uma compreensão representacional, em que não ocorreria uma gestão conjunta da existência. Neste, haveria um mundo que nos esperaria a priori. Seria então como nos tornarmos mero espelhos da representação captada do universo que estaria hoje e desde sempre pronto e perfeito, à espera do olhar dos sujeitos que esforçar-se-iam, repetitivamente, a fazer, a partir dele, uma imagem de si nunca perfeita, sempre falsa.

Porém, como se dá esta diferença no espírito que é capaz de produzir subjetividades embrionárias? “Hume explica que os casos idênticos ou semelhantes independentes se fundem na imaginação”. (DELEUZE, 1988, p. 112). Todavia, é preciso construir um conceito de imaginação distinto do que estamos acostumados a utilizar no senso comum, em que imaginar está atrelado à fantasiar, à habitar um mundo-imaginário ao qual recorreremos quando não suportarmos ou não nos adequamos a realidade que se apresenta. Hume não está contrapondo realidade à imaginação. Distinto desta compreensão usual do termo, imaginação aqui se define como um poder de contrair, de produzir uma contração; “placa sensível, ela retém um quando o outro desaparece” (DELEUZE, 1988, p. 112). A imaginação conjura as apresentações descontínuas da matéria, contrai diversos instantes dispersos mas semelhantes em uma impressão qualitativa capaz de deixar uma marca, em rastro, alguma diferença no espírito daquele que contempla. “Quando A aparece, aguardamos B com uma força correspondente a impressão qualitativa de todos AB contraídos” (DELEUZE, 1988, p. 112).

É, no entanto, necessário marcar que neste momento não há ainda um sujeito ativo, no sentido de um ser capaz de fazer escolhas, com vontades, em que impere certa identidade ou contorno delimitado que escolherá contrair a matéria. Esta capacidade de contrair, a imaginação, não é uma reflexão, ou ato, nem atributo da memória ou do entendimento. É uma síntese passiva, se dá num sujeito ainda larvar, nesta subjetividade ainda por se fazer, perpassa-lhe sem que haja autoria. Tudo que nos compõe contempla. Porém, é na contração que Deleuze vê a marca, impressão, “o ponto de nascimento, sempre abortado do tempo” (DELEUZE, 1988, p. 112).

Quebra-se, portanto, uma compreensão de tempo e esta é a marca deste pensador. Ele nos apresenta o tempo não como uma reta contínua que se compõe de eventos sucessivos organizados na sequência passado-presente-futuro; muito menos como passíveis de se dividir em blocos de mesma qualidade, quantificáveis. “Dentro de um pensamento aprisionado pelo efeito estático das categorias representacionais, o tempo tem três dimensões”. (FARINA,

GALLI, 2010). Instantes sucessivos, alinhados um após o outro não constituem o tempo; apenas se o pensarmos no campo das representações, como uma cronologia estática. Distintamente, para Deleuze, a ontologia do tempo é sempre nascimento que se desfaz ao nascer; quando se divide, muda-se completamente, já não tem como ser medido com medidas pré-estabelecidas; possui outras propriedades. Para além, é nesta contração, nesta síntese – imaginando e criando o tempo – que geram-se (e geram “sis”) subjetividades, todas incomparáveis e transmutadas.

O tempo – constituído nesta síntese que contrai a repetição dos instantes – é o que faz nascer o presente e a subjetividade. Se não há uma reta em que poderíamos encadear os instantes, ao presente pertence o passado e o futuro: o passado, pois os instantes que se apresentaram são retidos, adquirem certa permanência, na contração; o futuro, porque a espera por B após A é a expectativa de que algo venha a acontecer nesta mesma contração: “O passado e o futuro não designam instantes, distintos de um instante supostamente presente, mas as dimensões do próprio presente, na medida em que ele contrai os instantes” (DELEUZE, 1988, p. 112).

A linha do tempo mais se assemelha a uma fita que, do ponto presente, vai ao passado e ao futuro neste mesmo ponto presente, perfurando-o, dando nós, imbróglis, permitindo invasões daquilo que contempla; invasões do fora. Este é o componente, que na síntese passiva há de construir subjetividades. “O tempo é subjetivo, mas é a subjetividade de um sujeito passivo”. (DELEUZE, 1988, p. 112). Somos feitos de contemplações, não de ações sobre a matéria. Porosos, *algo se faz em nós*, nos fazendo, nos fundando ao mesmo tempo. Somente após e sobre esta fundação, este alicerce indeterminado, é que atuarão as sínteses ativas do entendimento.

As sínteses ativas – que caracterizam, então, processos inteligíveis do pensamento, racionalidades, cadeias capazes de categorização – se superpõem as sínteses passivas da imaginação e nela se apoiam e misturam-se. Por entre um *eu* que pensa e se vê ciente de si, há vários *eus* germinando, contemplando passivamente a vida, sendo transvazados pelo fora, pela matéria que produz um presente, que é o nascimento deste *eu* e seu fim, devindo outros *eus* larvares, “longe de toda lembrança ou cálculo distinto, neste presente vivo, nesta síntese passiva que é a duração”. (DELEUZE, 1988, p. 113). Somente após contemplarmos a vida em seu momento de criação é que, em um tempo derivado, de outra ordem, passamos a refletir, contar, quantificar as impressões vividas.

Imaginar se torna um processo de expandir as vias, “extrair da repetição algo novo, extrair-lhe a diferença, é este o papel da imaginação” (DELEUZE, 1988, p. 118). Esta diferença está entre as repetições da apresentação da matéria, que não para de se desfazer e não para de desdobrar-se. Podemos pensar, portanto, que a repetição tem naquilo que a constitui a própria diferença: “De qualquer modo, a repetição material e nua, a repetição dita do mesmo, é o invólucro exterior, como uma pele que se desfaz em favor de um núcleo de diferença e de repetições internas mais complicadas” (DELEUZE, 1988, p. 119). Destarte, a síntese passiva constitutiva do tempo. E já que somos feito de tempo, também faz de nós, se faz em nós diferença. *Somos feitos da potência de diferir.*

Abortando o traçado tridimensional do tempo, ele passa a ser apenas presente, sendo passado e futuro dimensões deste mesmo presente. Porém, não estamos em um perpétuo presente. Ele passa; tem uma duração que finda. Através da contração, o que se opera é um recorte: qualificação de uma ordem de repetições de acordo com algum caso ou de alguns elementos semelhantes. Sintetizados, passam a habitar um momento, demorar um tanto específico para passar: formam precisamente um presente de certa duração, sem, contudo, ter tamanho.

Por tamanho desejo dizer espaço, já que este é um elemento que possui outra natureza¹⁷, diversa da duração. Henri Bergson separa a duração do espaço quando, com seu método da intuição¹⁸ empenha-se a encontrar as linhas que compõem construções e definições do que podemos chamar de tempo, apartando-as antes de seus encontros e junções, percebendo em qual momento histórico tais linhas se cruzaram e ainda se cruzam, com mais ou menos força, e o que produz estas junções no que diz respeito aos efeitos sobre nossas formas de entender o mundo. A compreensão do tempo de maneira tridimensional carrega um dos principais mistos de naturezas adversas, exatamente o par espaço e tempo. Nesta junção se apoia a espacialização como a maneira mais experimentada pelos sujeitos na contemporaneidade de se relacionar com tempo; sentem-no, calculam-no, organizam-se em torno das divisões em blocos homogêneos do mesmo.

O espaço, este sim, é passível de ser dividido em blocos de iguais tamanhos. E, quando assim compartilhados, podem ter seus fragmentos comparados, já que sua divisão não implica em

¹⁷ Quanto às diferenças de natureza, que para Henri Bergson é um dos problemas principais de nossa forma de fazer filosofia, de exercitar o pensamento, Gilles Deleuze diz: “Temos a tendência de pensar em termos de mais e menos, isto é, de ver diferenças de grau ali onde há diferenças de natureza. Só podemos reagir contra esta tendência intelectual suscitando ainda na inteligência, uma outra tendência, crítica”. (DELEUZE, 1999, p. 16).

¹⁸ Sobre intuição, ver DELEUZE, Gilles. “A intuição como método”. ____ In: **Bergsonismo**. Ver bibliografia.

uma transformação de natureza. Cada pedaço, tamanho de espaço, é similar se comparado a outro, variando apenas de grau: uns maiores que outros, porém todos, independente do corte fracionário que sofram, possuem os mesmos predicados. A duração é completamente diferente, e “diferença”, pois, se dividida, transforma-se qualitativamente, muda de natureza. É heterogênea, e incomparáveis são seus fragmentos. As contrações, no movimento de síntese passiva, transmutam a qualidade da composição do tempo e do sujeito que delas sofrem.

Cada duração, portanto, é de qualidade distinta a qualquer outra. Neste sentido, paradoxalmente, dois presentes que se sucedem podem ser contemporâneos de um terceiro, se este for mais extenso pela qualidade de instantes que ele contraiu.

A partir de nossas contemplações definem-se todos os nossos ritmos, nossas reservas, nossos tempos de reações, os mil entrelaçamentos, os presentes e as fadigas que nos compõem. A regra é que não se pode ir mais depressa que seu próprio presente ou, antes, que seus presentes. (DELEUZE, 1988, p. 121)

Mas como se contorna o tempo de cada duração, como dura, como passa? O que faz com que algumas durações possuam extensões e ritmos mais apressados que outras? “Precisamente a necessidade marca os limites do presente variável” (DELEUZE, 1988, p. 120).

Do ponto de vista das ações, do entendimento, das sínteses ativas nas quais os homens podem discernir e refletir sobre as mesmas, pode-se entender o termo *necessidade* como a “falta” de alguma coisa pela qual nos moveríamos para alcançar. Porém no que diz respeito às sínteses passivas – que se fazem em nós, construindo-nos sem que delas tenhamos autonomia e ação – a necessidade pode ser vista como uma extrema saciedade, fadiga. O nosso tempo dura a necessidade que temos de, frente à matéria, extrair algo. Extrair algo da pergunta: “Que diferença existe...?” (DELEUZE, 1988, p. 121).

O olhar inquiridor de uma criança que descobre e cria o mundo não é de maneira alguma falta de algo que ela esteja à procura ou que o mundo venha a lhe conferir, ou até impor. Na verdade, no espírito que contempla só há sentimento do nascer do mundo em nós e de nosso próprio nascimento pela contemplação. Deste encontro que faz surgir sujeito-matéria, da repetição de suas apresentações, sempre a diferir, algo interpela os pequenos que, frente às forças do exterior, interpelam de volta, se questionam: “Que diferença existe...?” Que diferença existe nas coisas miúdas que cotidianamente se apresentam novas, construindo a vida? Neste sentido, a necessidade se aproximaria do apelo que o presente, que o momento do

agora nos faz. Ao se apresentar, o presente, sempre em vias de fim, lança para aquele que o contempla um incômodo, um estranhamento que o faz ter a necessidade de levantar a questão: Que diferença é esta que se produz em mim quando encaro o presente e este se desfaz?

Essa areia movediça, único lugar em que nos fiamos, quando nos faz mover, produz em nós tamanha impressão que já não nos deixa ser mais o mesmo. Porém, este desfazimento do ser, o presente devindo outro, não é pura angústia: é a formulação de respostas, pois, se uma questão se faz, ela traz consigo, conjuntamente a viabilidade de sua resposta. Quando sentimo-nos contemplando, questionando, de certa forma, ao mesmo tempo estamos saciados, em plenitude com o presente, mesmo que este esteja em vias de fim.¹⁹

Contemplar é questionar. Não é próprio da questão “extrair” uma resposta? É a questão que apresenta ao mesmo tempo esta insistência ou esta obstinação e este cansaço, esta fadiga que correspondem à necessidade (DELEUZE, 1988, p. 121)

Aos que envelhecem, aos mais velhos que convivem cotidianamente e ensinam sobre um temporalidades aos menores - talvez por um processo de exclusão que os afasta dia após dia da vida social e cronometrada por um tempo quase que completamente espacializado e homogêneo; talvez por um gosto adquirido com o viver, por um gosto daqueles que sentem que “já não há mais tempo para perder com essas bobagens que os homens acham importantes, esse tanto de trabalho, essa pressa toda”²⁰ – fica a oportunidade de levantar questões que surgem a partir de contemplações, estas respondem à vida cotidiana a partir dela mesma, a partir do que a própria vida incita no presente. As respostas que extraem da vida miúda podem não ser alcançadas por outros, pois estes não se fazem as perguntas necessárias, já que perguntam a partir de um tempo cronometrado, já que estão exercendo durações quase que as mesmas.

Apesar das tentativas de exclusão daqueles que envelhecem, afastando-os dos supostos lugares onde as revoluções se dão, onde as ações acontecem, talvez venha sendo nestes outros recantos da vida cotidiana para os quais são destinados quando já não possuem mais serventia

¹⁹ Este jeito de entender à necessidade, nos tira do jogo da “falta”, uma falta constitutiva que certas verdades tentam introduzir na constituição do sujeito. Como se em nosso fundamento houvesse desde já, uma busca insaciável por algo que nunca encontraríamos: perguntas sem respostas, um vazio. Deleuze aspira e de certa forma nos inspira a vermos na constituição do sujeito a alegria em contemplar, a ponto de estarmos cansados e fadigados das perguntas que se criam em nós.

²⁰ Fala de uma daquelas que envelhecem, em uma conversa onde ela dizia que decidiu se aposentar assim que o seu segundo neto nasceu. Poderia continuar trabalhando mas disse que já tinha perdido tempo demais com essas bobagens que os homens passam a vida toda ocupados. Queria poder gastar seu tempo com os netos, brincando, ensinando as coisas que valem mesmo a pena, dizia ela.

em manter tempos cronometrados em pleno funcionamento (ou em plena paralisia?) – a casa, os afazeres do lar, as praças, as lembranças de outrora – que aqueles banhados de tempo possam maquinar enfrentamentos e escapes a uma quase morte, à aniquilação dos sentidos que conferem as suas vidas e suas histórias. A vida costuma encontrar uma brecha, desprende-se das vontades de prisão e delimitação a ela conferida, e escapa. Neste sentido, espaços destinados para que neles nada aconteça, podem, quem sabe, ser locais de muitos sons, de contemplações e transbordamento.

Quando Ecléa Bosi (1994) diz: “Os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes, só se revestem de significado para o velho e para a criança quando traduzidos por alguma grandeza na vida cotidiana”, penso ser apenas quando interpelados pela repetição da diferença que algo tomaria sentido, significaria. Pois seria em momentos como este que um espanto nos tira do chão, arrebatada, e nos perguntamos, enfim, “Que diferença existe...?”

Este é o ensinamento para os menores: a se atentarem para a contemplação de que as grandes revoluções precisam significar também, ou pelo menos se esforçar para, um desmonte das formas instituídas sobre como viver junto; desempenhar de fato uma significativa e qualitativa transformação nas formas de se relacionar com o outro, na vida que segue em suas miudezas.

A mim ensinou-me tudo.

Ensinou-me a olhar para as coisas.

Aponta-me todas as coisas que há nas flores.

Mostra-me como as pedras são engraçadas

Quando a gente as tem na mão

E olha devagar para elas.²¹

Cada contração, cada duração é uma espera, é uma intensidade que caminha do passado ao futuro no próprio presente. Que faz um daqueles que envelhecem dizer aos pequenos: “Você, quando crescer, será como o vovô, que na sua idade também brincava de escrever”. (BOSI, 1994, p. 74). A experiência de uma duração intensiva se instaura entre estes sujeitos, que brincam com as diferenças de idade até o ponto de poderem experimentar deixa-las de lado, deixando também fluir outras dimensões do tempo que não apenas cronológicas. Já não importa mais quanto anos se tem; somos novos e velhos ao mesmo tempo; envelhecemos e

²¹ Fragmento do poema “Menino Jesus” de Fernando Pessoa, heterônimo Alberto Caieiro, escrito em 1914.

rejuvenescemos, num vai e vem que é porta para o futuro. Brincam com o passado e o futuro. E por brincarem, deixam que algo da ordem do tempo vá construindo ensinamentos sobre esses possíveis vai-e-vem no presente.

Somos feitos de lembranças.

Até agora percorremos a síntese que origina o tempo como presente. Porém, se o presente se constitui de contrações finitas, um paradoxo se instaura na síntese do presente: construir o tempo, porém nele *passar*. Mas o que faz com que o presente passe? Uma outra síntese passiva, mais profunda, fundamento do tempo, se faz necessária. Esta constitui o ser do passado, faz passar o presente: a Memória.

Se representássemos o tempo como uma contínua sequência de sucessivos eventos, poderíamos pensar que o passado está encerrado, localizado entre dois presentes: “aquele que ele foi e aquele em relação ao qual ele é passado”. Porém, num tempo entremeado, com durações intensivas que findam e se estabelecem em contrações, “o passado não é o antigo presente, mas o elemento no qual este é visado” (DELEUZE, 1988, p. 124).

Do ponto de vista dos instantes sucessivos contraídos em um tal presente, o que se forma é um passado imediato que pertence certamente a este presente. Esse passado é particular, diz respeito àquela existência em específico e àquele tempo ali criado. Porém, o presente atual comporta algo do que passou, do presente anterior a ele: “comporta uma dimensão a mais pela qual ele re-presenta o antigo e no qual ele também representa a si próprio” (DELEUZE, 1988, p. 125). Portanto, seria sobre um passado geral, um passado suposto por toda representação que o antigo presente se refletiria no atual, e pelo qual ele passaria.

Podemos dizer então que existem dois passados: um gerado pelo presente, na síntese passiva da contração: ele possui uma duração específica, conteúdos de subjetividades em processo de germinação, é até certo ponto particular. Porém está conectado a um outro passado, advindo também de uma síntese passiva geral, que carrega em si a potência de fazer mover. Deleuze

(1988) nos apresenta uma outra dimensão que compõe o tempo. Esta é o passado puro, geral, a priori, que compõe a Memória imemorial, sem biografia, para além de um passado individual.

Não a memória de um antigo presente, mas uma memória sub-representativa, de um passado transcendental que jamais foi presente. O que se opõe a uma memória voluntária, uma síntese ativa, representativa, que vence o esquecimento empiricamente. (FARINA;GALLI, 2010, p. 313)

Nunca um presente passaria, se ele não comportasse ao mesmo tempo o presente e o passado. Se o passado estivesse à espera da passagem de algum presente para que ele, em vista dele, se tornasse passado, jamais o presente anterior passaria e nem o posterior haveria de chegar. “É em vão que se pretende recompor o passado a partir de um dos presentes que o encerram, seja aquele que foi, seja aquele em relação ao qual ele é agora passado” (DELEUZE, 1988, p. 126). É em vão, pois o passado geral aí está sempre, compondo o presente, permeando-o, coexistindo com o novo presente que se anuncia, fazendo-o se tornar mais um passado.

O passado, paradoxalmente, é também contemporâneo de seus presentes, pois é para esse Todo pré-existente, que nunca foi de fato presente, que o próprio presente visa e se compõe no momento em que se forja. Todo o passado – inteiro – coexiste em cada presente, em durações mais contraídas ou mais distendidas. Naquele puncto “agora”, um elemento ontológico se instaura, e se torna condição de passagem de todos os presentes particulares.

A duração é, portanto, Memória. Carrega um passado imemorial, pois o é em primeiro lugar. O presente se apresenta para nós como uma imagem crescente do passado e, “pela sua contínua mudança de qualidade, dá testemunho da carga cada vez mais pesada que alguém carrega em suas costas à medida que vai cada vez mais envelhecendo” (DELEUZE, 1999, p. 43).

Por isso é tão importante compreender sobre como o tempo se funda, e como ele próprio nos funda ao arriscarmos ensaiar quaisquer considerações sobre o envelhecer na contemporaneidade. Aqueles que envelhecem testemunham – no exercício de cada duração, de cada modo de existência – esta “contínua mudança de qualidade”: a presença inegável do passado na constituição de nossos territórios existenciais. A carga cada vez mais pesada, não de sucessões de presentes acumulados com conteúdos e vivências, mas das contrações e contemplações de intensidades variantes que ao longo de suas existências puderam exercer.

São as diferenças extraídas dessas contemplações, na apresentação cotidiana do mundo aos seus olhos, que transformaram drasticamente aqueles que envelhecem, marcando seus corpos, seus modos de pensar e agir. Porque se esqueceram de algumas marcas, ou porque não puderam se esquecer de outras; porque carregarem marcas que não são produtos apenas de seus presentes acumulados, mas portam algo de antigo e virtual, que seus ditos são imprescindíveis e seus ensinamentos tão significativos. Por aquilo que nos contam, vamos nos familiarizando com a presença de um passado para além do sujeito ao nosso redor, no qual sentimos no presente a presença inegável deste passado imemorial.

Qual passado é este, puro? Que Memória de “M” maiúsculo é esta, que fura, transcende, transvasa o presente?

Essa lembrança pura, que habita cada presentificação, parece contradizer toda filosofia da diferença, toda forma de pensar o sujeito como um processo constante de produção e desfazimento, essencialmente perene e mutante. Porém, tal dificuldade é uma cilada do pensamento, que vai e volta, escorregando ainda em um entendimento do tempo como apresentação de uma trilogia sequencial passado-presente-futuro.

A proposta é que possamos ver furar a trilogia em favor da aposta em um tempo onde coexistam estas três linhas, onde o tempo saia dos eixos: as cenas do filme não mais se sucederiam, mas se embaçariam, simultaneamente passariam uma por cima das outras, sofreriam recortes e novas colagens, produzindo imagens irreconhecíveis, incendiárias. O passado puro está em cada cena da composição deste filme sem pé-nem-cabeça, inacabado. Ele entra como um relâmpago a clarear alguns “takes”, a pigmentar o presente com as lembranças de um tempo para além das biografias de cada sujeito, para a morada da Memória.

Se temos tanta dificuldade em pensar uma sobrevivência em si do passado, é porque acreditamos que o passado já não é, e que ele deixou de ser. Confundimos, então, o Ser com o ser-presente. Todavia, o presente *não é*; ele seria sobretudo puro devir, sempre fora de si. Ele não é, mas age. Seu elemento próprio não é o ser, mas o ativo ou o útil. Do passado, ao contrário, é preciso dizer que ele deixou de agir ou de ser-útil. Mas ele não deixou de ser. Inútil e inativo, impassível, ele É, no sentido pleno da palavra. (DELEUZE, G. 1999. p 34)

Esse passado puro que “é” adentra o presente nas lembranças ressonante nos ditos daqueles que envelhecem, povoa o tempo do agora, está na constituição de todos. Pois o tempo constitui a todos, envelhecendo-os, pondo-os para fora de si; ou pondo para dentro de si um pouco disto que não deixou de ser. Conserva algo, mas não o sujeito em si, pois este é

produção do presente e está sempre em vias de fim. Diferentemente do que no senso comum podemos dizer, o presente é sempre o que *era*; o passado é. No entanto, se parássemos por aqui, não edificariamos uma teoria a transcender a realidade, que se afirme sobre formas imutáveis buscando ideias gerais sobre como o tempo passa, determinando um tempo que é um “todo”? É preciso ir além.

A lembrança pura, este passado que nunca passa e está aí em todo momento sendo um dos elementos constitutivos do presente, não tem existência psicológica. Não é passado individual, de um sujeito; não conta a biografia de uma vida; não são os acúmulos dos eventos vivenciados por um sujeito. Ela é virtual, é ontologia²² pura. Imergimos no reino das existências múltiplas. De acordo com Deleuze, nas esteiras de Henri Bergson, a lembrança pura é “virtual, inativa e inconsciente” (DELEUZE, 1999, p. 47).

O virtual não é uma não-realidade. Ele produz efeitos, é da ordem das forças, dos fluxos, dos incorporais; é real em sua dinâmica e dimensão própria. Como inconsciente, não desejamos nos aproximar do conceito freudiano. A utilização do termo inconsciente para Deleuze não designa uma realidade psicológica fora da consciência e seus processos instauradores. Ele se apropria da palavra para dar um significado em que é incabível contrapô-la ao seu par tão comum, a consciência. O inconsciente aqui é visto como uma realidade não psicológica, anterior a qualquer presentificação ou processo de conscientização, trata-se do ser tal como ele é em si: “Ali, o próprio pensamento se constitui como possibilidade de pensar, sem que haja um eu por trás da ação de pensar, sem que haja a individuação de um sujeito e de um objeto” (FORNAZARI, 2004, p. 32).

Só no presente podemos falar em um eu, pois esse é psicológico. Mas o passado, a lembrança pura, é ontologia. Assim, o empenho da filosofia da diferença em não se deixar confinar por

²²Nos caminhos de Deleuze, por ontologia afirmamos o ser em todas as suas diferenças, múltiplo. Se o ser carrega como fundação a diferença, estudar a história do sujeito ou analítica de verdade do sujeito - como se este tivesse uma essência, algo que o constituiu hoje e sempre e do qual há uma verdade a se revelar e que quanto mais a buscarmos mais saberemos sobre o indivíduo-, já não é possível, já não é uma aposta viável, ou pelo menos não produziria questões pertinentes para o nosso tempo. Rabinow (1984, p.50) diz sobre a posição de Michel Foucault, que também vê no fazimento do sujeito pura diferenciação e, a partir disso, se põe a pensar nas histórias dos modos de subjetivação e objetivação dos sujeitos: “A ontologia crítica de nós mesmos deve ser considerada não, certamente, como uma teoria, uma doutrina, nem como um corpo permanente de conhecimento que vai se acumulando; deve ser concebida como uma atitude, um ethos, uma vida filosófica na qual a crítica do que somos é a um e ao mesmo tempo análise histórica dos limites que nos são impostos e um experimento com a possibilidade de ir além deles”. (Apud: PRADO FILHO, K. 2008, p. 58). Disponível no sítio <http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-07.pdf> (acesso em 10 jul. 2015).

detrás de verdades absolutas ainda se mantém, pois a lembrança pura, este passado imemorial, não é a junção dos passados individuais, das mesmas cenas vividas.

Sobre as lembranças que por vezes são fugidias, Deleuze se pergunta: o que acontece quando buscamos uma lembrança que nos escapa? Os encaminhamentos produzidos por ele em resposta para esta questão são conectados a um trecho de *Matéria e Memória*, de Henri Bergson, em que ele discorre sobre o que se passa quando procuramos uma lembrança:

(...) temos consciência de um ato *sui generis*, pelo qual nos destacamos do presente para nos colocarmos, inicialmente, no passado em geral, depois em uma certa região do passado: é um trabalho tateante, análogo à preparação de um aparelho fotográfico (apud DELEUZE, 1999, p. 47)

Alerta-nos Deleuze para não tropeçarmos em fazer uma interpretação deste trecho como se a busca pela lembrança que nos instala no passado imemorial se tratasse de um ato psicológico, intencional. O esforço é em pensarmos para além do sujeito psicológico, voltando nossa atenção para o que há de *sui generis* neste ato, capaz de nos impulsionar para fora de nosso presente, para fora do sujeito. Ato que consiste em dar um verdadeiro *salto*: “Instalamos-nos de súbito no passado, saltamos no passado como em um elemento próprio” (DELEUZE, 1999, p. 48).

Assim como quando olhamos para as coisas ao nosso redor e percebemos as coisas lá onde elas estão, apreendemos o passado lá onde ele está e não em nós mesmos, no nosso corpo, que é similitude do nosso tempo presente. Lembrar de algo é dar um salto ontológico, onde mergulhamos no virtual, zona de pura força e diferença. Ao saltar, algo em nós se põe para fora. O Eu-presente racha-se, atraído por alguma coisa da qual nada se sabe; abre-se; ausenta-se. Um eu, que já não está mais ali, passou, devindo outra forma, permitindo passivamente que a memória se instaure, passe em nós.

O passado imemorial é condição para a passagem de todo presente particular. Pois, logo após estarmos nele (de súbito, instalados), passamos do geral a um certo ponto deste passado, uma certa região em que a virtualidade se condensa e se atualiza. É ponte onde pouco a pouco aquilo que era virtual – elemento instaurador, o passado em si – vai tomando corpo, encarnando uma inédita existência subjetiva, passando para o estado atual, criando durações.

Não há dúvida que há um Todo e este é a duração ou o tempo, mas esse todo não é dado: é virtual. As linhas divergentes que resultam de seu movimento de atualização já não se assemelham a ele e não são mais reuníveis num todo, permanecendo exteriores umas às outras. No atual há um pluralismo

irredutível. Bergson veria um certo finalismo nesse movimento da vida, não como meta previamente definida, mas sim enquanto a vida opera em direção a alguma coisa. Tais direções não preexistem, mas são elas mesmas criadas no movimento de atualização que as percorre. Ao diferenciar-se, a vida cria os meios para a distinção daquilo que se emaranhava no seio do virtual. (FORNAZARI, 2004, p. 49)

A vida se dirige ao presente, sempre atenta à necessidade de se transmutar. Um apelo do presente a dirige. Contudo, a direção não é uma reta: são curvas, pulos no virtual. É neste inatural que a vida toca a fim de estabelecer presentificações e seguir.

Confirma-se então o principal e ao meu ver mais interessante paradoxo do tempo: o passado é contemporâneo do presente que ele foi. Não designando momentos sucessivos, é do olhar que visa o passado a criação do presente. Coexistem, ambos interpolando-se. “É o passado inteiro, integral, é *todo* o nosso passado que coexiste com cada presente” (DELEUZE, 1999, p. 50), atualizando-se em durações de qualidades múltiplas em níveis mais ou menos extensos, intensivos, contraídos, dilatados, tensos, distendidos.

Quando exercemos certa duração, “todo o nosso passado se lança e se retoma de uma só vez” (DELEUZE, 1999, p. 51). O que se repete é sua apresentação cada vez mais distinta em planos de durações múltiplas, pois, quando nos lembramos, não acessamos certas regiões do passado com teores específicos, lembranças tais ao invés de outras. O que acessamos são níveis distintos do Todo, que contém em si o Todo mais ou menos contraído.

Desta maneira, o passado como um Todo, que se diferencia de qualidade em sua atualização, já não contradiz esta forma de fazer filosofia que tem na diferença a arma com que desmantela qualquer tentativa de aprisionamento do viver em formas ditas eternas e naturais. Há uma multiplicidade de ritmos de duração, pois esse Todo que se atualiza em durações de ritmos diferentes forma outro todo, já que suas qualidades se transformam nas contrações e já não são mais comparáveis. O tempo comportaria para nós um gatilho que a tudo difere e que diz respeito intrinsecamente a como nos tornamos quem somos, às durações que exercemos e deixamos de exercer: uma ontologia do sujeito e, por conseguinte, do presente. Walter Benjamin diz: “A verdadeira imagem do passado *passa voando*. O passado só se deixa capturar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento de sua conhecibilidade” (BENJAMIN, 2012, p. 243). Um salto na Memória, uma lembrança que vem em nós habitar e permitir a passagem do tempo, gera imagens que contam sobre o tempo presente, são

contemporâneas e embebecidas de virtualidade, abrem alas para que o presente passe em nós, voando, devindo.

Deleuze, ainda a respeito do trecho de Henri Bergson, afirma que quando buscamos uma lembrança “dispomo-nos, assim, a simplesmente recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco, ela aparece como uma nebulosidade que viria condensar-se (...)”(DELEUZE, 1999, p.47). Quanto a esta atitude, penso que dela nos afastamos consideravelmente em nosso tempo. “Simplesmente receber” algo não se enquadra nos moldes e padrões que se instituem de como agir frente à vida na contemporaneidade. Talvez já não saibamos mais receber aprendizados nos quais não tenhamos de ser “pró-ativos”, conscientes, racionais dos procedimentos que sofremos. Experimentações nas quais se assuma uma postura de tédio, de tranquilidade, sem reservas, sem a atuação endurecida de um eu que se esforça para ter ciência constante de seus atos, é cada vez mais raro. Aprender sobre o tempo com um daqueles que envelhecem requer uma “atitude apropriada”, *pausas* tanto da parte daqueles que se lembram, quanto daqueles que se constituirão das lembranças de seus antepassados. É preciso permanecer ouvindo, passivamente, até que o ouvido ouça vozes alheias à sua própria, que se disperse, distraia-se.

Se também *somos feitos de lembranças* – “há um encontro secreto marcado entre as gerações” (BENJAMIN, 2012, p. 242) – talvez seja nesses encontros onde o tempo passa relaxadamente, onde não há mais delimitações prévias de tarefas e de enquadramentos temporais com o objetivo de homogeneizar o tempo, quem sabe nos terrenos cotidianos nos quais as horas se arrastam e um pouco do tédio toma a cena; neles se pode querer fazer uma outra coisa que já não mais se fazia, onde a mente se aquiete dos compromissos e se deixe ser invadida por lembranças fugidias. Neste tempo pode ser que haja espaços para brincar e contar histórias, para uma “outra socialização”, capaz de permitir – diz-nos Ecléa Bosi – que não venhamos a estranhar as regiões sociais do passado.

Walter Benjamin vê nas sociedades modernas um desaparecimento gritante e quase em vias de extinção daqueles que contavam histórias e ensinavam sobre o tempo. Pois, para que se possa ouvir, receber uma lição sobre o tempo, e assim uma lição sobre modos de ser e agir, de ser sujeito, é preciso exercer outras durações: “(...) exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Pelas vias do tédio, um silêncio se apodera de nós. Não que venhamos a deixar de falar. O que se emudece é a mente, a consciência borbulhando pensamentos repetitivos, acelerados. Daí sim, um pouco mais quietos por dentro, passamos a ouvir algo que soa lá fora do involucro de nossos corpos. Soa há tempos, é capaz de dar outro tamanho a nossa existência quando visto “de lá de fora”. Um encontro entre aqueles que envelhecem (crianças, adultos, velhos...), experimentando os entremeios fora do corpo, brincando com o corpo, até outros corpos, passarinhos, árvores, lembranças, produz temporalidades.

À palavra “tédio” aproximo outra, “necessidade”, já discutida neste fragmento. Tédio não se contradiz a qualquer termo que o negue, não está contrário a entusiasmo, esforço, empenho ou motivação. Prefiro pensá-lo como andaime que torna possível contemplar as existências e suas mil durações. Aproxima-se à necessidade como um apelo do momento presente, da vida que segue forjando-se no agora – a qual perdemos de vista, ocupados demais com um tempo que de tão cheio está esvaziado.

Estar de fato presente, não ter nada a fazer atrelado a compromissos futuros, poder ocupar o tempo de inutilidades, atento ao instante preciso em que, como por surpresa, algo de banal, mas “miraculoso”, aconteça: uma criança a ver nascer o mundo. Isto requer uma atenção precisa, que é a “atitude apropriada” para sentir o tempo passar e permitir ser tocado pelas forças que balançam os ventos. “O tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência. O menor sussurro das folhagens o assusta” (BENJAMIN, 2012, p. 221). A atenção no tédio é desatenta do eu e atenta ao que o rodeia. Faz ver a Memória que nos rodeia, possíveis virtualidades em vias de atualização.

A atitude apropriada requer um silenciamento do eu, que sai da cena principal, permite o seu apagamento e o nascimento de novos eus larvares, a todo momento atentos ao mover da matéria, aos sussurros das folhagens. “Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”, diz Benjamin. Contando sobre as lembranças, instauradas como saltos a fazer se entrecruzar as linhas do tempo, o passado vivenciado, psicológico se apaga, num processo de esquecimento que traz leveza e alegria. Suas memórias se tornam passado puro, já não dizem respeito somente a sua vida vivida; conectam-se aos acontecimentos históricos dos antepassados, às conjunturas que os fizeram serem quem são: ser apenas o possível. Uma postura nietzschiana, que esquece em favor da alegria e em diminuição dos ressentimentos e culpas que costumamos carregar vida a fora.

Buscar lembranças fugidias é costurar fios da história de quem somos, que nunca é individual. A leveza de deixar para trás partes mais significativas na manutenção de endurecidas formas de viver e, em troca, se compor do Todo, pode criar novos sítios existenciais que respondem ao presente, ao chamado das crianças que são curiosas, querem saber, por exemplo, por que mesmo as folhas caem, como caem. Os que contam também esquecem de si. No entanto, ao mesmo tempo, e até por esquecer, entregam um pouco de si. Este pouco é semente²³, germina novas subjetividades. Aqueles que ouvem, também esquecem de si, aprendem a dar saltos no tempo. [São] pequenos que, distraídos, ouvindo e brincando, aprendem a ser diferentes, mais do que eram antes, compostos – agora – de fragmentos dos antigos, prenhes de futuro.

‘O tempo saiu dos eixos’. E penetramos num passado de que não nos lembramos, povoado de pura virtualidade, de seres inexplicáveis pelo presente, de fantasmas vindos do futuro. (DELEUZE, 1997, p. 36, apud FARINA; GALLI, p. 314)

Deste modo, são as lembranças transmitidas por aqueles que envelhecem, em formas de ensinamentos, experiências, conselhos, brincadeiras, que podem vir a forjar os nasceres do mundo, neste exercício de parceria e leveza com as crianças, efetivando durações intensivas. Ao contar sobre quem foram e suas memórias, esperam algo para a próxima geração. Pode ser que esperem ter nos seus descendentes mais do mesmo, a repetição do que foram como única maneira de ser, fatal e eternizada. Mas pode ser que também, adiante, por outra perspectiva, a partir da compreensão de que o passado é mais do que a biografia de suas próprias vidas, desejem que as gerações futuras possam vir a não repetir a história tantas vezes medíocre que o ser humano vem suportando ser. Por ventura, esperam que em algum momento os que estão por vir deixem de atualizar máquinas que subjuguem uns aos outros, para afirmar a execução de desejos de compartilhar o viver, de ser mais do que fomos até aqui.

²³ Quanto ao poder das histórias contadas, que penso estarem repletas de lembranças, diz Benjamin: “Ela (essa história narrada) assemelha-se às sementes de trigo que durante anos ficaram hermeticamente nas câmaras das pirâmides, conservando até hoje suas forças germinativas” (BENJAMIN, 2012, p. 220).

4

Morte doce, morte de mar: o envelhecer e as ondas.

*É doce morrer no mar,
nas ondas verdes do mar.
É doce morrer no mar,
nas ondas verdes do mar.*²⁴

Era quase dia. Dia de domingo, cidade acorda tarde, almoço quase janta e preguiça na cama.

Mas a graveza da voz de Caimmy veio lenta bater em minha janela, como chuva e sol. Casamento de viúva, mãe dizia quando moça.

“*É doce morrer no mar.*” ele repetia, como as ondas em seu eterno retorno, avançando ao tempo conforme a maré.

Um olho aberto e outro ainda fechado, levantei estranhando: som alto demais pra mais um domingo sagrado das famílias moradoras de Icaraí. Fui à janela ver de onde vinha aquele atrevimento.

Ele senta na cadeira de balanço, como quem pede uma rede. Fazia tempo que não se deitava em uma. A última vez foi quando mesmo? Ainda morava de esquina com a Rua Nova do Imperador, que depois veio a se chamar Mariz e Barros e hoje já nem mais. Uma dificuldade só de se levantar da cadeira, pense fosse uma rede. “Imagina que perigo, pai..”, já vinha a filha numa ladainha. “O senhor precisa de algo mais confortável, seguro, olha a coluna como fica! Essa cadeira é mais velha que eu, aliás se somar os anos dessa velharia toda de madeira da casa eu nem sei..”

Vantagens de ser quase surdo. Ele podia desligar o aparelho dos ouvidos e a voz da filha entrava que nem zunido, chiado chato. Lá estava ele a aumentar um tiquinho só a música.

²⁴“É doce morrer no mar”: Música composta em 1941 por Dorival Caymmi e Jorge Amado.

Ah, agora sim, Dorival tremia os móveis de madeira.

A agulha arranhava os ouvidos.

Discos são fabricados com um traçado marcado, delimitando suas faixas musicais e traçando as rotas pelas quais a agulha deve caminhar pela bolacha. São ranhuras que, seguindo em espiral, produzem um som afinado, melodia exata. A agulha repete longamente, tantas vezes o mesmo caminho, reiterando o traçado da fábrica, e o seu vibrar pelo disco é o que depois se tornará música.

Um objeto bastante delicado. O vinil precisa ser conservado dentro de um fino plástico e limpo com uma flanela para não se empoeirar; do contrário, arranhará.

Por mais que diligentemente tentemos conservá-lo, com o tempo ouvidos atentos perceberão pequenos desvios, alongo nas notas, desafinos quase imperceptíveis. Contrariando àquilo para que foi feita, a agulha quanto mais caminha, mais desanda. Culpa da poeira, dizem. Poeira vem de todo canto, vem da rua, de nós mesmos, a poeira contra qual lutamos é a marca dos dias na agulha e no vinil. Ouvidos atentos sentem os tremores dos novos trajetos produzidos pela poeira impregnada na agulha e no disco, que juntos passam a compor uma melodia ruidosa, um som singular feitos pelas marcas do tempo, espessas, intensas, como rugas em peles a envelhecer.

*A noite que ele não veio foi,
foi de tristeza pra mim.
Saveiro voltou sozinho,
triste noite foi pra mim.
É doce morrer no mar,
nas ondas verdes do mar.*

De olhar longe... lá, lá, quase nas águas, Dorival cantava.

Dorival foi homem de cantar contando. Ele contava histórias dessas antigas que se conta nas rodas à beira-mar, em que mulheres e crianças se sentam na areia a esperar. Costuram as redes desgastadas, amolam as facas, ajeitam as vendas, ocupam as mãos na agonia da espera. É que nunca se sabe o momento certo em que verão o borrão dos barcos vindos do oceano. À espreita, ficam ali então: mãos ocupadas, olhos vidrados e ouvidos a entreter. Livres para

prosear, costuram velhas histórias, quase esquecidas. Relembrem favores de santos protetores, cantam os prodígios da rainha das águas. Enquanto o barco não vem, rememoram as tantas vezes em que Iemanjá foi piedosa e não pediu de volta seus barcos e seus homens.

Espera doída. Cantando cantigas para distrair o coração aflito e amolecer os desejos de Iemanjá. Na areia, se agradece a volta segura dos barcos e o fruto do trabalho. Lá, na beira mar, cantam para não esquecer dos que um dia não voltaram.

Espreitando a morte, se lembram de que, um dia, Iemanjá há de nos abraçar. Morte doce, morte de mar.

Em 1996, no Heinenken Concerts em São Paulo, Dorival Caymmi canta “é doce morrer no mar”.

Cabelos embranquecidos, olhos embaçados, mãos enrugadas; apesar disso, ou talvez por isso, a voz grave e bela, besuntada pelo ofício de sempre cantar.

Quando as notas de sua voz começam a se espalhar pela plateia, é como se houvesse uma distensão neste tempo cronológico que corre em nossos relógios, e, por um instante, grave ficou também os segundos que nos separaram do que éramos e do que estávamos a nos tornar. Um tempo tão grave como uma voz tão rouca.

Caymmi se põe a contar de um mar com as mãos. Levanta os braços e movimenta-os traçando uma onda, firme. Ele traz ali o mar. Conta que o mar ceifa vidas. Olha pra ele com agudez, espreitando a ressaca das ondas. Olhos distantes viam o intempestivo: não há como fugir, e a morte se escancara entre ele e a plateia, em um tempo diferente e indiferenciado do que éramos e já não somos mais.

Só morre aquele que viveu um dia. A pele do cantador denuncia as marcas dos anos, denuncia o chamado pavoroso do mar. Não há como fugir de sermos vivos. Temos de nos haver com as horas.

O tempo é uma fenda.

O tempo é uma fenda. Heterogêneo e indeterminado, não corre necessariamente como contamos em horas: densifica-se, anuncia-se, mas também rarefaz e se deixa esquecer. Todavia é em suas fissuras que vivemos, nestas fendas somos e deixamos de ser. Um limiar²⁵ que se refaz insistentemente; este se inscreve em “um registro amplo, de passagens, de movimentos e transições” (GAGNEBIN, Jeanne Marie. 2010 p. 13). Nesta zona construímos desejos, gestos, estabelecemos fluxos, e para ultrapassar um limiar, é preciso exercer durações distintas, lentidões, rapidez; seu território se funda pela duração que levamos para nele caminharmos, ou nele construirmos uma ponte. Porém para medi-lo não há régua; é de antemão sem métrica pré-definida, sem um espaço que possamos comparar a outro espaço já existente. Cada tamanho que toma é único, cada ponte que constrói só serve para nela atravessarmos uma única vez. O tempo, por ser uma zona, um limiar, compõe um Todo. Todavia “não é um conjunto fechado, mas Aberto – é por natureza, mudança incessante, criação. (PELBART, 2010, p. 5).

O tempo é uma fenda. É preciso habitar zonas limítrofes para construção de temporalidades múltiplas. “Sempre mais e menos, ao mesmo tempo, mas nunca igual. Um dinamismo espaço-temporal de espera.” (DOMINGUES, 2010, p. 22). Somente alargando nossas formas de agir e sentir, refreando, parando um pouco mais para vivenciar as travessias perigosas das fendas temporais é que construiremos passagens para talvez fazer fruir e comportar a experiência de viver na contemporaneidade. É justamente no esforço de habitar zonas indiferenciadas, ocupar algo que está sempre no “entre”, no limite do ser, ou ainda ao transgredir o limite do ser, que poderemos nos perguntar: quais tipos de relações temporais temos estabelecido ao viver? Que tempo se instaura em nós e nos constitui como sujeitos? Perguntas perigosas.

O perigo nos sonda no primeiro passo rumo ao desconhecido. Há sempre um preço a pagar por transgredir as fronteiras de si. É o preço de estar exposto, sem nenhuma certeza, precisão ou aviso prévio ao que está além de nossas fronteiras, no entre. Perigo do desfazimento daquilo que foi arranjando, emaranhando e constituindo uma subjetividade, prolongando e

²⁵GAGNEBIN (2010), no texto “Entre a Vida e a Morte” analisa o conceito proposto por Benjamin para a palavra “limiar” em seu livro “Passagens”. Walter Benjamin diz que, diferentemente da palavra limite, limiar não é apenas aquilo que separa um território do outro, mas aquilo que permite uma transição entre ambos territórios. É um espaço “entre”, pois é necessário transitar por ele, e este caminhar do transeunte requer e por vezes impõe, certas lentidões, agilidades. Faz portanto correr fluxos e contrafluxos. In: OTTE, G; SEDLMAYER, S; CORNELSEN, E. **Limiares e Passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

fortalecendo-se na impressão de uma identidade. Podemos ter a sensação de que somos uma fortaleza murada, onde em seu interior mora aquele que permanece o mesmo, mesmidade: onde a constituição de um território que só resta em seus registros se mostraria de certa maneira que temos a “segura” impressão de estarmos iguais, tal qual sempre e eternamente “eu sou”. Desta mesma forma, eternamente o tempo é.

As fronteiras dos muros de “quem sou” tem por objetivo conter algo. Podemos compreender esta palavra em dupla significação: conter por ter um conteúdo, que deve ser específico e não se misturar com o que estivesse fora daquilo que se configura como seu espaço, estabelecendo uma relação dualista onde haveria um dentro e fora; conter como refrear, impedir o avanço de uma experiência que se dá nos encontros e, a partir destes, poderia transbordar, transgredir os limites preestabelecidos do que “eu sou” para se diferenciar.

A transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o conduz a atentar para sua desaparecimento iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui (mais exatamente talvez a se reconhecer aí pela primeira vez), a sentir sua verdade positiva no movimento de sua perda. (FOUCAULT, 2009, p. 32)

Porém a transgressão também delinea, a partir da abertura para novos territórios, um outro espaço composto pelos resquícios do encontro com a exterioridade. Fica apenas a memória deste acontecimento, que passa a constituir a nova zona, a linha, o limiar do ser. Ultrapassar os limites é, frente ao ilimitado, se ver arrebatado por seu conteúdo e torná-lo parte de si, devir outro juntamente aquilo que antes era exterior. Uma nova verdade sobre si se instaura: novas subjetividades produzidas na experiência de se expor ao indeterminado.

Contudo, o indeterminado não é o oposto daquilo que habita os limites do ser. Transgredir não opõe nada a nada. O dentro não é diametralmente o reverso do fora, negando um ao outro. Pelo contrário, é uma ação afirmativa que vislumbra tanto o sujeito e o transpor de seus limites quanto reconhece as forças do ilimitado. Afirma de fato a possibilidade de diferir, o processo de devir sempre outro.

Podemos pensar o tempo então como aquilo que transgrida, que difere de si, afirmando experiências limítrofes, produção de multiplicidade. Designa um perigo constante ao ser que pode ruir, se romper. O tempo não é o lugar da paz e do repouso. Ele é o limiar a partir do qual o sujeito se desintegra, passa, chega ao fim. É o lugar do perigo. O ser que é atravessado a todo momento pelo tempo e nele se constitui é este que está então em vias de desaparecer, de morrer para, quem sabe, ressurgir outro. Exatamente por não existir outro lugar fora do

perigo que é em vão nossas tentativas de permanência.

Como nos ritos de passagem das comunidades tradicionais, tal qual um casamento, a puberdade, a celebração das conquistas de um guerreiro ou até mesmo a preparação na velhice para morte, o passar do tempo se afirma como território de transformações pelos quais é preciso fabricar um novo corpo e construir maneiras de atravessar estes períodos.

Todavia, cada dia mais “nos tornamos muito pobres em experiências liminares” (BENJAMIN, Walter. 2006, p. 535). Esse quadro é apontado por Walter Benjamin em seus estudos sobre a modernidade. Percebe que nesta, o tempo se encurtou, a experiência de transitar por temporalidades que pedem suspensão e distensão, certo vagar incerto, se encolheu, acompanhando o fluxo incessante das mercadorias, da forma de funcionamento do trabalho industrial. Aceleramos nosso ritmo de viver com tal força, que se torna difícil reconhecer sensorialmente experiências liminares e praticar essa espera capaz de edificar territórios de passagem.

Na contemporaneidade os relógios batem sintonizados ao progresso do capitalismo. Este tempo cronológico compartimentado em frações iguais rege nossos dias, compartimentando conjuntamente gestos, sensações e corpos. Levantamos, vamos às ruas a passos apressados e com um destino traçado previamente. Como um rebanho caminhamos presos ao fluxo da cidade grande que nunca para: trânsito engarrafado. Até a volta para as nossas casas, desapercibidos dos tantos ritmos que ocasionalmente diferiram da cadência estabelecida pela ótica do mercado, podendo oportunizar quebras em automatismos temporais.

A capacidade de fazer fruir outras durações que se interpolaram em meio ao caminho é diminuída, pois nem sempre suportarmos ou conseguimos construir um plano de consistência para atravessar tal empreitada. Voltamos para nossos lares, que parecem oferecer conforto e segurança, além de um pouco de calma; porém, além de acontecer de se instituírem como barreiras – que podem servir de contenção frente certas experiências que se dariam em nosso corpo sensível exposto às ruas – ainda assim nesses espaços vigoram vários veículos e forças (até a pele em que habitamos) a nos impor a mesma pressa, que ilusoriamente pensamos estar do lado de fora das portas de casa. Chegamos de mais um dia ainda às voltas com tarefas não cumpridas, metas que não alcançamos, o trabalho que não coube nas tantas horas que este já ocupa, pois estamos sempre em dívida em uma sociedade capitalista de consumo. Dívidas desde o nosso cartão de crédito ao tempo insuficiente para cumprir todas as tarefas que

desejamos realizar.

Tal pressa estabelece reações com o tempo em que as transições devem ser encurtadas ao máximo: “O melhor seria poder anulá-las e passar assim o mais rapidamente possível de uma cidade a outra, de um país a outro, de um pensamento a outro (...) como um mero toque na tecla do assim chamado controle remoto”. (GAGNEBIN, Jeanne Marie. 2010, p.15).

Repetimos mais do mesmo, quase a mesma vida, mesmos trajetos. Existências esvaziadas, cidades esvaziadas. Vidas que mais parecem sobrevidas, pedindo a todo momento por um pouco mais: mais informação, mais novidade, mais produtividade, mais.

Algo pior, ou tão paralisante quanto não se arriscar em transgredir habitando zonas limítrofes, vai configurando-se a partir da modernidade e vem intensificando-se com os avanços tecnológicos e os meios de comunicação como uma situação comum: em busca da novidade, transformamos as experiências liminares em mercadoria. Encolhemos a experiência de transgressão a um jogo novamente dualista, pois a lógica do capital compreende que devemos insistentemente buscar novidades, em contrário àquilo que já passou, perdeu valor de mercado, está atrasado. Um dilema se instaura: atrás de novidades, confundimos o limiar com a busca pelo novo. Porém este novo não é o que antes chamamos de fora, mas, sim, apenas o oposto do velho e sem valor.

Estagnamo-nos em algo semelhante a um limbo que passa a constituir as zonas indiferenciadas. Mal vivemos uma transgressão daquilo que éramos, que quase sempre se dá apressadamente, e isto já não nos basta: somos insaciáveis, e logo nos lançamos para talvez o mesmo lugar de onde não saímos em busca de mais novidade. Nesse movimento, não há duração possível para a criação de um novo território a partir da exposição ao exterior; por ele não caminhamos e nada há do que lembrar. Nenhum resquício. Já não há memória dos acontecimentos que então nos atravessaram, pois não paramos um pouco, pacientemente, a esperar as inscrições do tempo em nossos corpos, não houve a “atitude apropriada” que comporta certa leveza de se deixar ser invadido pelo outro, pela Memória que comporta o virtual. O limiar acaba por adquirir uma espessura sem-fim e dele não se consegue sair: limbo perdendo, assim, a função de diferir, torna-se perversamente prisão, zona de estancamento e de exaustão, de onde, mesmo com tamanha hiperatividade que caracteriza o mover na atualidade, não se pode escapar.

Passamos de um instante a outro, uma novidade a outra, sem que nada se dê em nós, sem que sejamos arrancados do lugar e transformados pelos acontecimentos. Na ilusão de vivenciarmos cada momento, repetimos quase que incansavelmente os mesmos passos! Afinal, “saciados e exaustos”²⁶, não temos tempo a perder.

O que se perde de vista neste enredo, e que de forma contundente aqueles que envelhecem retomam e recontam por vezes em um tom de alerta, é o caráter único, urgente e finito do agora. Habitar o limiar é compreender que jamais se viverá igualmente um mesmo momento; ele passará: o presente é único. A questão então é de vivê-lo em sua intensidade, divergindo, mas não apenas em busca da sensação de novidade, pois esta se agarra muito mais a uma vontade de eternidade, de nunca chegar ao fim, apenas administrando uma quase-morte. A dificuldade em habitar o limiar na modernidade e, gravemente, na contemporaneidade tem se transformado em algo mais aterrorizante, um

não ousar mais experimentar nem a intensidade da vida nem a dor da morte e seguir vivendo num limiar de indiferenciação e de diferença, como se essa existência administrada fosse a vida verdadeira. (GAGNEBIN, 2010, p. 23)

Como transgredir os limites de nós mesmos em uma vida que se tem feito acelerada? O que faz funcionar temporalidades em que as horas são sempre insuficientes, e por elas devemos passar apressados? Será que repetimos os mesmos passos sempre, nada novo de fato acontece? Como envelhecer em meio a tanta pressa?

Quando algo nos passa

O velho fazia os móveis antigos de sua casa tremerem ao som do vinil que tocava ruidosamente Dorival, logo cedo. As vibrações sonoras percorriam sua residência,

²⁶ BENJAMIN, Walter. “Em Experiência e Pobreza”, p 127. Op. Cit. Walter Benjamin diz terem os homens da modernidade vivenciado muitas situações. São cultos e cheios de informações; “eles devoraram tudo, a 'cultura', o 'ser humano' e ficaram saciados e exaustos”. Em nome da ânsia por informações, “abandonaram uma a uma, todas as peças do patrimônio humano” para receberem em troca a “moeda do atual”.

reverberavam nas paredes vizinhas até alcançar as janelas do prédio ao lado, onde alguém dormia. Experimentar o som, experimentar a graveza da voz de Caymmi. O velho na cadeira de balanço concedia a possibilidade de que outros compartilhassem a sensação física de uma sonoridade grave, e quase se podia tocar no som, sentia-se a vibração na pele: espalhando pelo espaço uma sensação de que, mesmo parecendo haver uma distância entre um apartamento e outro, separando-os, tudo nesse mundo se interconecta, e as ondas do som e do mar de Caimmy, tal qual na ressaca do mar, transbordam os espaços que antes ocupavam, transpondo limites previamente estabelecidos.

Quando “algo nos passa” (LARROSA, 2001, p. 2), nos atravessa, o corpo e o nosso derredor tremem intensamente.

Todo material, mesmo aqueles em que aos olhos pareçam mais maciços — uma parede, o aço, o ferro— todos estes são porosos. Trazem em si espaços onde o sal das ondas encontram morada. Com o tempo, a ferrugem toma conta desses materiais, e eles oxidam, transformam-se, marcados pela maresia. O corpo, a pele, os tímpanos: tratam-se também de matérias porosas por onde algo se passa. E o som, quando vibra, produz ondas sonoras que, ao tocarem nossos corpos, atravessam os poros, ferem, gravam registros. Somos territórios de passagem²⁷ para os acontecimentos de nossa história.

É no momento em que somos tocados por outras matérias ou forças que rangemos a pele antes estagnada, e então sofremos uma transmutação subjetiva. Envelhecemos e trocamos de pele ao sermos transpassados por pequenas insurgências. Nem sempre nos damos conta do processo no qual estamos imersos, mas carregamos agora uma nova composição corporal, com as marcas daquilo que nos sobreveio: rugas ocupam um rosto antes liso, a pele amolece, cria contornos. Expostos às experiências cotidianas, corremos o risco de envelhecer, de um dia morrer, de não “funcionarmos” como outrora. O ouvido escuta menos de um lado que de outro, se vicia a alguns timbres, os olhos já não enxergam como antes, as mãos inseguras tremem, orelhas e nariz continuam a crescer.

Alguém que de fato experiencia os eventos que o atravessam se gasta, se torna enrugado; por vezes se esgota, se cansa; é carcomido pelo tempo. Todavia tem na carne rugas únicas, que

²⁷Jorge Larrosa, na palestra proferida "Notas sobre a experiência" (2001), propõe pensarmos a composição da palavra “sentido” e “experiência”. O sujeito da experiência seria aquele em que o corpo se constitui como território de passagem dos acontecimentos: é poroso e sente os tremores da vida. Sente e dá sentido através da palavra para o que na pele reverbera. Dá sentido, portanto, a si, à sua existência.

narram a história de seus dias, de suas trajetórias neste mundo. Aqueles que envelhecem abrigam os choques de cada situação vivida e guardam lembranças ruidosas na pele permeável. Não têm medo de ventania, deixam-se ser guarida pro vento e sal. Verdadeiramente, jamais funcionarão como antes: passam a ter cheiro de mar, ter história pra cantar e contar, mãos calejadas do trabalho, rugas nos cantos dos olhos.

A capacidade de comungar experiências, de comunicar algo que nos aconteceu e nos transformou, semelhante as vibrações de um vinil, se torna cada vez mais rara. Parece que já não sabemos mais transmitir aos outros um ensinamento, uma história do passado. Está em vias do fim, um longo processo que acompanha as transformações de nossa sociedade desde o período pré-industrial, esta capacidade que antigamente era comum. Walter Benjamin, na construção de sua teoria sobre o conceito de experiência, evoca a imagem do terror dos soldados que regressaram da Primeira Guerra Mundial. Diz que estes voltavam mais pobres em experiências comunicáveis. Frente ao choque, a fome, a dor de tantas mortes, era quase impossível para os soldados sobreviventes narrarem o que havia se passado na guerra de trincheiras. Regressaram silenciosos. O “frágil e minúsculo corpo humano” (BENJAMIN, 2012, p. 124) não pôde, defronte o terror, por vezes construir uma história que fosse capaz de dizer sobre o que era ser um ser humano após terríveis acontecimentos; não conseguiam narrar sobre as marcas que carregavam, contar do que se tornaram.

As grandes guerras, que acompanharam o progresso do capitalismo na modernidade, estão entre várias outras tragédias que acabaram por modular certas vias de experimentação da vida em que o comungar, o compartilhar, quase se impossibilitam. O avanço da técnica e a divisão espacial-temporal do processo de produção em detrimento do trabalho artesanal são marcas claras da industrialização e degradingaram também no engendramento desta nova forma de experienciar o viver, denominada por Walter Benjamin de vivência (*Erlebnis*) (BENJAMIN, 1989, p. 111).

A vivência é fruto de um duplo processo de interiorização. O sujeito passa a sentir os acontecimentos de maneira individual, segrega-se e, assim, fortalece uma forma-indivíduo. Já não se trata de eventos que são vividos coletivamente. Não haveria, então, como comungar os ocorridos, pois, afinal, teriam acontecido somente nele, conferindo uma sensação de não pertencimento ao mundo. E distante, o sujeito se enclausura nisto chamado personalidade, que deixa seus rastros em tudo o que toca: nos móveis antigos, nas quinquilharias que coleciona, nas cartas já amareladas, enfeites a conservar memórias estagnadas, mortas; memórias que

contam igualmente a mesma história infinitas vezes: “A história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel deixado vago pela história do comum.” (GAGNEBIN, 2011, p. 57).

A história do si deixa rastros desesperados que tentam devolver qualquer sensação de pertencimento. Todavia se frustram, pois o que dura não é a biografia de um sujeito, e sim o que ele conta para além dela; sendo esta conexão, esta forma de deixar marcas na história, quase que por completamente inacessível.

Em composição ao individualismo, a experiência de si se encerra em outro casulo: a moradia. É no interior das casas que o sujeito vai sentir segurança e se proteger diante do medo instaurado das ruas, da cidade, lugares que, a partir da modernidade, são vistos como caóticos e perigosos. Dentro de casa se solidifica a personalidade repleta de marcas, lembrando a todo instante quem é aquele sujeito. O que nele supostamente permanece através daquelas marcas já não pode se apagar, pois esta é a única garantia de individualidade, de unicidade que lhe resta frente ao caos que enxerga fora da clausura de si: “sou assim, pela vivência, por todo o trajeto que vivi neste mundo e que deixou um caminho claro, apenas meu, caminho cheio de pegadas, que contam de minha história”, assim diz o homem da vivência. Assim vivencia o homem moderno a construção de sua vida privada, que substitui as certezas construídas coletivamente em uma sociedade pré-industrial.

Esse duplo processo traz consigo uma solidão. Solidão cravada na carne dos seres, abrindo um abismo entre o “eu e o outro”. Ensimismados, já não enxergam a possibilidade de transmitir experiências, ensinamentos, de contar a história de suas trajetórias na vida, de formar comunidades: o sujeito se isola, e o silêncio, como quando os soldados retornavam, reina.

*Eu sei o que é solidão. Trancar a casa toda pra dormir sem ninguém pra conversar, sem ninguém pra discutir e nem rádio pra botar pra tocar você tem. Então você fica meditando... solidão. O cara tem tudo e não tem nada.*²⁸

²⁸ Fragmento da fala de um daqueles que envelhecem, no documentário “O mistério do samba” (2008).

A solidão reina feito o mar.

Na cadeira de balanço dentro do apartamento, o velho pede por uma rede, e por um som tão alto quanto for preciso para resistir ao falatório esvaziado de sua filha. Ele insiste em não caber em uma velhice pequena, que se resume à casa em que viveu boa parte de seus anos, morada repleta das quinquilharias antigas e antiquadas.

Muitos desses objetos são quase uma tormenta, pois trazem à memória eventos que não podem ser revividos: apregoam-se a ele e de nada servem, são incapazes de terem outras utilidades; por isso, antiquados. Os familiares consideram relíquias, pequenos mimos que lembram a avó falecida. São guardados com esmero e apego. Algumas vezes, os objetos são alívio e motivo de sorriso, trazem à tona uma lembrança boa, viram histórias engraçadas para contar; ou fazem tremer a casa, como a vitrola antiga e os vinis de música a chiar. Quando estes são tomados por uma força, transformam-se em armas para resistir à imposição de temporalidades que ele não está mais disposto a viver. Algumas vezes, as lembranças passadas servem de força para desejar viver hoje de uma forma diferente; podem perturbar a rotina que lhe impõem com ritmos distintos que as músicas produzem. Quando tomado pela força dos sons de outrora, aquele que envelhece pega a vitrola, aumenta sua potência, supera os limites que lhe tentam impor e seu som chega às ruas. A música toma conta da vizinhança, e ele narra uma história de si que seja ruidosa. Cuida de ouvir o que quer, quando quer. Insiste em dizer que, apesar da baixa audição, ainda ouve e ainda deseja pelo balanço da rede, pelo balanço do mar, por mais que lhe digam serem estes perigosos e não recomendados para um senhor de ossos fracos.

Acontece que as melodias e os cantores famosos, todos já haviam partido. Como o velho poderia transmitir à sua filha a força, as marcas dessas canções, do que viveu ao som delas, que contavam de uma época em que se pescava com a força dos braços? Como dizer dos fins de semana e namoros em um outro tempo que passava lento, ronceiro? Aquela experiência era compartilhada por tantos em um Rio de Janeiro a caminhar vagaroso, era uma experiência comum, talvez ainda seja em algumas cidades de veraneio, ou até mesmo nas cidades grandes ainda existam alguns que perseverem em tempos lentos. Como contar a sua filha a respeito de cenas cotidianas que, na sua visão, parecia não fazer nenhum sentido? Para quem contar suas lembranças como fazê-las tocar o outro?

A preocupação da filha era com a segurança de seu pai, com o quanto a velharia da casa, os móveis, não condiziam com as necessidades especiais advindas da idade: traziam em si uma série de riscos, poderiam quebrar, não eram “anatomicamente adaptadas”. Uma saúde enfiada goela abaixo do velho, como mais uma das tantas pílulas que tinha de tomar todos os dias, era apregoadada pela filha em jargões ouvidos por aqueles que se dizem “experts” do envelhecer. Saúde produzida por saberes médicos não preocupados em construir a terapêutica em conjunto ao sujeito que envelhece. Estes saberes estão compromissados em ditar parâmetros ideais de saúde,²⁹ normatizações de comportamentos da população, para alongar a vida tanto quanto seja possível, para fazer dela uma vida consumidora de produtos produzidos dentro da lógica do capital. A filha adere a este discurso e o atualiza, importando normas para o velho sobre como cuidar de si, o que comer, como andar, pra onde ir, onde sentar, a altura máxima que supostamente o seu ouvido suportaria os sons da música. *Quem é o pai aqui?!*, aquele que envelhece bradava à filha quando se via encurralado. Um campo de tensão entre as vivências daqueles que envelhecem.

Aquele a quem a filha quando moça também teve de obedecer hoje se vê contrariado pelo esforço extenuante de ter de fazer valer suas formas de viver. Aquele que envelhece não vai obedecer cegamente a saberes que lhe impõem uma vida regrada, normatizada. Deseja criar modos distintos de seguir vivendo, resistindo a imposições de saberes que não foram constituídos com ele, deixando de fazer sentido sobre ele. Deixar de atuar no "como" de sua vida para aquele que envelhece é o mesmo que morrer, é ficar ali esperando os dias, esperando a morte chegar.

Enquanto isso, a música vibra e a filha tapa os ouvidos para a melodia. O velho insiste em não virar múmia, resiste em não ter sua história resumida a um corpo que já não funciona nos parâmetros ideais. Fragmentado em órgãos que estão falecendo, supostamente necessitando de cuidados para permanecer o mais inteiro possível; destinado a uma eterna juventude, a quase não poder morrer, o corpo insiste em envelhecer. Não quer ter cada passo seu previsto, monitorado para que não corra riscos, nenhum acidente, não possa se ferir, até mesmo falecer. Para que serve o viver se não se pode atuar no como viver? Aquele que envelhece ainda quer sair, quer rede e música alta.

²⁹O alvo do biopoder é a regulamentação da vida, é a prevenção naquilo onde ela é imprevisível, no controle de seus acidentes. Por tomar posse da vida, decide o que faz viver e o que deixa morrer. Produz biotecnologias que prolongam a vida, ditando normas, “saberes” e formas mais eficazes de vivê-la. Ler p. 65 desta dissertação.

Sim, ele envelhece junto a seus móveis. Mas não é apenas um senhor de idade que precisa de cuidados. Não quer ser resguardado para supostamente durar mais, para ser como as quinquilharias que para nada servem, mas sobrevivem uma eternidade. Aquele que envelhece e a vitrola ainda vibram, reverberam. As paredes de sua moradia rompem com a história do processo de solidão, ensimesmamento, com uma gestão importada e especializada da vida, anunciando outros envelhecimentos.

Vizinhanças.

Do outro lado, na janela do edifício vizinho, Caymmi fazia tremer o domingo pela manhã. Dentro do apartamento, uma guitarra, dois baixos, violões e caixas de som. Os meninos tocaram a noite de sábado até virar o dia. Jovens curtindo a entrada na universidade. Sensação de liberdade de imersão em um ensino um pouco menos sufocante, diverso daquele universo tacanho ao qual tiveram de submeter-se durante toda a infância. Haviam feito sua parte: o ingresso na universidade pública garantia-lhes descanso das cobranças dos pais por pelo menos alguns anos.

Ansiavam por encontrar naquele espaço de ensino práticas de liberdade, jeitos de ser que lhes fizessem sentir potência e alegria. Mas não era simples, assim. Vagavam em busca de algo que parecia não se mostrar rapidamente. Talvez fosse ao se perder, tateando noite à fora em meio aos sons, às andanças pela cidade do Rio que encontrassem um punhado de força que fosse. Porém nem sempre a noite dava conta da busca. Exaustos, dormiam um pouco antes do sol nascer, embebecidos de várias substâncias que alteram a percepção, inclusive a música: jazz contemporâneo, rock brasileiro, samba-rock. Viam nos ruídos contemporâneos uma música sem classe, desafinada, gritante (pois como não haveria de ser? Nosso tempo pedia por novas formas de cantar, de viver).

O dia mesmo só começaria lá pelas tantas da tarde, já que o corpo se esgotara de tantas vibrações e pedia descanso, pedia para desligar-se da noite anterior. Mas a vibração do som vinda da janela à frente os despertou, e foi impossível não sentir os pêlos do corpo levantarem-se ao som de Caymmi.

De onde vem esta música? Procuravam ainda em estado de sono, meio dispersos, a toada que invadia o apartamento, quebrando as delimitações pré-estabelecidas da política de boa vizinhança. Os meninos, com os sentidos à espreita, encontraram lá longe, entre uma janela e outra, na brecha de um olhar distante, um daqueles que envelhecem, sentado, balançando a cadeira antiga no ritmo da melodia. De vez em quando ele se levantava, e com gestos precisos e refinados trocava com cuidado, o lado do disco, posicionando a agulha nas linhas tortuosas.

Despertos, já não era possível mais ignorar a sonoridade vizinha daquele que envelhece. Extremamente movidos pela voz de Caymmi, cada um foi em busca de seu instrumento de produzir ruídos: primeiro o violão, depois o baixo e, então, a guitarra. Os meninos ligaram a caixa em alto e, bom som, passaram a acompanhar do lado de cá as músicas que jamais tinham ouvido antes. Na cadeira de balanço, aquele que envelhece riu quando um som parecido, mas diferente, reverberou de volta pra ele.

Assim foram, domingos e mais domingos. Os meninos estudavam na internet os álbuns que aquele que envelhece botava para rodar na vitrola, e as janelas tocavam juntas. Às vezes os rumores e ruídos encurtam distâncias antes intransponíveis.

5

Não quero choro, nem vela.

Ele tinha sete anos, ela oito, quando na passarela de pedestres da Avenida Francisco Bicalho brincavam de pular amarelinha com os carros, tantos no horário de pico. “ – Quem pisar em mais carro amarelo ganha!”. Os carros vinham zunindo por baixo dos seus pés; quando chegavam pertinho, fingiam pisar neles como em formigas. O tráfego continuava, e eles espreitando o próximo carro amarelo a passar pela avenida. Enquanto isso, o dia inteiro, a mãe da menina vendia balas na beira da pista, na entrada da passarela. Das balas, todo o dinheiro do mês, nenhum centavo a mais, já que o homem havia sumido fazia alguns meses, e ela não conseguia quem cuidasse da menina pra ir pedir aquele auxílio que o governo dava. Tanto papel, fila de espera, tinha que tirar uns dois dias pra isso, talvez mais. Entre a cabeça formigando e o trocado da moça, dava uma olhada na filha, de novo em cima da passarela.

Diziam no colégio que ele não prestava pra números e vivia fugindo das aulas, mas quando tinha de contar os carros na amarelinha, multiplicava por dois e sempre ganhava dela, o espertinho. Quando passava caminhão, a passarela tremia toda, que nem a menina de medo. Lugar perigoso, não é de ficar à toa, ainda mais criança. Ela tentava se equilibrar, olhando pra frente, donde ainda se via a Perimetral. Ele aproveitava pra somar mais um carro amarelo e ninguém podia dizer que não passou. “Eu vi um sim, passou agora, sua medrosa! Não presta atenção...”

A vida deles era assim mesmo: na ponta dos pés, cuidando pra não ser atropelado e tentando fazer graça do pouco que tinham. Pra poder continuar vivendo, pra não desistir do jogo todo. Entre um corre e outro, o menino voltava lá para brincar um pouco. Se não fosse ela, brincaria era entre os carros. Ele brincaria com a vida, que seria pouco demais pra aguentar por mais um dia.

Com setenta, ela mais parecia cinquenta. Fazia tudo em casa e não queria ninguém atrapalhando o andamento de sua vida; podia muito bem cuidar dos dois, como sempre fez. Acordava de manhãzinha, ajeitava a casa, aguava as plantas e aos sábados até fazia feira. A pele negra e os olhos brilhantes ludibriaram o tempo, que perdeu para ela alguns anos. Depois

da feira, ia ver o samba na praça e sentia-se puro vigor, dançando o miudinho. Cabelos apurados, a roupa bem cuidada, ela ainda era aquela mulher que tinha a música como guia e o samba no corpo.

Com setenta, ele só sabia doer. Menos quando tinha uma cachaça na mão e na outra um cigarro enrolado de fumo Trevo. Culpa dessa vida desregrada que levava. Gastou a saúde antes da hora. Como se houvesse um tanto certo de saúde pra se usar, com moderação, todo santo dia. Diziam que precisava se cuidar, parar de beber e de se arriscar desse jeito; o médico disse que se continuasse nesse ritmo, não duraria muito mais. Mas ele, que sempre foi bom jogador, apostava alto; o que tinha e o que não tinha: as calças, o dinheiro da feira... a saúde de amanhã... Saía cedo, quase não dormia mais. Sentava-se no mesmo bar há tantos anos que não sabia encontrar em meio suas lembranças quando é mesmo que sentou ali a primeira vez; faz mais décadas do que seus filhos têm de vida. E ficava ali sentado o dia todo vendo as neguinhas passarem. Está aí uma coisa que não mudou: o sorriso fácil que acompanha o balanço das mulheres.

Com sessenta ela esperava, como esperou com cinquenta, quarenta, trinta. Com tão poucos anos, assim que se casou, tinha dezessete, e já esperava desde pequena por ele. Esperava a volta do cheiro de cachaça, que fazia caminho com o vento lá do pé do morro até em casa. Chegava quase clareando o dia e, antes de entrar pela porta, já havia impregnado o ar. Era seu homem, reconheceria esse cheiro como o seu próprio odor. Sabia ser este um sujeito curtido na cachaça, ninguém a enganara. Foi sempre assim; desde pequena, lá na passarela, já sentia o cheiro. Esperava, agoniada por ele. Tinha um medo que só sente quem sabe que a vida é um passo em falso e o jogo está terminado. Coração apertado, ô espera doída. Era briga no boteco, cantada barata na mulher errada, andava tonto e embriagado por entre os carros, ô espera doída. De nada servia tanta irritação, ele não voltaria tão cedo; se ele não voltasse... havia de voltar sim! Uma vida inteira... entende? É esperar numa agonia só, uma vida toda, inteira, pela volta de alguém.

Mas ele voltava com um sorriso na boca, como quando crianças ao olhar a Perimetral. Era assim que ganhava na amarelinha: ele pensava que ela tremia de medo dos caminhões zunindo, mas só ela sabia que tremia dele, por causa dele; por causa desse sorriso de menino que tinha até quando velho. O cheiro vindo da pele dele é que fazia o mundo daquela mulher tremer e zunir. Sentia no ar um combinado de ruas e branquinhas a invadir a casa quando finalmente ele regressava. E queria saber de tudo, por onde aqueles pés tinham pisado.

Ele chegava com uma dose última e a oferecia. Contava por onde andara, quem encontrou, com quem conversou, as esquinas que apoiaram seus passos tortos de bebida. A agonia passava e ela só queria colo e conversa fiada.

“Eu sabia que era ele voltando até o último dia. Eu reconheci ele até naquele dia, no caixão, mesmo quando encheram de rosas o seu caixão. ’ -Seu pai nunca gostou de rosas... mau agouro, tem cheiro de morte! Me devolvam ele! Vocês estão matando o cheiro, mandando o cheiro embora’, eu gritava pra todo o mundo. Mas ninguém escuta uma velha com seus já oitenta e tantos.

-Enterro é assim vó, se faz tudo igual. Onde já se viu deixar o vô sem flor! E vai velar o corpo como?’

-Ele já se foi minha filha, o cheiro... ele já se foi!. Eu ainda insistia com a menina que nada sabia dele e de mim. É que ele já tinha ido, o cheiro doce e seco de cachaça no ar; eu não sentia mais”.³⁰

“Quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela gravada com o nome dela”.³¹

Um velório sem flores.

Um velório sem flores. Era o que a senhora pedia frente ao irremediável: a morte do companheiro de uma vida inteira. Fomos desacostumados à morte como uma possibilidade cotidiana, tornamo-la um evento particular e discreto:

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as medidas higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse

³⁰ Fala de uma daquelas que envelhecem que me foi dita em uma de minhas caminhadas pelo Centro do Rio de Janeiro durante o período da pesquisa.

³¹ “Fita Amarela”: Música do cantor e compositor Noel Rosa, feita em 1933.

sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. (BENJAMIN, 2012, p. 223)

De acordo com o mercado imobiliário, os cemitérios desvalorizam os imóveis ao seu redor. Palavras que aludem diretamente à morte e ao enterro de um cadáver são substituídas nos anúncios das casas funerárias. Parcelas a perder de vista dividem o valor dos gastos destinados ao cuidado de um corpo no dia de sua partida. A família não precisa encostar no cadáver: ele chega pronto e maquilado para sua última aparição social. Tudo quanto puder ser feito para que venhamos a nos manter distanciados e “limpos” do fenecer de um corpo, desde quem o veste, o maquia, às rosas que o enfeitam, servem para tamponar o cheiro da morte: eufemismos por toda parte para que tenhamos a sensação de um corpo vivo, corado, em pleno funcionamento. “Nunca antes os cadáveres humanos foram enviados de maneira tão inodora à sepultura” (ELIAS, 2001, p.31). Feito um processo de mumificação em que se prepara o corpo para ressuscitar noutra vida eterna, nós, sujeitos capitalistas e capitalizados, nos distanciamos da morte em um apelo à eternidade.

Nobert Elias (2001), em “A solidão dos moribundos”, diz não haver nada mais característico do processo de dissociação da morte como evento público que a relutância dos adultos em familiarizar as crianças com a mesma, como se qualquer aproximação com este acontecimento pudesse traumatizá-las. O autor pensa ser este um grande sintoma do recalque dos adultos frente às suas próprias angústias, desconfortos e temores no que diz respeito à possibilidade do fim de suas vidas. Propõe que talvez a questão não esteja em contar e aproximar ou não os infantes de cenas da morte, mas em como contar e como aproximar.

Os silenciamentos produzidos em torno da morte é que de fato a transformaria em um problema, muitas vezes reforçando o poder intenso da fantasia na compreensão que criariam sobre ela. Lançados no mundo das representações, o que passa a reger suas formas de viver daqui em diante certamente será o medo: moradia daquele que, cristalizando uma cena (fantasias petrificadas sobre o fim da vida) se coloca sempre em outro lugar, já não mais o do agora - em “delay”. Incapacitado de transformar em palavras seus impasses, repete a mesma cena, sem saída: imagens saturadas, que só aumentam o desconforto e o desejo de se afastar daquilo que amedronta.

Intimamente ligado em nossos dias, à maior exclusão possível da morte e dos moribundos da vida social, e à ocultação dos moribundos dos outros, particularmente das crianças, há um desconforto peculiar sentido pelos vivos na presença dos moribundos. Muitas vezes não sabem bem o que dizer. A gama de palavras disponíveis para uso nessas ocasiões é relativamente exígua. O embaraço

bloqueia as palavras. Para os moribundos talvez essa pode ser uma experiência amarga. Ainda vivos, já haviam sido abandonados. (ELIAS, 2001, p. 31)

Os antigos rituais se perdem de vista, e com suas desapareições, lidar com a morte parece ser cada vez mais um dilema individual. Sem construções de cenas coletivas – em que através de ritualísticas novos territórios existenciais possam ser experimentados, ensaiados, encenados, criando pontes necessárias às passagens por distintos momentos da vida – o sujeito passa a ver-se só em meio a estas transformações. Parece não haver transmissões de palavras, conselhos e parcerias frente a acontecimentos intensamente desterritorializantes.

O indivíduo se encontra frágil, são tênues os seus laços. E então, vendo a fragilidade estampada em alguns momentos naqueles que encaram a morte, os outros seres, às vezes exatamente os que são mais próximos se distanciam. Pois ter de haver-se com alguém fragilizado é ter de haver-se não apenas com a morte de outrem, mas com sua própria morte; é a nossa própria vida que entra em questão, pois viver e morrer são do que se fazem todas as vidas. Um embaraço sem tamanho se estabelece; não sabemos mais como criar maneiras de comungar esse momento, não as herdamos, não as aprendemos. E sem atinar para o que dizer, afastamo-nos dos sujeitos chamados por Nobeit Elias de moribundos: estes abrigam em suas peles, nas impressões produzidas pelo tempo, a questão da qual não nos sentimos capazes de enfrentar; trazem marcas, rugas, cheiros, indícios de que a vida se encerra.

Sem saber como traduzir em palavras nossos medos e angústias, abandonamos ainda em vida alguns sujeitos, somos inaptos na tarefa de ouvi-los. Eles, por sua vez, não sabem claramente como ou para quem contar seus impasses, terrores. Sobre o processo de exclusão do qual sofrem, sentem-no como que dentro de si, vivenciam solitariamente essas travessias e passam a ver as pessoas que amam, àquelas com quem dividem os momentos diários, tomando uma distância intransponível.

Divisões cronológicas, estabelecidas por períodos que enquadram as experiências temporais em um determinado espaço prévio (como criança, adulto, idoso, todos com idades de limites específicos), são saberes que invisibilizam a experiência do passar do tempo naquilo que nele há de inédito e virtual, erigindo uma dicotomia entre vivos e moribundos. Aqueles chamados “vivos” dificilmente são capazes de identificar-se como parte também dos moribundos, pois só localizam o envelhecer a partir de tal época, idade, ou degenerescência do corpo biológico. Conferem às suas vidas como que um outro estatuto, passam seus dias como se fossem eternos.

Somos capazes de nos transmutarmos ilimitadamente, porém somos finitos. Ironicamente formas engessadas de passar pelo tempo, como a cronológica, carregam consigo uma série de práticas, verdades e saberes que invertem nosso regime de existência: passamos a nos afirmar pela imutabilidade, como se portássemos uma essência do que é o ser humano e de como o tempo passa em nós; vivemos como se não houvesse fim, eternos, retirando a morte como parte do viver.

Porém esse modo como a morte se apresenta na contemporaneidade não é natural; trabalha operando um corte que afasta ainda em vida os moribundos, conferindo-os um lugar de não-vivos. Esse procedimento foi, de alguma forma, em algum período de nossa história, solidificando-se, no lugar de outras meios também existentes de modular a lida com a morte. Diz Nibert Elias (2001) que essa experiência é variável e específica, não importando o quão natural às vezes possa nos parecer. Nela, não havendo algo de essencial ou correto, a questão é pensar: o que produz e para quê serve específicas formas de morrer e de certo modo envelhecer, que operam classificações peculiares entre os vivos?

Foucault (1988) também atenta-se para as transformações na aparição da morte, especificamente a partir da Era Clássica. Percebe nesse momento histórico os germes de uma tecnologia de poder que viria a se ocupar da vida com o objetivo de fazê-la perdurar, gerindo, incitando e esquadrinhando-a. Tal tecnologia foi se forjando e se entrecruzando ao avanço do capitalismo, da medicina moderna a partir do século XIX, entre outros. Incide sobre o homem como espécie, perpetuando a vida, ou por certo um tipo de vida, no esforço de impedir o irremediável: o fato de todos nós sermos seres finitos, sendo esta a nossa única certeza.

Por um lado, o poder sobre a vida elabora uma anatomopolítica do corpo humano com o objetivo de maximizar as forças de trabalho e aumentar a produtividade dos corpos. Por outro, instaura práticas de atuação sobre a população vista como espécie humana. Investe no controle e regulação de índices de nascimento, morbidade, longevidade, estabelecendo metas e diretrizes que irão contornar os sujeitos de forma a fazer valer certas maneiras “verdadeiras, factuais e eficazes” de viver em detrimento de outras. Individualizante e massificante ao mesmo tempo, este poder pode produzir mecanismos regulamentadores da população naquilo que há de mais comum à espécie – o organismo e seus processos.

São estes processos de natalidade, de morbidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas

econômicos e políticos (...), constituíram (...) os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. (FOUCAULT, 2005, p. 290)

O biopoder e suas técnicas regulamentadoras – em uma rede extremamente ramificada em que atuam poderes e forças – compõem e também se interlaçam ao desenvolvimento dos centros urbanos e às transformações nestes advindas dos processos de industrialização e explosão demográfica. É uma forma de poder que não mais se ocupa com as grandes pestes que atingiam os séculos anteriores, e sim com as “endemias” difíceis de extirpar da população, pois estas são capazes de interferir diretamente na produtividade dos sujeitos no que diz respeito ao trabalho, podendo, portanto, aumentar os custos econômicos da produção e desacelerar seu ritmo.

Além de “otimizar” o serviço do trabalhador através do controle das endemias, chegou o momento em que esse não possua mais serventia, não sirva de mão de obra, é necessário mantê-lo saudável e vivo por mais tempo para que ele possa consumir, continuando a fazer parte da população ocupada em manter em circulação o capital. Afinal, tudo gira em torno de uma sociedade consumidora à procura de englobar a todos em sua clientela de eternos devedores.

A preocupação passa a ser a de prevenir, de precaver-se frente às doenças que estão sempre acompanhando a população e que poderiam, sorrateiramente, introduzir a morte na cena cotidiana novamente. Isto posto, a medicina entra com o papel de vigiar a morte e a sua aparição entre os cidadãos. A higienização pública, a centralização dos cuidados e formas ditas eficazes de tratamento, prevenção e promoção de saúde – baseados em parâmetros quantitativos comprovados estatisticamente – levam à produção de saberes normativos que prescrevem formas “corretas, seguras e verdadeiras” de tratamento e cuidado. Essas formas são, assim, legitimadas por atores especialistas da medicina social, que produzem saberes ditos científicos. Portanto, “há sempre um conjunto de autoridades competentes para falar aquelas verdades” (RABINOW, 2006, p.29), para corroborar e construir discursos sobre saúde que venham garantir o funcionamento de subjetividades padronizadas, fazendo valer o poder sobre a vida.

O conceito de saúde a se estabelecer neste cenário é aquele em que o sujeito deve gerir sua vida da maneira mais eficaz a fim de manter um corpo saudável, em pleno funcionamento, em máximo aproveitamento. Estar saudável equivaleria a manter em equilíbrio o organismo e se

esforçar para – através de exames, exercícios, dietas balanceadas e tantas outras “receitas prontas”; correr contra o tempo, adquirir uma série de comportamentos cuja probabilidade seria a de afastar o risco do adoecimento e retardar o envelhecimento. Essas forças que cuidam de não deixar findar o corpo imperam na constituição de processos de subjetivações infatigáveis³², onde o cansaço não tem vez, onde a relação com o tempo é acelerada e requer esforços constantes de superação da própria condição do envelhecer.

O biopoder interfere no “como” da vida, estabelecendo normalizações daquilo que seria uma saúde ideal, uma forma ideal de gestão da vida. Sua égide é de uma saúde importada: privilegiando como meta a longevidade, delegamos a saberes especializados a melhor maneira de adiar a morte. Quanto mais a idade avança, mais importante seria delegar a esses saberes, como o dos gerontologistas e geriatras, a saúde da população. O que por sua vez silencia outras formas de cuidado, de saúde, de produzir e trabalhar, de se relacionar, de morrer. Nestes instantes, modos de subjetivação entram em trabalho de parto: *modus operandi* em que o ponto de chegada, o fim da linha, é um esgotamento da vida mesmo em vida e a negação da morte como parte ativa do processo do viver.

Em nome da própria vida e saúde, em nome da sobrevivência da população, a partir destes discursos fabricados, os sujeitos são levados a atuar sobre si próprios e sobre os outros, instaurando relações ideais e inodoras com o viver. O que se esmorece são os modos singulares de se envolver e fabricar mundos. Apagam-se práticas de cuidados herdadas de geração em geração, apagam-se a marcas do tempo, nossas rugas. Muitas dessas não dizem o caminho a seguir, não ditam verdades sobre o cuidado, nem tem como expectativa garantir uma vida longa e eficaz, enfim: não se preocupam em distanciar o momento do fim. Apenas trilham um caminho em que o que está em jogo é a descoberta de formas de viver simplesmente vivendo, experimentando de acordo com o que o presente as interpela – construções e relações de cuidado inventivas, singulares e não hierarquizadas, engendrando, assim, subjetividades de diversas fragrâncias.

³² DOMINGUES, L. (2010). Sobre "processos de subjetivações infatigáveis", Leila diz: “O cansaço seria percebido como algoz, como aquilo que indica um limite, a fraqueza, as fragilidades”. Pois onde o cansaço se expressa há a necessidade de uma certa lentidão que evidenciaria a não-onipotência do homem frente os processos da vida e de seu próprio corpo. Estes modos de subjetivações proibidos de cansar são forjados exatamente para corresponder às necessidades de um mundo acelerado, que dizem do momento histórico em que vivemos, das formas de envelhecer que criamos, em que é incabível assumir um estado de lentidão, de uma pele frágil e rasurada pelos anos.

Portanto, é exatamente por ter como mote fazer viver para assaltar da vida sua própria pulsação, transformando-a em mercadoria e objetos de valor, que o biopoder se esforça para afastar a morte, não apenas da cena pública, mas a distancia como possibilidade para muitos e instaura em seu lugar um desejo de viver eternamente, conjunto a um medo intenso do risco da morte chegar sorratamente.

Pode causar a vida e devolver a morte. Devolve a morte àqueles, dentre outros que, quase ao fim, de nada servem para garantir a manutenção de uma vida inodora.³³ Já não produzem e, principalmente, não consomem. Estes talvez ocupam um lugar interessantíssimo de embate ao biopoder. Paradoxalmente habitam uma brecha, escancaram ao olhar de todos aquilo que o biopoder se esforça em negar: a morte como acontecimento da própria vida. Iluminam a seguinte questão: se de certo vamos morrer, talvez não devêssemos viver como se a qualquer instante a morte pudesse bater à porta? Residir no paradoxo de que viver é também morrer pode, quem sabe, possibilitar que exerçamos o maior grau de potência que nos habita: aquele do “viver como se não houvesse amanhã”. Um grau em que se permita às intensidades dos encontros nos sujar, nos expandir, do qual possamos partir com cheiros e rastros deixados pela nossa trajetória.

“Talvez seja assim que se explique esta desqualificação da morte, marcada pelo desvio dos rituais que a acompanham.” (FOUCAULT, 1988, p.130). Diferentemente do percurso criado por Nobeit Elias, Foucault compreende o progressivo desaparecimento da morte e toda sua ritualística do espaço público não pelas angústias criadas a partir de mecanismos inconscientes. Com efeito, em certo ponto esses processos - que de alguma forma se dão em nós sem que deles tenhamos total ciência-, se entrecruzam e também nos constituem. Porém é no corpo e em sua potência que Foucault vai encontrar o ponto de intersecção para o estabelecimento de táticas de resistências às relações de poder, dos processos de subjetivação e suas formas de amar e morrer no nosso tempo.

Corpo impermanente, ventoinha inconstante: sua história é fabricada. Portanto, nada nele há de natural e imutável. Para Foucault, o corpo é território onde uma série de regimes se institui em uma intensa rede de práticas a corporificar, densificar o corpo – ele mesmo, o corpo, criador e criatura de utopias que tentam estabelecer-lhe contornos, limites às vezes capazes de

³³ Dentre outros, minorias que –por afirmarem suas fragrâncias, modos díspares de ser e agir – não “consumem” formas de ser endurecidas. E, exatamente por resistirem a um enquadramento da vida, estabelecem embates, ao que este poder responde com exclusão e também morte.

diminuir sua existência, seus cheiros. Essas práticas podem endurecer-lhe, trazer-lhe morte mesmo quando o coração ainda bate. Assim o é quando se torna local de investimento do biopoder, que o quer fazer durar e endurecê-lo de uma forma dita natural, com vontades de eternizá-lo. Essas mesmas forças podem ainda fazê-lo sumir, virar pó, cheirar bem, mal ou até não possuir mais nenhum cheiro.

A morte de um corpo ou até o desaparecimento de seus cheiros ainda quando vivo é compreendida por Foucault como um campo de forças. Nele questões éticas borbulham.

E eis que o meu corpo, pela virtude de todas essas utopias, desapareceu. Desapareceu como a chama de uma vela que alguém sopra. A alma, as tumbas, os gênios e as fadas se apropriaram pela força dele, o fizeram desaparecer em um piscar de olhos, sopraram sobre seu peso, sobre sua feiúra, e me restituíram um corpo fulgurante e perpétuo. (FOUCAULT, 2014, p 8-10)

Que corpo é este, inodoro, fulgurante e perpétuo? O que contam os cheiros de nossos corpos? É possível afirmar um funeral sem flores, repleto de um cheiro ocre?

Enquanto isso...

Enquanto tudo isso se passa, finas camadas das histórias de como constituímos formas de cuidar um dos outros vão tecendo-se. Na contramão da importação da saúde ditada por especialismos, essas outras formas crescem feito raiz forte, racham certas paredes, fissuram e criam resistências a saberes instituídos. Derrubam algumas “certezas envernizadas” (GUATTARI, 2012) por aquilo que chamamos “saber científico”. Cuidamos de não morrer de tristeza, encontramos um amor que nos cuide até o último dia de nossas vidas, encontramos na natureza remédios passados de geração em geração, cultivados na horta de casa mesmo; exercemos cuidados para além da saúde física, amando, transando, brincando, independente de idade ou qualquer outra classificação imaginável. Isto é, gerindo e produzindo vida, conhecimentos e um conceito de saúde que abarca a morte e o envelhecer como possibilidade, compreendendo a finitude da vida.

Encontrei, em uma das praças de Niterói, onde aqueles que envelhecem passam suas tardes a jogar carteados, uma senhora que dizia sobre o fato de seus filhos decidirem que ela deveria se

mudar de sua antiga residência para morar em um apartamento menor e mais seguro, no qual os filhos poderiam revezar a assistência constante aos pais: - *Eu posso muito bem cuidar de nós dois, como eu fiz a vida inteira!*, dizia. Mas não há ouvidos que escutem o que diz essa senhora!

Nos processos de regulamentação da vida, característicos do biopoder, vários conhecimentos são silenciados, apagados frente aos holofotes de modos científicos legitimados a dizer o que de fato seria produzir saúde ou não. Uma história do envelhecer é costurada então. Ela pode ser contada pela história oficial e progressista, que comunga com os avanços tecnológicos na compreensão de que a promoção de saúde, através dos saberes da medicina, tem evoluído e se tornado mais eficaz com o passar do tempo e com os “ganhos” da tecnologia; ditam também a história dos procedimentos de higienização e modernização dos centros urbanos, que eliminaram epidemias e garantiram entre outras coisas o controle de algumas doenças que afetavam esses grandes centros. Esta história pode ser encontrada nos anais de geriatria, gerontologia, nos menores índices de mortalidade infantil, na maior longevidade da população. Sim, essa história está se passando.

Todavia há algo mais que também se deu nas vidas que estão na corda bamba, insistindo em viver e forjar outras formas de cuidado. Suas histórias não se alinham à oficial, suas lembranças não se encadeiam sucessivamente, não contam sobre o progresso de nossa civilização. Mas narram sapiências de gente que viveu um bocado e agora cuidam por um triz de transmitir a lição aprendida; gente a indagar se serão completamente esquecidos, se haverá, enfim, para quem contar das práticas de cuidado que sustentaram e de como essas práticas forjaram corpos não apaziguados, repletos de odores.

“Aquilo que não se é dizendo, e não se diz dizendo.”

Não há quem ouça o que “uma velha de oitenta e tantos anos” tenha a dizer sobre um funeral sem flores. A história contada por aquela que envelhece – e está em vias de desaparecer completamente, de ser esquecida, haja vista não haver para quem transmiti-la – é sobre do que

se fazem todas as histórias. Da matéria que se faz uma narrativa, das vidas vividas. Dos pequenos ocorridos, eventos que acontecem dia após dia, sem valia ou notoriedade, mas acontece. Isto que simplesmente se sucede carrega consigo intensidades, temporalidades e cheiros, tatuando o corpo.

Esses eventos intensos não estabelecem, uns com os outros, nenhuma hierarquia. Não são isoladamente mais ou menos importantes, nem ao menos se compõem de algo extraordinário. Parece por vezes neles pouco passar; são o que podemos chamar de cotidiano: carregam consigo certa “desimportância”. Contudo, suas intensidades miúdas são a matéria da qual constituímos a nós mesmos:

O ordinário de cada dia não é por contraste com algum extraordinário; não é o “momento nulo” que esperaria o “momento maravilhoso” para que este lhe dê um sentido ou o suprima ou o suspenda. O próprio cotidiano é designar-nos uma região, ou um nível de fala, em que a determinação do verdadeiro e do falso, como a oposição do sim e do não, não se aplica, estando sempre aquém daquilo que o afirma e não obstante reconstituindo-se sem cessar para além de tudo aquilo que nega. (BLANCHOT, 2007, p. 240, apud GUIMARÃES, 2010, p. 181)

Ocupar-se do cotidiano é dar ouvidos àquilo que se perderia para sempre se elegêssemos construir uma História Oficial. Esta se empenha em hierarquizar os eventos, contando aquilo que seriam os grandes fatos a ocupar posições significativas frente a outros eventos quaisquer. São as narrativas dos que venceram, avançaram no processo de civilização pela lente ocular do progresso. Logo, uma história se produziria onde os acontecimentos se encaixariam perfeitamente um após o outro; por conseguinte, explicações de causa e efeito sobressairiam: nas batalhas, os vencedores têm suas justificativas aceitas e os perdedores são esquecidos; aos sobreviventes é negada qualquer possibilidade de contar da herança encarnada de geração em geração em suas peles. Uma forma de fazer história como esta silencia diversos entraves, guerrilhas, rupturas e emergências de maneiras de viver que habitam essa “região”, para além e aquém do sim e do não, fazendo desaparecer os jogos relacionais em que feitos díspares poderiam se associar, engravidando de múltiplas trajetórias a história e seus processos de transmissão.

Há acontecimentos que, de tão fortes e intensos, quebram algo em nós – por mais que pareçam triviais. São capazes de destruir os caminhos outrora conhecidos sobre como contar o que se passava em nossas vidas. As palavras não dão conta de dizer da dor, os eventos se chocam em nossas lembranças, são indizíveis, incompreensíveis, inesquecíveis; tomam conta dos sonhos à noite, são capazes de nos distanciar do momento presente. Por isso aquela que

envelhece repete, conta novamente, berra, traz à tona inúmeras vezes o assunto, o cheiro de cachaça. Persegue os rastros de uma vida, os encontros, os odores, tenta encontrar palavras que caibam à cena que lhe trouxe tamanha dor. Faz ruir o continuum de uma história que tenta se instituir inolente e homogênea, e ao contar-me dos cheiros, rememora:

Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à palavra nem às lembranças. (GAGNEBIN, 2006, p. 55)

Trata-se de uma atenção pulsante ao que insiste em doer e clama por poder passar, poder ser esquecido, devir outra coisa que não esta tão pesada. E é contando e recontando que, num instante inexato, se abre uma fissura dentre os restos e frangalhos da história tão penosa, por onde estranhas cenas do passado encarnam o momento do agora. *Rememorar é agir sobre o presente, é enfim dar nome ao sem nome.*

Não se trata de lembrar para eternizar – apenas de não esquecer o que se passou, remoendo o passado vivenciado – mas sim de atualizar os caminhos do hoje. Aquela a envelhecer tinha fidelidade à história que a compunha em todas suas nuances e ao que a vida vivida lhe havia ensinado: necessário se faz uma total presentificação no viver, completa presença de espírito no momento do agora. E por justamente ter assim vivido, ter feito tantas vezes desta prática um estética de si até aquele momento, com toda a intensidade que pôde, é que precisava ser fiel ao passado: a um amor e seus aromas, ao jeito singular daquele amor que a fazia tremer, fazendo-o reverberar naqueles ao redor.

Talvez aquela que envelhece desejava não esquecer por tão forte, belo e único que foi. Mas também rememora porque poder contar sobre a existência singular daqueles cheiros é poder se colocar num lugar existencial onde sua vida tem o mesmo valor que qualquer outra contada um dia pela história, e merece, é digna, de ser também transmitida no seu caráter mais incipiente. Aconteceu de poder existir, aconteceu de um cheiro lhe invadir e lhe compor: aquela que envelhece faz ver em suas lembranças algo que diz respeito àquilo que Deleuze chamará de “uma vida”,³⁴ e é esta que é transmitida, não necessariamente pelos fatos valorosos vivenciados, mas porque ali aconteceu uma vida: “a rememoração funda a cadeia de

³⁴ Conceito proposto no texto *A Imanência: uma vida...* (DELEUZE, 2002). Encontra-se no sítio: <file:///C:/Users/Home/Downloads/31079-120725-1-PB.pdf> (acesso em 07 jul.2015).

tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 2012, p. 228).

As memórias aliadas ao presente transmitem aprendizados capazes de vislumbrar resistências para um presente quase estagnado, onde não conseguimos ver muitas saídas além de um silêncio profundo, onde os “ouvidos oficiais” apenas trabalham emudecendo ainda mais tais vidas anônimas, que por simplesmente existirem interrogam a história que temos contado e acumulado sobre nós mesmos. Benjamin recorre a Pascal em um dos momentos de sua obra. Através deste, situa novamente o conceito de rememoração, como também a história do sujeito: “Como disse Pascal: ‘ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si’. Em todo caso, ele deixa recordações, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro” (BENJAMIN, 2012, p. 229).

O passado nunca reencarna assim como se sucedeu, há tempos atrás, no presente. Não estamos falando em resgate. De fato, há apenas virtualidade a se atualizar no agora. Uma memória épica que vive no entre, preta do que talvez nem tenha sido mas poderia ter sido, ou do que talvez tenha mesmo acontecido, mas – exatamente por assim ter assim ocorrido – dele não já não se possa falar: simulacros de lembranças. Isto posto, o principal não é o ocorrido de fato, nem o estatuto de verdade das lembranças que escutamos. Pois se sacralizarmos a memória com o objetivo de fazer perdurar o evento exatamente como ocorreu, impossibilitando-o de ser esquecido, transformado, reeditado, arrancaríamos da memória sua força; esta ocupação deixemos para os historicistas (BENJAMIN, 2012, p. 252), com suas fixações pela fidedignidade, veracidade, além de uma acumulação erudita e obsessiva da memória.

Por mais paradoxal que seja, afirmamos aqui uma política do esquecimento que, contudo, é precedido pela oportunidade de metamorfosear em palavras o que não tem voz. Deixar de se utilizar de palavras gastas. Encontrar outras para dar voz às dores confinadas no peito, às imagens que não deixamos morrer porque não podemos, e ficam assim a nos consumir, a nos afastar do tempo presente. É exatamente lembrando que se pode esquecer, deixar para trás. Editando camadas de um passado que não está dentro de nós, por mais que assim venhamos a senti-lo, devolvendo o estatuto de fora de nós, para além de nós, às lembranças, é que se pode esquecer. Pois assim, verdadeiramente as imagens podem esvanecer e outras ascender.

Ocupemo-nos das camadas de rememoração: tecidos que compõem a fina malha de uma memória do entre, de uma concepção de inconsciente onde caibam várias outras experiências além das que vivemos, atravessando-nos a todos. Se herdarmos quaisquer dessas experiências, elas serão substratos para a composição das nossas histórias, em um presente em que caiba às lembranças o poder de desviar os rumos do agora.

Perseguir os rastros. Esses fragmentos não são intencionalmente deixados. Porém, se sobreviveram, ou se não foram totalmente apagados, é por se inscreverem em embates de vidas que não se deixam calar por um poder que as quer silenciadas. Tais enleios cairiam para sempre no anonimato, não fossem esses vestígios. Um olhar para o cotidiano faz sobressair uma questão crucial neste embate de forças: não há como ser eterno. Não há uma história eterna, muito menos em evolução. Os rastros escancaram a finitude da vida e dos acontecimentos. Faz ver como somos fugazes, não havendo flores capazes de apaziguar a morte.

Diz Gagnebin (2006): “os rastros se aproximam dos restos, dos detritos, da sucata, do lixo”. É por ocuparem o lugar daquilo que para nada mais serve que utilizar-se dos cheiros e vestígios para produzir uma escritura da vida na contemporaneidade seria iluminar um confronto de forças. Se o biopoder (empenhado em fazer viver os corpos à todo custo, sugando da vida sua própria potência, produzindo subjetividades homogêneas) vem tornando a morte um evento fora do espaço público, evento vergonhoso e privado, afirmar a finitude, os rastros e a vida que passa é uma questão ética que diz respeito a qual vida queremos viver. Se aceitaremos ou não sermos delegados a um local de quase-morte ainda quando vivos.

A terceira idade eu acho triste. Quando falam em terceira idade eu fico deprimida. Porque parece assim um lixo que botou assim num canto, entendeu? Se você vai num lugar, um velho só é legal. Mas quando você vê um monte de velho dançando num clube, aquilo me arrasa. Porque eu acho que aquilo é um depósito. Um depósito de lixo que já quase pra botar na lixeira, tá faltando chegar na porta da lixeira.³⁵

A proximidade da morte vem carregada de cheiros, de odores. Para os moribundos, por idade avançada ou não – ou até, quem sabe, para alguém que se envereda na compreensão de que o regime de nossa existência é o finito ilimitado – a morte vem repleta de aromas. Sabe quando um cheiro lhe vem de repente e traz consigo lembranças de outrora? Aquela que envelhece

³⁵ Este é o recorte de uma fala de uma daquelas que envelhecem narrado no documentário “Senhoras”. Este filme é de autoria do diretor Allan Ribeiro, foi produzido em 2002 na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=senhoras> (Acesso em 10 jul. 2015).

sentia o cheiro da cachaça no ar, e este lhe trazia, em uma busca por lembranças, as imagens de um amor, da infância. A história de como aprendeu a cuidar de si, como aos setenta se rejuvenescia ao ouvir um samba vinha à tona em suas memórias. Aprendizados sobre o cuidado, o amor, travessias, produções de subjetividades, a corda bamba e a passarela.

Aos oitenta e tantos o cheiro de morte, tamponado por inúmeras flores. Tinha vivido tanta coisa, uma vida inteira de parceria. Muitos a conheciam na comunidade, o velório foi repleto de gente. Todavia, a família queria algo discreto, encomendaram flores, velaram o corpo em uma capela. Mesmo com forças atuando para aquietar a morte, aquela que envelhece não se permitia ser silenciada, resistia dizendo por que precisava de um enterro sem rosas. Apenas o corpo ali, e o cheiro a se esvaír.

Até no último momento, relações de poder atuavam visando fazer “parecer viver” seu esposo, regulamentando um jeito de se fazer velório, estabelecendo normalizações sobre como enfrentar a morte de forma a silenciar a multidão de sensações que esta traz. Para além: escondendo os cheiros que tornavam aquele sujeito singular, atuavam. Sua vida narrava rumos desvirtuosos que talvez um velório de flores pudesse apaziguar. Porém aquela que envelhece gritava, lembrando-se de quem fora aquele homem: não existe uma vida certa, normal, ideal a seguir. Alguns cheiros nos desvirtuam, são intensos e capazes de nos transformar. O cheiro da morte é um deles. Não há morte pacífica, não é sem dor ou odor que atravessamos certos abismos.

Michel Foucault (2005, p. 295) diz ser a morte zona limítrofe entre o poder de soberania (poder de um rei que fazia morrer seus súditos, ou os deixar viver) para um outro poder, que era o de viver eternamente – salvo ou em danação. Era neste momento, em um ritual de passagem, no qual o moribundo pronunciava suas últimas palavras. Um momento de grande importância: nessas palavras, aquele que partia depositava para as próximas gerações os ensinamentos sobre sua vida vivida. Conselhos, saberes e trajetórias eram transmitidos através de lembranças vívidas, conselhos, ensinamentos. Neste momento, em que se rompia o tempo contínuo através da rememoração de acontecimentos, era possível talvez comunicar alguma experiência: juntar cacos e ruínas de uma história atravessada por tantas vidas e lugares; entregá-las como um presente. Para que, porventura, se junte também aos cacos da vida daquele que ouve tais palavras.

Ora, é no moribundo que não apenas o saber e a sabedoria do homem, mas sobretudo sua vida vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias –

assumem pela primeira vez uma forma transmissível. (BENJAMIN, 2012, p. 224)

Escutar os apelos desta senhora em frente ao abismo da morte. Talvez seja nessas vidas vividas, nas histórias desses que envelhecem que alguma forma de transmissibilidade de experiência se torne possível.

Para problematizar o conceito de rememoração, Jeanne Marie Gagnebin (2006) por vezes refere-se – assim nos faz lembrar e pisar em outros territórios da Memória – a um sonho narrado por Primo Levi, o qual trouxe grande espanto à pesquisadora; ela o reconta em diversos de seus textos, alinhavando-o a questões plurais, porém todas ligadas ao papel que ocupa o ouvinte de uma história, que se propõe a produzir e transmitir as experiências dessa história. O sonho torna visível uma questão pertinente e atual para aqueles que envelhecem e se perguntam se terá no fim derradeiro quem os ouça, quem deles de recordem.

Primo Levi, em algumas conversas com outros que também sofreram nos campos de concentração e sobreviveram – perguntando-se em muitos momentos por que eles, e não os muitos outros que passaram pelos mesmos terrores, tiveram a ventura de ainda estarem vivos – rememoram sonhos contando-os uns aos outros. E, para surpresa de todos, muitos desses se repetiam nos sonhos curtos e conturbados de diversos sobreviventes. Sonhavam a mesma cena, narrada em “É isto um homem?” (LEVI, 1947). Sonham que finalmente voltam para casa. Uma sensação de intensa alegria os invade. Sentam-se à sala, com seus familiares e amigos mais próximos ao redor, e então começam a contar dos terrores sofridos durante o Holocausto. Rememoram momentos pavorosos. Porém, para a surpresa e desespero destes sobreviventes, quando começam a narrar histórias, um por um, seus entes queridos, se levantam, os amigos se vão. Ninguém resta para ouvir, todos viram às costas e, ao fim do sonho, não há audiência alguma para as palavras repletas da dor do massacre.

Não há como dar sentido para o que aconteceu neste momento histórico. Os terrores vividos no Holocausto certamente romperam as vias de sentido que aqueles que lá estavam conseguiam anteriormente conferir às suas existências. Não há palavra em que caiba tais acontecimentos, e a sensação de ver o mundo esfarelar em suas mãos é totalmente devastadora. Apesar de tudo, a ânsia de muitos em seus sonhos era por poder contar, poder fazer “sair para fora de si” uma experiência que de fato se dava em todos. Forças que atuavam entrecruzando sítios existenciais, formas totalitárias de governo, desejos mesquinhos de se apoderar de algo, delegando a existência de alguns vivos para um lugar de não-existência.

Essa experiência sentida por um “si” não cabia em um “si”. E nem teria como caber, pois está no entre. Entre forças, desejos, entre a configuração dos sujeitos. Era preciso fazer explodir e implodir o “si” em novas palavras, em novos “sis”, em cacos e fragmentos da história do que viveram e também do que sobreviveram, pois muito do biopoder é fazermo-nos sentir individualmente questões que não são privadas. Estourá-las é dar contraste, fazendo-as aparecer na forma de um jogo de poder e, deste modo, desmantelá-las.

Porém como narrar uma vida que explodiu em cacos? Como narrar a vida, se ela explode e sobra tão pouco? Além de ter de se haver com tamanha tarefa, ainda há uma dúvida cruel: será que há alguém para ouvir, um outro, outros de mim, à suportar essa tarefa de escutar como foi que se explodiu o que entendíamos por existência, humanidade, ser humano, e como temos construído outros entendimentos sobre o que é ser humano?

Aquela que envelhece conta uma história esburacada, cheia de interrupções, silêncios, por onde o rastro do cheiro da cachaça invade a fala, e logo some. Em seu esforço, reconstitui sem cessar um espaço de fala para além de tudo que se empenhe em negar uma história repleta de aromas. Afirma um corpo impresso de rugas e odores. Nada mais digno que dar espaço para os silêncios, esvaziar as linhas do texto, dizer-lhes o que ouvi e não explicar aquilo que não tem explicação nem interpretação. Permitir estar ao lado daqueles que envelhecem e permanecer, insistindo em ouvi-los: talvez seja este o trabalho de pesquisadora dos processos dos envelheceres. Ao escrever, ensaio. São tentativas do mesmo esforço daquela que envelhece: escrever sobre o inenarrável, aquilo que dói e mutila, afirmar um corpo marcado, abrir-me a possibilidade da escritura de uma história preta de percursos. “Entre os ditos e não ditos, o ensaio parece valorizar o que sempre escapa e o que está calado; aquilo que não se é dizendo e não se diz dizendo”. (FELDMAN, 2010, p. 151).

Ensaiai permanências. Tentar permanecer e ouvir essas histórias em frangalhos, dispor-se a viver certas lentidões que atraíam palavras novas, momentos de suspensões em que se possa de fato escutar o outro, permitindo a quebra de nossa linguagem pela fala do outro, reconfigurando, transpassando-a.

Talvez o que Primo Levi tanto almejava de seus entes queridos, mesmo sabendo da impossibilidade de uma narração completa, pois nem sempre há como contar, seja esta partilha do inenarrável e inaudível. Apenas que permaneçam sendo audiência, mesmo que o que venha ser dito possa ser árduo e faça ruir inclusive as certezas de quem ouve; é a única

forma, ou melhor, a forma afirmada aqui de construir uma história que narre também sobre os vencidos, que se faça a contrapelo dos ditos já grifados oficialmente.

Márcio Seligmann-Silva diz ser insuportável para os que sobreviveram às guerras e ao extermínio nos campos não rememorar, não poder tornar palavra: “Antes de mais nada, vemos aqui a necessidade absoluta do testemunho. Ele se apresenta como condição de sobrevivência” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 1). Aos sobreviventes, poder contar aos outros – àqueles que chamamos de humanidade – se assemelha à reconstituir o estatuto de vivente a si mesmo. Penso que algo parecido se passa para com os que envelhecem: também anseiam por narrar suas histórias para sentir-se vivos, apesar de um corpo biológico cada vez mais desgastado. Já que a vida neles, nem mais fraca nem mais forte, ainda pulsa – e independente do corpo, no que diz respeito a seu funcionamento estritamente fisiológico. E mesmo quando mortos, quem deles se recorda não o faz tanto pelo indivíduo, seu nome e sobrenome, mas pela potência e gestos; pela singularidade de um viver que ali se fez.

Permanecer na construção de novas palavras, atravessar curtos trajetos, mas capazes de estreitar os laços entre aquele que é dito “moribundo” e os vivos. “A narrativa teria, portanto, (...) este desafio de estabelecer uma ponte com ‘os outros’, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager”. Rompendo antigas formas de funcionamento que, petrificadas, só aumentaria essa sensação de quebra de pertencimento à vida, impossibilitando a reinvenção do presente.

Nesse sentido, uma ampliação do conceito de *testemunha* se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com os próprios olhos, *histor* de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha seria também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 57)

6

Papo Furado

Um corpo abriga sons para serem ouvidos. Nele transitam cadências para serem experimentadas. É dessa doída bioquímica de sons e ritmos que somos feitos. Mas vivemos moucos e arrítmicos. Desfazer-se desse coágulo é reinvestir no som que jorra forte da garganta, que molda outra linguagem, outro jeito de corpo. Cada emissão acompanhando-se de modulações que agitam os diagramas do pensamento. Reintrosados, som e ritmo, o corpo transido afeiçoa-se a cada meandro seu. Invoca para si outra estatura. Reapossa-se de sua carne antes descorada e flácida, agora belamente encarnada.

Rosane Preciosa³⁶

Ele é sambista. Inaugurou a mais antiga escola de samba da cidade de Vitória. Aprendera a cantar no Morro da Mangueira, seu berço. A primeira vez que o vi, senti que ele me olhava assim, lá dentro e por fora de meus olhos. Abaixava um pouco a cabeça e me fitava por cima dos óculos fundo-de-garrafa. Seus olhos eram de uma cor negra opaca, gastos pelos tantos anos.

Estava sempre sentado com um violão e cigarros. Carregava uma bengala, garrafa de cachaça Seleta e costumava vestir uma túnica branca, donde se via, no pescoço, o medalhão de São Jorge. Dizia ele que o santo lhe tinha dado essa voz rouca, que não se aquietava por nada; sempre cantando, sempre contando. Por isso todos o conheciam. Não tem quem não ouviu um de seus “papos furados”. Por onde passava, pediam-lhe a benção ou gritavam seu nome, acompanhado de algum adjetivo chulo e sorrisos. Cada pessoa que encontrava nas caminhadas pelo Centro Antigo era motivo de lembranças. Assim os casos surgiam. O Papo Furado atravessava dia inteiro emendando músicas antigas, serestas esquecidas e boleros, a ponto de não se saber se ele cantava ou estava a inventar histórias.

Aquele que envelhece tinha a noite como predileta, e nela vivia. Vivia a noite toda, até vir o amanhecer, papeando assuntos desse mundo e de outros mais. Dizia que as pedras das ruas do Centro falavam; paralelepípedos sufocados de cimento tinham coisas a dizer, eram inúteis as tentativas de apaziguá-los. Para ele, não houve destruições ou reformas urbanas que tivessem por fim conseguido apagar completamente as histórias daquelas ruas; restavam vestígios por

³⁶ PRECIOSA, 2010, p. 26.

todos os cantos. Era preciso apenas estar distraído o suficiente para ouvi-los. O som que invadia os poros daquele que envelhece eram reminiscências invocadas sem chamado, como um cheiro, uma janela de outra época; quinquilharias de épocas passadas produziam barulho. Elas disparavam memórias, conectavam-se, e ele se via na tarefa de contá-las, transformá-las em música a quem ainda se dispusesse a ouvir.

Aquele que envelhece percebia na morte das coisas, nas pinturas dos prédios abafadas por tantas outras mãos de tinta, aquilo que as constituiu. Ao reconhecer o desgaste dos objetos com os quais se deparava no Centro, podia então ouvir a respeito de seus apagamentos, de como foram desgastados, e com isso construía imagens de processos históricos do Centro de Vitória. Podia acompanhar seu sucateamento, além de alguns indícios de como talvez fossem antes de lhe darem o nome de sucata. Percebia movimentos de emigração populacional para outras regiões em busca de novos mercados de consumo; a falência de diversas vendas de luxo, que agora eram ocupadas por lojas de bugigangas onde herdeiros quebrados tentavam sobreviver, dentre outros movimentos.

Dizem que o Centro se tornou perigosíssimo. As notícias dos jornais mostravam dezenas de prédios abandonados, políticas públicas e diversos dispositivos de saúde que não “vingaram”. Todos até agora tinham sido incapazes de “solucionar” a quantidade de moradores de rua, usuários de drogas, assaltos, furtos e outros “problemas” mais, que para muitos parecem ter surgido do nada. Porém, aquele que envelhece, insistindo em habitar aquelas ruas, sabia ouvir o terreno ruidoso abaixo de seus pés. Acreditava não ser assim tão simples e do nada que aquele território sofreu processos de sucateamento. Estabelecia com muitos desses indesejados das ruas alguma forma de comunidade, de comunicação; sabia onde dormiam, como faziam pra se virar, como sobreviviam com tão pouco, tendo entre eles mais alguns dos que lhe pediam a benção quando com ele cruzavam os passos.

Conhecia os movimentos de resistências daqueles que habitavam e ainda habitam aquelas terras. Sabia não haver correlações óbvias e certas para chegarem até ali. Via que havia algo mais, um certo burburinho que a vida urbana sussurrava. Entendia que algo se tenta silenciar com novas mãos de tinta nos prédios antigos. Abrindo os olhos para o sem valor, ele enxergava “o espetáculo da vida mundana e das milhares de existências desregradas que habitam os subterrâneos de uma cidade grande”. (BENJAMIN, 2012, p. 77).

A imposição de um tempo mais vagaroso, um tempo de outra ordem, não-sucessivo, mais intenso, mais ramificado, regia o seu caminhar, reverberando em quem com ele partilhava certos momentos. Parecia não olhar por onde anda, atravancando o ritmo da cidade que nunca para.

Enquanto tantas cidades correm e se orgulham de seu progressivo desenvolvimento, alcançando as metas e padrões de crescimento econômicos, operando sobre o signo da eficácia, rapidez e renovação – nisso incluso operações de fabricação de sujeitos – aquele que envelhece parece se esforçar em não coincidir perfeitamente com o seu tempo. Ele se atrasa. Enquanto caminha, sempre penso que irão atropelá-lo; pois ninguém deseja interromper o ritmo, parar um pouco para dar passagem. A impressão é que aquele que envelhece ficar sempre para trás neste tempo corrido. Porém, esta é sua habilidade. Pois devagar, devagar, devagarinho ele chegava, adentrando um tempo pleno de ritmo para músicas dissonantes. Invocando para si um jeito distraído, sentia os ruídos da cidade, reintrosava seu ritmo aos acordes estranhos que ela também fazia.

Aquele que envelhece parece ser contemporâneo ao seu tempo:

(...) não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58)

Porém este atraso, certo anacronismo, não é nostalgia, vontade de voltar no tempo, *Ah... mas no meu tempo a vida era bem melhor, mais assim ou assada...* Não há na posição daquele que é contemporâneo ao seu tempo um desejo de não estar naquele tempo, dele fugir, negando-o. Do contrário, é uma posição afirmativa, uma postura que diz respeito ao presente, um olhar para o presente assumindo uma posição ativa sobre ele. Um jogo de aproximações e distanciamentos - na medida necessária para escapar a uma composição e passagem do tempo no corpo que se dê de forma automatizada - é o que possibilita esta postura afirmativa. Sobre essa particular relação com o presente, portanto com o tempo, afirma Agamben: “(...) nos permite apreender o nosso tempo na forma de um ‘muito cedo’ que é, também, um ‘muito tarde’ de um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’”. (AGAMBEN, 2009, p. 66).

Exercendo esta atenção desatenta ao presente, certa vagareza, podia olhá-lo de frente, naquilo que escapa quando estamos muito submersos. Quando assim, tão imersos, os dias passam, um atrás do outro... a vida apenas nos leva, e esquecemos do que somos. Mais: esquecemos de

que a todo momento deixamos de ser. Corpo presente é assumir uma posição quanto ao nosso tempo em que se possa sentir a passagem dele pelos poros dos objetos, dos sujeitos, vendo a ação de desfazimento própria da duração que em nada evolui, apenas está aí a corroer; e do pó daquilo que se desfez, compõe-se outras formas, subjetividades, sonoridades.

Desatento ao iluminado por holofotes, desviando-se do olhar que todos conferiam aos letreiros e luzes da cidade, aquele que envelhece vivia a noite; nela, ouvia os burburinhos. Uma força ainda não completamente esquadrihada ou redirecionada sobrevivia quando o sol se punha e o turno de trabalho findava. Essas forças se emaranhavam às horas da noite, que soavam descompassadas; temporalidades não-cronológicas tocavam. Para aqueles rostos vistos na penumbra, era esse o momento de composição de melodias, de dar forma aos ruídos que vibravam em seus corpos.

Não significa que a noite se separava do dia ou o claro do escuro: de fato anoitecia e amanhecia. Os “ias” são limiares de tons avermelhados-amarelados, surgindo sem que possível fosse determinar suas cores, sem que o tempo tivesse necessariamente de se dividir por espaços pré-determinados e quantificáveis. O tempo no anoitecer ocuparia apenas o espaço que lhe coubesse a partir da intensidade sonora que ele produzisse, e também se desfaria, deixando de ter qualquer tamanho no próximo instante. É preciso coragem para habitar o entardecer e suportar o amanhecer, para encarar com olhar fixo tal força do desfazimento dos dias e de nossos corpos, tal força de vir a ser diferente a todo instante. Olhar de frente o presente é estar no tempo dos desfazimentos, é ser contemporâneo:

E por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar. (AGAMBEN, 2009, p. 65)

Esta luz, algo que urge dentro do tempo cronológico e o transforma, não está em outro lugar que não “aqui” e “lá”. É o sítio de construção dos nossos edifícios subjetivos, bem como onde se esfrelam todas as nossas edificações de si. É donde jorra a história de quem somos.

A todo momento aquele que é contemporâneo não permite se apegar pelas luzes de um tempo esquadrihado, pelo que normatiza a vida, dualizando-a em clara e escura. Alguém contemporâneo a seu tempo enxerga as penumbras, vive a noite, o entardecer, percebendo neles uma luz que talvez nunca o alcance, mas que o tira de um território delimitado, onde vigoram sim e não, para habitar em um sítio onde há luz na sombra e escuridão no clarão.

Vislumbra entremeios intempestivos, intensidade pura e duração. Contempla a luz em meio à escuridão, sabendo que nunca a poderá alcançar, pois só chega se chegar atrasado, só a sente quando a mesma está a findar.

Desatento aos caminhos já traçados com explicações claras de como aquele bairro se tornou o que é hoje, de como foi esquecido. Ao mesmo tempo, entretanto, atento exatamente para o que ninguém perdia tempo a ver, ao que não correspondia às formas de viver ditas normais ou ideais; para quem preferia morar na rua mesmo, ou bebia todos os dias, aos “velhos beberrões” gastando suas horas com conversa fiada pela Praça Costa Pereira.³⁷ Parecia inércia ou perda de tempo, mas na verdade implicava uma habilidade e uma atividade peculiar: a de entrever nos caminhos tão previsíveis, o quase invisível, o inaudível e escurecido por políticas normatizadoras e formas de viver apaziguadas.

Pequenas luzes, semelhante a vaga-lumes que morrem tão facilmente apagando-se caso uma claridade forte venha a se impor. Aquele que envelhece via o brilho vindo dos infames do Centro,³⁸ nos habitantes da cidade mesmo quando os refletores e postes de luz se apagavam, restando apenas poucos pontos de luminosidade. Esses infames sobreviviam, apesar dos esforços para apagarem suas existências, apesar de políticas de empobrecimento da vida e da cidade. Aquele que envelhece talvez fosse mais um dos infames, que por pouco não é totalmente apagado, por pouco não é atropelado por ritmos mecânicos regentes dos dias.

Ele recolhia os minúsculos pontos de luz que encontrava e que logo perdiam seu poder de clarear. Guardava na memória os instantes fugidios com os quais se deparava nas ruas. Ele os juntava, os misturava em meios as lembranças, para que não fossem totalmente esquecidos ou silenciados. As histórias pilhadas poderiam se perder para sempre, não fosse os papos furados nos quais aquele que envelhece as transformavam.

As histórias apanhadas em suas andanças se transformavam, assim, em papos furados; eram composições do seu tempo. Imagens prenhas de futuro borbulhavam em suas histórias. Com este “método” de atenção meio desatenta, propiciava um olhar para o presente naquilo em que

³⁷ Expressão utilizada por uma mulher se referindo aos idosos que, em vez de se comportarem de forma supostamente condizente com suas idades, preferiam beber e jogar nas praças ao invés de ficar em casa, vendo televisão, acompanhando suas esposas no cuidado da casa, na atenção com os netos. Para ela, estes velhos até hoje não haviam se tornado homens dignos, ainda se comportavam como malandros, “bon vivants”. Eu me perguntava, enquanto esta mulher falava, como será que construímos uma “forma condizente” de envelhecer?

³⁸ Sobre os infames, ver “*A Vida dos Homens Infames*”. ____ In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.

nele há de bifurcações, de descaminhos e invasões de lembranças passadas: no que sofreu desgastes, findou-se ou para nada mais presta; nas lojas quase falidas; nas vidas a descumprir leis, encontrava ramificações do passado que, costuradas umas a outras, compunham papos para quem se dispusesse a ouvi-los. Desta forma, furava o tempo continuum sob o qual se amarravam as histórias dos sujeitos. Onde obviedades e causalidades tentavam concluir em motivos e explicações o sucateamento do bairro, aquele que envelhece fazia quebrar a linha do tempo, deixando em aberto histórias inacabadas: “as lembranças do passado despertavam no presente os ecos de um futuro perdido” (GAGNEBIN, 2011. p 89), de descaminhos, outras melodias, no que o Centro também foi ou também pode ser, para além do oficialmente se dito sobre ele nos meios de comunicação.

A postura contemporânea salva o presente de uma sentença imutável: de ser apenas uma evolução progressiva da manutenção das mediocridades da vida, do sucateamento de populações inteiras e seus modos de ser, em nome de um crescimento econômico desastroso. Um ato político que, trazendo o passado para a história do hoje, irrompe em múltiplas possibilidades o futuro.

A história está em aberto, outras versões podem ser contadas. São papos furados esperando pequenas luminâncias que os dê passagem.

Quais histórias sobre nós mesmos produzimos quando damos ouvidos aos papos furados? Quais músicas dissonantes ressoam nos corpo a envelhecer?

Conselhos e papos.

Contar papos furados, cantar a vida, narrar histórias. Aquele que envelhece, ao dar voz às histórias cotidianas, àquilo que seria para sempre esquecido não fosse ter se tornado cantoria, aproxima-se da figura desenhada por Walter Benjamin no célebre ensaio “O Narrador”.³⁹

³⁹ Em alemão “*Erzähler*”, traduzido no texto de Jean Marie Gagnebin como “*aquele que conta*”. Neste ensaio, cujo título completo é “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin – através da obra do escritor Nikolai Leskov – diagnostica as transformações na arte de narrar e, principalmente, a

O narrador é uma coisa distante, segundo Benjamin, “e que se distancia cada vez mais” (2012, p. 213). A arte de narrar está em vias de se extinguir, já que sua matéria-prima se transformou, estando cada vez mais inacessível aos homens do nosso tempo. A experiência (Erfahrung), e sua transmissão em sentido pleno são as substâncias das quais são feitas as narrativas; elementos das vidas vividas. Eram transmitidas de boca em boca, aproximando-se fortemente das histórias orais de pessoas anônimas, como as contadas por aquele que envelhece e cria papos furados, nos quais não cabem averiguações formais sobre veracidade – nem ao menos estão neste registro –, pois foram colhidas por aí: alguém contou para alguém, que contou para outro alguém...

Gagnebin, através da obra de Benjamin, distingue algumas condições principais para que uma experiência possa ser transmitida. Esta precisa ser comum àquele que conta e ao ouvinte; necessita partir de um terreno próximo, inteligível a ambos. Contudo, as condições de vida nas quais se inseriam as gerações passadas foram tão intensamente modificadas, se comparadas aos modos de vida atuais (principalmente por sermos regidos mais do que nunca pelas rápidas transformações impostas pelo capitalismo e pelo tecnicismo), que um abismo entre as gerações foi criado.

Hoje, não faz o menor sentido para um jovem ouvir as experiências de um ancião. Se, outrora, narrar experiências poderia ser visto como índice de sabedoria, conferindo àquele que envelhece outra posição social, atualmente não passa de um discurso ultrapassado, desinformado e inútil.⁴⁰ Não há, portanto, para aqueles que se aproximam do fim a possibilidade de comungar palavras e ensinamentos através do ato de contar histórias; já não são mais vistos como os depositários de certo saber que se passa de geração em geração.

As durações múltiplas e vagarosas por onde passam a narrativa são antagônicas à técnica e ao trabalho que tem de ocorrer no menor tempo possível, inviabilizando o narrar em nosso tempo, porque, nas palavras de Paul Valery, “o homem da técnica não trabalha mais naquilo que não pode ser abreviado” (apud BENJAMIN, 2012, p. 223). Se o que se espera da sabedoria e conselhos vindos daqueles que envelhecem for algo próximo da “eficácia”,

transformação da experiência pré-moderna e coletiva em outra forma de experiência: a “vivência”. Benjamin reconhece em Leskov, e na sua obra, talvez o último grande narrador.

⁴⁰ Sobre aquele que pede por mais e mais informação – encontrando-as não naqueles que envelhecem, e sim nos veículos de comunicação –, Ecléa Bosi diz: “O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a-histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história”(BOSI, 1994, p. 87).

opinião, resposta certa, ou uma resolução mais veloz para dilemas, então certamente não há espaço comum para a transmissão de experiências por parte deles.

É importante o exercício de outras temporalidades, engendradas conjuntamente ao ouvinte e ao que conta histórias, para que ocorra o processo de cravar na pele as narrativas: “este processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna mais raro”. É preciso uma calma, um tempo de tédio, de espera, que é incompatível com a correria dos grandes centros urbanos. Se temos menos tempo de parar um pouco, não há como embriagar a si e ao ouvinte para que se esqueçam deles mesmos e sejam capazes de entrar no ritmo de uma música entoadada no desenrolar da narrativa... Música plena de sons de outrora, de uma memória coletiva. Somos mais e mais incapazes de ouvir os sons de outros tempos, que dissonam da pressa que nos rege. “Com isso desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes”. (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Walter Benjamin encontra em duas figuras arquetípicas a imagem do narrador: no viajante, alguém que vem de longe, além-mar, tendo muito o que contar sobre as terras por onde passou e caminhos que desbravou; e também no camponês sedentário, que passou toda sua vida no mesmo lugar, conhecendo cada meandro de sua região, suas tradições e rituais, alguém com muitos saberes a narrar. Tão distinto da forma com que atualmente podemos, de jeito um pouco apressado, pensar a narrativa lançando-a num terreno dicotômico real-irreal, eficaz-ineficaz, Benjamin desvia-se deste rumo para conceituá-la destacando o senso prático como uma das suas características.

A narrativa diria então respeito ao presente, ao momento do agora, por mais que “imaginada”. Parece-nos completamente contraditório pensar que algo imaginário possa ter um senso prático. É imprescindível situar o que pretendo dizer com “imaginar”. Por esta palavra, desejo produzir um contraste em relação às suas utilizações com significados próximos à “sem fundamento”, “absurda” ou “ilusão”. Prefiro usá-la por outro viés, pois imaginar pode ser também “faculdade de inventar”, “conceber”, “criar imagens”.

Escolho o conceito de imaginar, já que a narrativa traz em si de forma latente e aberta certa utilidade para os empasses contados pelo ouvinte. Narrar é colher as angústias alheias – ditas por sujeitos dispostos a “trocas, ideias e pensamentos”. Ao compartilharem seus impasses, pedindo ajuda, socorro, alguma espécie de parceria na produção da continuação de suas histórias de vida é criada. Trazem lembranças que ao serem narradas despertam novas

imagens no sábio que as colhe. Ao colhê-las, também cria outras imagens, dando de presente àquele que ouve outras saídas, trajetos curtos, novas rotas e outros sentidos para um enredo que anteriormente só vislumbrava um final possível, sendo mais abrangente que uma tacanha opinião ou resposta certa:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. Tiram segredos e lições que estavam *dentro* das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. (BOSI, 1994, p. 90)

O narrador imagina outros rumos para uma vida reduzida a poucos movimentos, quebrando uma imagem cristalizada de futuro e fazendo brotar diversas outras. Eis a grande questão do conselho: “Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando”. (BENJAMIN, 2012, p. 216). “Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência” (GAGNEBIN, 2011, p. 11), que seus ouvintes recebem com proveito, por vezes na forma de um conselho, advertência ou ensinamentos morais.

Hoje não saberíamos como recebê-los, já que, individualistas e isolados uns dos outros, preferimos relações privadas em que sozinhos desbravamos o mundo. Não compartilhamos nossos dilemas, não damos vazão para as imagens petrificadas serem quebradas no encontro com o outro. Através de nossas vivências, que são as únicas ferramentas que possuímos para solucionar nossos dilemas e questões, tornamo-nos heróis solitários de nossas histórias, um herói que tem de encontrar soluções sem ajuda, sem qualquer pista vinda de outros que experienciaram dores e percalços em certo grau similares aos nossos.

Quando nos vemos sem saída, o cerco fechado e não enxergamos nenhuma escapatória, é com sabedoria que aquele que envelhece nos abriria caminhos, desenrolando os fios das histórias tecidas, acrescentando outras linhas – as de suas experiências, além das coletadas como um tesouro durante sua vida, quando teve oportunidade de ouvir sobre tantos outros seres e seus impasses. Ele invoca memórias que se entrelaçam aos fios do presente, construindo linhas de futuro, rotas de fuga, iluminando algumas estradas:

O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um “sintoma de decadência”, e muito menos de uma decadência “moderna”, ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo (...) (BENJAMIN, 2012, p. 217)

Preciso te contar.

Preciso te contar do meu pai. Tenho muito orgulho dele, sabe? Me ensinou muita coisa mesmo... Mês que vem terá uma festona para comemorar seu aniversário, noventa anos, acredita?⁴¹

Quem nele pensa abriga das lembranças logo o ronco da motocicleta. “Vrum” “Vruuummmm”... Desde pequena esse som acompanham meu pai. Ele gosta dos cabelos voando, vento na pele, frescor e um mundo de cheiros invadindo a vida em cima de duas rodas. Se sente livre e vivo, muito vivo.

Quando chegou por aquelas bandas, tudo o que havia era um mato seco de tom verde claro e aquela terra vermelha, barro que marcava a todos; das unhas do pé à cabeça, empoeirados pelo Cerrado. Descampados imensos a perder de vista compunham espaços de silêncio com o céu. Ah... aquele céu de Brasília, não tinha visto nada igual. Parece estar ao alcance das mãos; parece a tudo cobrir, sem distinção entre sujeitos e da mesma forma, com o mesmo azulão.

Aquele que envelhece ajudou a construir a capital onde mandos e desmandos se dão, para o terror dos moradores das invasões nas cidades satélites e para alegria dos poucos magnatas que circulam em seus carrões importados de placa escura nas largas pistas do Plano Piloto. Encarou a terra vermelha e fez dela toda sua vida: ganhou o sustento de ser engenheiro. Mas nas horas vagas se divertia com a moto preta potente, “um arraso”, fazia subir poeira pra todo canto. Nunca gostou da ideia de ter um carro; acho que não queria só se locomover de um lugar a outro da cidade. Para além de se transportar de um ponto a outro, chegando ao destino, desejava percorrer as ruas, poder passear pelos caminhos que se abriam cada vez mais e cada

⁴¹ Conversa colhida quando me perguntaram, um dia, sobre “qual era meu tema de mestrado”. Expliquei um pouco, dizendo ouvir histórias daqueles que envelhecem. Uma pessoa que ali estava sentiu desejo de contar sobre seu pai. Penso que a pesquisa tomou novos rumos a partir daquele momento, afetando outros seres e afetando a mim, trazendo alegria... pois de certa forma uma intervenção naquele instante se produziu: era possível contar histórias, havíamos constituído um espaço para alguma transmissão de experiência, para que houvessem testemunhas, alguém que permanecesse e ouvisse um pouco sobre a existência de outro ser neste mundo.

vez diferentes pela nova cidade. Descobriu que o Cerrado tem cheiro e frutas jamais vistas, flores brancas de aroma que nunca antes sentira.

Mas, com o passar do tempo, a mata verde do Cerrado se transformou em jardins esquadrihados; as terras, antes doadas pela União para povoar o que pensavam ser deserto, começaram a valer milhões; os descampados sendo preenchidos por cubículos valendo ouro, um por cima do outro, os apartamentos enchiam a Capital. Carros por toda parte ocupavam um “plano” friamente calculado para que fosse impossível andar a pé. A poeira, agora vermelha e negra, vinda dos canos dos automóveis, secava a boca, vias respiratórias, os olhos. Pessoas de vários lugares do país migraram em busca de algo melhor, um sonho. Mas nada... Brasília mesmo é pra poucos. Bom mesmo só pra concursado, diziam. E olhe lá.

Cabelos brancos, filhos crescidos, netos quase criados. Seu futuro lhe era apresentado, à medida que envelhecia, de forma tão esquadrihada quanto as quadras por onde morava: aposentadoria, “paz e uma velhice tranquila”, cruzeiros. Já não devia mais andar de moto, “ – Perigoso demais, pode deixar que eu te levo de carro, pai”. Em meio ao trânsito caótico, até ele mesmo tinha de concordar. Um dia a carteira de motorista perdeu a validade, já não poderia ser renovada: o DETRAN⁴² o aposentou compulsoriamente do direito de pilotar pela cidade.

Sem ar. O céu azul, quase ao alcance das mãos, inundando as ruas. Mas ele tinha a sensação de estar sem ar, preso na cidade que ajudou a construir. Sem a moto... sem poder sentir o vento na cara quando em duas rodas. Terá findado a vida ali? Do que serviria sua existência quando já sentia não ter serventia? Diziam ter tanto a ensinar sobre o barro, o vento, a liberdade... Mas para quem? Haveria vida apesar de tanta falta de ar?

Há sempre um escape, uma brecha, mesmo quando a terra vermelha e negra parece a tudo tomar.

*Meu pai grande
Inda me lembro
e que saudade de você
dizendo “- Eu já criei seu pai,
hoje vou criar você
Inda tenho muita vida pra viver”*

*Meu pai grande
Quisera eu ter sua raça pra contar
a história dos guerreiros*

⁴² DETRAN: Departamento Estadual de Trânsito.

*trazidos lá do longe
trazidos lá do longe
sem sua paz*

*De minha saudade
vem você contar
De onde eu vim
é bom lembrar
Todo homem de verdade
era forte e sem maldade
Podia amar
podia ver*

*Todo filho seu
seguindo os passos
E um cantinho pra morrer⁴³*

Aquele que envelhece olhou para o céu de Brasília e decidiu: era hora de voltar. Era preciso retornar para as bandas de lá, para a cidadezinha onde um dia foi filho de alguém que era filho do “Seu alguém”.

Na cidadezinha há uma praça e pouca coisa mais: a igreja, algumas vendinhas, poucas casas e uma escola. Parecia que o tempo tinha passado arrastado por ali. Ele mal se lembrava dos cheiros de sua terra natal. Dali o céu também era ao alcance da mão e não havia asfalto: apenas um barro parecido com os outros tantos que encontrou ao longo de sua vida. Porém, de tardinha, ouviu um sinal tocar vindo da escola em frente à praça. Neste momento a poeira do barro que compunha o chão subiu, e as crianças todas, em uma correria só, saíram risonhas pela praça.

Aquele que envelhece voltou a morar em frente à mesma praça onde crescera um dia, na morada antiga de sua família. Colocou uma placa na porta de casa avisando a todos: a partir daquele dia, daria aulas particulares de reforço em matemática e física para crianças. Em pouco tempo tinha tantos alunos que sua casa vivia repleta de gente. Todo o povo da redondeza sabia que, se os filhos estivessem com problemas na escola e notas baixas, era só levar na casa daquele que envelhece. Com o tempo também levavam as crianças com problemas de tristeza, que sofriam de “teimosia”, desencanto e outros afins. Passavam o dia aprendendo a construir utensílios de mecânica aplicada à vida, ouvindo aquele que envelhece contar histórias, ensinar os números e se encantar novamente. Era só levar o menino pra conversar com aquele que envelhece; ele era bom em resolver problemas.

⁴³ Trecho da canção *Pai Grande*, de Milton Nascimento, lançada em 1969, no álbum homônimo.

Para as crianças que melhoravam as notas no colégio, ele sempre dava um prêmio: pegava a moto, o casaco de couro, colocava o sortudo na garupa e davam voltas na praça. A poeira subia nas redondezas e a molecada corria atrás do ronco do motor.

7

Passarinho

Uma das grandes alegrias de ter feito esta pesquisa foi a força de contagiar que ela mesma exercia, fazendo mover muitos com quem eu pude conversar sobre o envelhecer. Não era preciso um pedido oficial, esforço ou perguntas específicas para incentivar alguém a me contar algum caso sobre aqueles que envelhecem. Em rodas e discussões nas universidades, entre amigos, em encontros inusitados com pessoas que conheci pelas ruas, ou até estranhos sentados em uma mesa de bar; quando me perguntavam “o que você faz da vida?” ou “sobre o que é a tua pesquisa?”, bastava dizer: “escuto histórias das vidas que envelhecem, ouço sobre o tempo”, que logo alguém se animava e prontamente dizia: “– Ah, então você precisa saber sobre alguém que conheço! Vou lhe contar uma história!”.

Só precisava me permitir estar ali presente, interessada pelo que o outro tinha a dizer, deixando que seus contos me invadissem. Então eu me despunha a ouvir. Meu corpo tornava morada e, assim, passava a carregar ranhuras das histórias colhidas. Este foi o corpo de pesquisadora que fui adquirindo.

Em uma dessas conversas, uma pessoa me disse: “– tenho de lhe apresentar alguém. Ele é como um daqueles sábios antigos, que nem a gente ouve dizer nas histórias e lendas, tem 82 anos e anda de bicicleta todos os dias! É assim que se locomove, muitos o conhecem no bairro em que mora”. Lá fui eu, ouvir mais uma história sobre envelheceres:

Entre em sua casa. Olhos castanhos, cabelos brancos. Uma forte presença e autoridade em seu olhar me convocavam a abrandar a rapidez que trazia das ruas. Aquietei-me e ele começou a contar sobre sua existência nesta terra. Um quintal com chão avermelhado, cheirando a acerola, foi a primeira cena que vi em sua casa. Várias plantas, todas cuidadas por ele. As acerolas não estavam ali à toa: aquele que envelhece era assim, meio amargo meio doce, como a fruta.

Contou-me da vida na roça, da vinda de Minas Gerais. Era um grande líder espiritual. Atendendo ao chamado de Deus, largou tudo: emprego, o resto da família, amigos, e veio,

com os sete filhos e dois salários mínimos, abrir uma filial da Igreja num bairro que ainda era só mato.

Agora o mesmo bairro está na lista dos dez mais violentos do país. Índices: sinto um estranho prazer quando a estatística é desmentida pela vida que escapa aos números; pois aquele que envelhece e viu nascer aquela comunidade conhecia a todos, pegava carona no carro do traficante, sabia o nome dos donos de cada barraca da feira. Fazia visitas às famílias mais necessitadas que a dele todos os dias, não sentia cheiro de perigo por aquelas que conhecia como a palma da mão. Todos os chamavam de Pastor. Na banca de queijo da feira, tinha um guardado à espera do Pastor, comprador de queijo fiel.

Nunca aceitou comprar um carro, andava de bicicleta, pois o dinheiro era curto. Mesmo quando os filhos cresceram e puderam ajudar em casa, ele não se sentia confortável em saber que teria um carro enquanto tanta gente aí passava necessidade. Criou as sete crianças com tão pouco, que foi adquirindo uma sabedoria de como produzir na horta mesmo de casa seus alimentos, sustento e remédios. Em sua casa reinava a música. Todos os filhos cantavam e tocavam, aprenderam sem nunca ter aula formal. Ele cantava cânticos quase esquecidos, transmitindo a seus filhos que os conservavam assim para as próximas gerações.

Passei a visitá-lo com frequência, voltei na próxima semana, na outra e na outra... Um dia, aquele que envelhece me disse que desistira de ler o jornal, as notícias sempre as mesmas: brigas políticas e muito sangue; o mundo lhe parecia fazer cada dia menos sentido. E se ainda alguns poucos sentidos ele conseguisse criar, preferia ocupar-se destes ao invés de ler as notícias tão “importantes”, mas ao mesmo tempo tão sem importância que apareciam nos jornais todos os dias.

Em pouco tempo, uma hérnia o atingiu. Os médicos, por precaução, proibiram-no a bicicleta. Nada de cuidar do jardim, nem longas caminhadas. Já não podia visitar as pessoas da comunidade; fazer a feira, só acompanhado de algum dos meninos. Sentia dores terríveis... era quando os olhos castanhos se fechavam e ele ficava quietinho, deitado, esperando passar a agonia. Os filhos pegavam o violão e iniciavam um hino... Era possível sentir a brisa de um espírito, de uma força, energia palpável, sem nome, invadir o quarto. Então ele apertava as pálpebras e cantava, baixinho, até a dor ir embora.

Veio rápido o esquecimento. Foi ficando calado, quieto... Eu podia contar nos dedos de uma mão as semanas que o distanciavam das idas à feira e das conversas infindas para aquele silêncio oco.

Deram-lhe, pela primeira vez, medicações não nascidas da terra. Um médico achou ser Alzheimer, pediu ressonância; mas “só por garantia” já receitou várias medicações para memória. O doutor dirigia-se apenas à família, como se aquele que envelhece ali não estivesse. Quando foi marcar o retorno para entregar os exames, o especialista tinha saído do plano, já não poderia atendê-lo mais. Teria de começar todo o tratamento do zero, nem ao menos um encaminhamento do antigo médico conseguiu. Foi em outro que, apenas com a receita dos medicamentos prescritos pelo médico anterior, diagnosticou Alzheimer.

Em poucas semanas, aquele que envelhece só se locomovia para ir de uma consulta a outra: foi ao psiquiatra pra controlar o humor. Este disse à família que não poderia ser Alzheimer e o encaminhou para um geriatra e neurologista; nenhum deles capazes de concluir qualquer quadro diagnóstico. Passados alguns meses, mal levantava da cadeira.

Ninguém entendia como tão rápido ele envelheceu. Da noite para o dia. Magro, quieto, parecia que sumiria do mundo a qualquer instante. Não sabiam o quê fazer com ele. Foi encaminhado para o hospital da universidade. Seria caso de estudo para equipe interdisciplinar de pesquisas sobre senilidade.

Um silêncio tão forte, que eu era incapaz de sustentar, era tudo que se podia ouvir em sua casa. Já não sabemos suportar silêncios, não há mais nas cidades lugares silenciosos; e o ouvido se acostuma, nem percebe de quanto barulho ele padece. Eu não sabia habitar em silêncio o mundo. Quando o visitava, já não conseguia mais saber o que dizer, talvez não houvesse mesmo o que dizer.

Ele, sentado, passava horas a fio olhando para o nada. Nenhuma palavra. Os minutos passavam, pareciam horas e horas. *Aquele que envelhece olhava para o nada*; ausência de sons. Porém, ao seu lado, em uma espera estranha nunca antes experimentada por meu corpo, *aos poucos puder ver o nada*. No nada havia um céu azul que só pude perceber em meio ao silêncio.

Aquele que envelhece colocava as mãos embaixo do queixo; e nada falava, nenhum pio. No nada, com um pouco mais de tempo, descobri haver plantas, a casa vizinha, frutas no pé,

lembranças da roça. Olhei para o nada de seus olhos: eram castanho-cinza, eram distantes, mas não ocos. Olhei para o nada entre o queixo e suas mãos. Havia miríades de pensamentos e memória.

Em um momento de espera, em que o tempo parecia ter uma duração jamais experimentada por mim, tão diferente de tudo antes já vivido, ele me sorriu. As rugas de seus olhos se faziam ver.

Olhando para o nada, aquele que envelhece me disse: - *Vê o passarinho ali?*

Só então pude ver que no nada entre o céu e o telhado da casa vizinha tinha um passarinho preto e amarelo, na ponta do telhado, quase caindo, não fosse o fato de saber voar.

- Ali o passarinho, ó.

- Ah sim, vejo.

- Você se preocupa?⁴⁴

Meu alegre coração é triste como um camelo
É frágil que nem brinquedo, é forte como um leão
É todo zelo, é todo amor, é desmantelo
É querubim, é cão de fogo, é Jesus Cristo, é Lampião.

Passarinho... eu vou voar
Passarinho... eu vou voar⁴⁵

Aquele que envelhece tem passado quase todo o tempo a piar e a sorrir. Um de seus filhos um dia me disse: “– penso que aquele pai que tive já não está mais aqui. Voou longe, ele já se foi. Agora tenho outro. Uma existência completamente diferente. Esforço-me para poder aproveitar este pai, que hoje aqui está, do jeito novo dele, a todo segundo. Canto, e ele canta comigo. Pego o violão e ele acompanha baixinho a melodia.”

Aquele que envelhece gastou todo o seu corpo outrora velho, e enrugado. Viveu-o até virar pó. Foi torcendo e retorcendo-o, deixando-se ser carcomido pelo tempo, apertando o que tinha dentro até que virasse fora. Viu outra existência cuja forma em vias de fazimento conferia-lhe

⁴⁴ Uma das últimas conversas que eu e aquele que envelhece tivemos utilizando palavras. Das outras ainda tento criar outro corpo com que consiga papear com ele a cada dia, do modo em que peça o encontro. Ele tem chorado durante uns dias, mas vem sorrindo muito em outros.

⁴⁵ Fragmento da música “Canta passarinho”, de autoria do cantor e compositor Geraldo Azevedo, lançada em 1985 no álbum *A Luz do Solo*.

asas para voar e tomar outros ares. Experimentou ser apassurado pela possibilidade de voos rasantes:

Trata-se de uma hecceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização: vida de pura imanência, neutra, para além do bem e do mal (...). A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida... (DELEUZE, 2002, p. 5)

Aquele que envelhece se descobriu hoje grande cantador de melodias. Um som lhe sustenta e é força inominável. Este som vibra nas cordas dos instrumentos de seus filhos. Podemos pensar que é uma vida trêmula. Seu canto único ressoa pelo meio dos tempos. Seu estalido nos faz lembrar algo...

8

História de cacos, restos e cantorias: os portões do mundo que meus avós criaram.

*... uma voz, um vento, um sussurro,
relampo, trovão e murro nos que se lembraram.
Uma palavra quase sem sentido,
um tapa no pé do ouvido, todos escutaram.
Um grito mudo perguntando aonde
nossa lembrança se esconde,
meus avós gritaram.⁴⁶*

Um apelo, quase um grito. Mesmo que sem palavras, eu vi, nos olhos daqueles que envelhecem, um relampo. As rugas ocupando todo o corpo. Rugas a fora, rugas invadiando algo que é dentro e é fora: a pele de caminhos cravados.

São caminhos tortuosos, “quase sem pegadas”⁴⁷. Um sulco fabricado rodeando os lábios conta sobre sorrisos. Todavia, as marcas deixadas pelo tempo, as nossas histórias, não são contínuas: uma ruga começa bem aqui no canto da boca, logo termina, e a expressão ranzinza toma conta de marcar outra ruga, entrecruzando sulcos. É que na vida a história se dá assim: um começo logo próximo do fim, em que acontecimentos se entrecruzam e por vezes sedimentam em nós um sorriso fabricado no ato mesmo de sorrir.

Estas marcas podem guardar a força das lembranças. Talvez seja isso que via nos olhos daqueles que envelhecem: lembranças que, despertadas em nossas conversas, relampeavam. Se nos aventurarmos a ouvir as pegadas de nossos corpos que caminharam por esta terra, o que ouviríamos? O que contam os caminhos de nossas rugas?

Tive a oportunidade de colher histórias, lembranças, cenas urbanas por vezes silenciadas de palavras. Obscurecidas histórias narrando pequenas insurgências, trajetórias que não ganharam a importância de poder ser recontadas, de perdurar na forma de um Registro Histórico. São apenas restos de acontecimentos, desimportâncias cotidianas, lembranças envelhecidas, imagens vívidas.

⁴⁶“Vale do Jucá”, composta pelo cantor e compositor Siba. Música lançada em 2007 no álbum *Toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar*.

⁴⁷Idem.

A aposta é que nelas ainda contenham vibração. Vibração capaz de romper com o continuum da história e reverberar quebradas, colocando uma pulga atrás da orelha: “e se?” E se eu me detivesse a escutar aquilo que acontece e supostamente não tem valor? E se a história pudesse ser mais que grandes eventos, figuras importantes, marcos históricos, prédios imponentes? E se a história fosse feita por mãos quaisquer, feita por quem levantou com as próprias mãos os marcos da urbe, feita pela tinta escondida na segunda mão da pintura dos prédios imponentes?

As narrativas que compõem esta pesquisa e escrita ensaística nasceram da montagem dos casos e fragmentos colhidos em minhas andanças nestes últimos anos. São cenas, pequenas conversas, músicas que me foram assoviadas. Papos tecidos em caminhadas ao lado de um daqueles que envelhecem e me mostraram um casarão antigo, uma rua que mudou de nome, os resquícios de uma praça por vias de desaparecer, não fossem aquelas memórias, não fossem as músicas que resistiram e foram compostas nessas mesmas praças.

Esses fragmentos foram costurados, recontados e colados por mim, na tentativa de montar imagens do envelhecer e da experiência de como tem sido as passagens dos tempos em nós nos dias de hoje. Desenham imagens que ardem:

Arde por seu intempestivo movimento, incapaz como é de deter-se no caminho (como se costuma dizer “queimar etapas”), capaz como é de bifurcar sempre, de ir bruscamente a outra parte (como se costuma dizer “queimar a cortesia”; despedir-se à francesa). Arde por sua audácia, quando faz com que todo retrocesso, toda retirada sejam impossíveis (como se costuma dizer “queimar os navios”). Arde pela dor da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 13)

Estas narrativas contam acontecimentos que compõem parte da história desses sujeitos, desse mundo que também a envelhecer, a engendrar processos de envelhecimento. Acontecimentos que não seguem o imperativo da moeda, que os daria valor ou não. São por vezes um passado preñado e inquieto, revelando-se nas lembranças e conversas. Sobre colecionar fragmentos e cenas, Walter Benjamin nos diz: “O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido pra história.” (BENJAMIN, 2012, p. 242).

Talvez o desejo que impulsiona esta pesquisa seja o de enrugando quem a lê, fazer arder temporalidades díspares à flor da pele, causar feridas em quem se disponha a ouvir um pouco sobre as memórias dos desconsiderados por certa forma de se fazer história (por pouco, essas memórias não foram completamente apagadas). Permitir que lembranças evoquem

lembranças de algumas vidas, de *uma vida qualquer*, que cheiros abruptos possam brotar dessas lembranças entre-tempos.



(Fotografia: Moisés Nascimento)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas vol. 1: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas vol. 3. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, W. **Passagens**. BOLLE, Willi; MATOS, Olgária (Org.). Trad. Irene Aron; Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Estatuto do idoso: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARANO, A. A. **Estatuto do idoso: avanços com contradições**. Disponível em: http://gerontologia.org/portal/archivosUpload/uploadManual/td_1840.pdf. Acesso em 17 de jul, 2014.

CHAUÍ, M. **Homenagem à Ecléa Bosi**. *Psicol. USP*, São Paulo, jan./mar. 2008, 19(1), 15-24

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999

DEBERT, G. G; SIMÕES, J. A Aposentadoria e a Invenção da “Terceira Idade”. **Textos Didáticos**, Campinas, v.1, n.1, n.13, p.31-49, mar.1994.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE; GUATTARI. **Kafka: Por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: **Revista Educação & Realidade**, vol 27, nº 2. P. 10-18. Jul/ dez, 2002.

DIDI-HUBERMAN, G. “Quando as imagens tocam o real”. Trad. Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. In: **Revista PÓS: Belo Horizonte**, v. 2, nº 4, p 204-219, nov. 2102.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos Vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOMINGUES, L. **À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Sulina da UFRGS, 2010.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FARANI, GALLI. A clínica do virtual. In: **Revista Estudos e Pesquisas e Psicologia**, ano 10, n. 2, p 309-340. 2º quadrimestre de 2010.

FELDMAN, I. Na contramão do confessional: O ensaísmo em Santiago, Jogo de cena e Pan-Cinema Permanente. In: Migliorin, Cezar (organizador). **Ensaio no real. O documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, p. 149-157.

FERREIRA, M. S. Por uma concepção crítica de infância. In: **Revista Psicologia & Sociedade**, vol.27, p 394-403, maio/ago de 2015.

FONSECA, L.B; LOPES, K.J.M. Entre Velhos e Outros nem tão Idosos Assim: Cuidado de Si em Tempos de Biopoder. In: **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, jul-dez, 2011, p 276-283.

FORNAZARI, S. K. **The bergsonism of Giles Deleuze**. Trans/Form/Ação, (São Paulo), v.27 (2), p.31-50, 2004

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza de Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975- 1976)**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad, Salma Tannus Muchail. Rio de Janeiro: Editora n-1, 2014.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da Clínica**. 6º ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. Prefácio à Transgressão. In: **Ditos e Escritos III: Estética e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAGNEBIN, J. M. Entre a Vida e a Morte. In: OTTE, G; SEDLMAYER, S; CORNELSEN, E (Org.). **Limiares e Passagens em Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Editora UFMG,

2010.

GAGNEBIN, J. M. **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GAGNEBIN, J. M. Memória, História, Testemunho. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, p. 49-57, 2006.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIMARÃES, C. Comum, ordinário, popular: figuras da alteridade no documentário brasileiro contemporâneo. In: Migliorin, Cezar (organizador). **Ensaio no real. O documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010, p. 181- 198.

IAU. **The constellations**. Disponível em: <http://www.iau.org/public/themes/constellations/> . Acesso em 14 de dez. 2013.

LARROSA, J. B. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, n.19, p.20-28, jan./fev./mar./abr. 2001.

LEVI, P. **É isto um homem?** . Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MACIEL JR., A.; MELO, D. A. S. A Fundação do Subjetivo: O Hábito para Além da Psicologia. **Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense**, v. 18, n. 2, p. 69-82, Jul/Dez. 2006.

MOSCHEN, SIMONI. Outrar. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário**. FONSECA. T. M. G; NASCIMENTO. M. L; MARASCHIN. C. (Orgs.). Porto Alegre: Sulinas, 2012.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2007.

O MISTÉRIO DO SAMBA. Carolina Jabour; Lula Buarque de Hollanda. DVD (1h 28min), Rio de Janeiro, 2008.

PÉLBART, P. P. **O tempo não-reconciliado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

PRADO FILHO, K. Ontologia e ética no pensamento de Michel Foucault. In ZANELLA, AV., et al., org. **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 57-66. 2008.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2010.

RABINOW, P; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. In: **Revista Política e Trabalho**. Pernambuco, Número 24, p 27-57, abr 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – a questão dos Testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. clin.**, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65-82, 2008

“SENHORAS”. Allan Ribeiro. Vídeo. (17min). Rio de Janeiro, 2001.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

VEYNE, P. **Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

